



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS- UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA



**O IMAGINÁRIO MIDIÁTICO SOBRE OS IMIGRANTES INDÍGENAS
VENEZUELANOS: ¿UM PROBLEMA DE HUMANIDADE?**

Sinaí Madián Hernández de Albornoz

**MANAUS
2019**

SINAÍ MADIÁN HERNÁNDEZ DE ALBORNOZ

O IMAGINÁRIO MIDIÁTICO SOBRE OS IMIGRANTES INDÍGENAS

VENEZUELANOS: ¿UM PROBLEMA DE HUMANIDADE?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas UFAM, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Serviço Social.

Área de Concentração – Gestão Social, Desenvolvimento, Ambiente, Direitos Humanos, Cultura e Diversidade Socioambiental.

Orientadora: Profa. Dra. Lucilene Ferreira de Melo.

**MANAUS
2019**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

H557i Hernández de Albornoz, Sinaí Madián
O Imaginario midiático sobre os imigrantes indigenas
venezuelanos: ¿um problema de humanidade? / Sinaí Madián
Hernández de Albornoz . 2019
126 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Lucilene de Ferreira de Melo
Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na
Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Imaginarios sociais. 2. Migração venezuelana. 3. Indigenas da
etnia warao. 4. Meios de comunicação. I. Melo, Lucilene de Ferreira
de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

SINAÍ MADIÁN HERNÁNDEZ DE ALBORNOZ

O imaginário midiático sobre os imigrantes indígenas venezuelanos: um problema de humanidade?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal de Amazonas, para a obtenção do título de Mestra em Serviço Social.

Aprovado em: 17/04/2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lucilene Ferreira de Melo (Presidente)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Leila Chagas de Souza Costa (Membro)
Universidade Estadual de Roraima – (UERR)

Yoshiko Sasaki (Membro)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Maria do Perpetuo Socorro R. Chaves. (Suplente)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Roberta Justina da Costa. (Suplente)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

**MANAUS
2019**

DEDICATORIA

Ao coração valente do venezuelano que além das dúvidas e os medos, luta fora de suas fronteiras por um amanhã melhor. Principalmente a meu esposo e filho que fora de minha terra tem sido minha inspiração e suporte. A minha prima Kristy Navel que como emigrante luta a batalha pela vida longe de suas raízes.

Dedico

A quem dedico tudo o que sou o que eu tenho e o que eu faço ao meu Deus.

AGRADECIMIENTOS

Agradeço a Deus por colocar-me neste caminho de superação acadêmica e Profissional, por abrir meus horizontes e permitir-me adentrar num conhecimento que deu muita gratificação a minha vida.

A todos os que de uma ou outra forma contribuíram na construção deste trabalho, por sua colaboração e orações, mas especialmente quero agradecer a meu esposo José Albornoz por animar-me a iniciar com estes estudos e apoiar-me em tudo o processo ainda que em momentos tivéssemos que ficar distantes para alcançar os objetivos.

A meu filho José Alejandro, minha força e minha motivação para ser melhor cada dia.

À minha orientadora Lucilene quem para mim foi um Angel, com sua paciência, carinho e compreensão me direcionou e motivou no aprendizado.

A meus pais, sua presença e apoio incondicional me brindaram muita alegria e tranquilidade.

Aos professores, amigos e companheiros de Pós-Graduação, que foram de inspiração, ajuda e motivação, que estiveram sempre presente quando os necessitei, compartilhando experiências de muito aprendizado. O carinho por todos vocês é imenso.

Agradeço

Hernández, SMA. O imaginário midiático sobre os imigrantes indígenas venezuelanos: um problema de humanidade? [Dissertação]. Manaus: Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, 2019.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre Imaginários Sociais, e analisa como a mídia a partir de sua produção informativa contribui na construção e reconstrução deles, sendo de relevância dentro das matérias jornalísticas cada elemento que a conforma aprofundando assim a ideia que quer ser repassada para um setor da sociedade, especificamente na população de Manaus por meio das notícias publicadas nos jornais impresso e digital, A Crítica e D24am sobre a chegada dos imigrantes indígenas em Manaus. O estudo teve caráter descritivo, de abordagem qualitativa com recorte temporal desde o mês de fevereiro até o mês de agosto do ano 2017. Foram analisadas 20 matérias em sua estrutura visual, verificando em seus títulos, conteúdo e imagem a visibilidade Midiática das etnias indígenas venezuelanas constatando-se que só em um dos vinte títulos das matérias foi mencionada a etnia Warao e ainda sendo mencionada dentro dos conteúdos das matérias, a informação apresentada em torno a elas foi muito escassa e pouco frequente, limitando assim a possibilidade de dar-lhes a conhecer à população de uma maneira um pouco mais extensa e empática, deixando-os em um lugar distante sem uma compreensão mais profunda de sua cultura e identidade. Percebeu-se três momentos nos quais os significados da permanência dos indígenas da etnia Warao em Manaus se modifica desde a saída da Venezuela e chegada a Manaus, suas estratégias de sobrevivência e depois como expressão da questão social com impacto no governo municipal, regional e nacional. Constatou-se a contribuição da imagem na transmissão de uma mensagem que não só passa a informação senão que ajuda a à compressão dos sujeitos da notícia, aportando um conhecimento sobre eles a partir das fotografias que retratarem parte de sua cultura além de sua fisionomia e características gestuais, de comportamento e vestuário próprios da etnia indígena venezuelana Warao. A partir dos títulos e o conteúdo das matérias verificou-se uma tendência à homogeneização dos emigrantes da Venezuela em Manaus sem destacar as diferenças de raça e cultura. A comunidade receptora de Manaus manipulou por meio da imprensa informações supérfluas, algumas delas tendenciosas, que destacam o negativo mais que as qualidades que poderiam trazer benefícios à convivência de ambas culturas.

Palavras-chaves: Imaginários Sociais, Migração venezuelana, Indígenas da etnia Warao, Meios de Comunicação.

ABSTRACT

This work presents a study on Social Imaginaries, and analyzes how the media from its information production contributes to the construction and reconstruction of them, being of relevance within journalistic matters each element that conforms thus the idea that wants to be passed on to a sector of society, specifically in the population of Manaus through the news published in the print and digital newspapers, A Crítica and D24am on the arrival of the indigenous immigrants in Manaus. The study had a descriptive character, with a qualitative approach with a temporal cut from the month of February to August of the year 2017. Twenty subjects were analyzed in their visual structure, verifying in their titles, content and image the media visibility of the indigenous Venezuelan ethnicities. It was verified that only in one of the twenty titles of the subjects was mentioned the Warao ethnicity and still being mentioned within the contents of the subjects, the information presented around them was very scarce and infrequent, thus limiting the possibility of giving them the to know the population in a somewhat broader and more empathic way, leaving them in a distant place without a deeper understanding of their culture and identity. It was noticed three moments where the meanings of the permanence of the Waraos Indians in Manaus have changed since leaving Venezuela and arriving in Manaus, their strategies of survival and then as an expression of the social question with impact on municipal, regional and national government. It was verified the contribution of the image in the transmission of a message that not only passed information but that it helped to the compression of the subjects of the news, contributing a knowledge about them from the photographs that portray part of its culture besides its physiognomy and gestural characteristics, of behavior and clothing of the Venezuelan indigenous Warao ethnic group. From the titles and the content of the materials there was a tendency to the homogenization of the emigrants of Venezuela in Manaus without highlighting the differences of race and culture. The receiving community of Manaus manipulated through the press superfluous information, some of them biased, which highlight the negative more than the qualities that could bring benefits to the coexistence of both cultures.

Key-words: Social Imaginaries, Venezuelan Migration, Warao Indians, Media.

LISTA DE SIGLAS

ACNUR: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

CEPAL: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

CICPC: Corpo de Investigações Penais e Criminalísticas – Venezuela

CONARE: Comité Nacional para os Refugiados

CNIg: Conselho Nacional de Migração

MINPI: Ministério do Poder Popular para os Povos Indígenas - Venezuela

MPF: Ministério Público Federal

OEA: Organização de Estados Americanos

OIM: Organização Internacional para as Migrações

OMS: Organização Mundial da Saúde

ONG: Organização não Governamental

ONU: Organização das Nações Unidas

OPS: Organização Pan-Americana da Saúde

OVCS: Observatório Venezuelano de Conflitividade Social

OVV: Observatório de Violência de Venezuela

SEAS: Secretaria de Estado de Assistência Social do Amazonas

SEJUSC: Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania

SEMMASDH: Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos

SEMSA: Secretaria Municipal de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO12

CAPITULO I16

MIGRAÇÃO MASSIVA VENEZUELANA COMO FENÔMENO SOCIAL16

NO INICIO DO SÉCULO XXI16

1.1 Reflexões sobre a Categoria Teórica Migração: as cidades e seus migrantes17

1.2. Emigração venezuelana como uma expressão da Questão Social27

1.2.1. A Questão Social na Venezuela no período Chavista-Madurista (1999-2018)34

1.2.2 Conflitos sociais, suas manifestações e seus resultados37

1.3. A Etnia indígena Warao se somaram ao êxodo venezuelano41

CAPITULO II47

O IMAGINÁRIO SOCIAL COMO CONSTRUTOR DA REALIDADE47

A PARTIR DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.47

2.1. Os Imaginários Sociais: uma discussão teórica47

2.2. Os Meios de Comunicação sua Função Social e Operacionalidade56

2.3. Imaginários Sociais sobre imigrantes construídos a partir dos Meios de Comunicação.63

2.3.1 A imigração histórica no Brasil64

2.3.2 Brasil como destino econômico66

2.3.3 Imigração humanitária no Brasil68

CAPÍTULO III73

A MÍDIA AMAZONENSE E A IMAGEM DOS IMIGRANTES73

INDÍGENAS VENEZUELANOS73

3.1. Visibilidade Midiática das Etnias Indígenas Venezuelanas em Manaus Brasil.74

3.1.1 Visibilidades das etnias indígenas venezuelanas nos títulos das matérias74

3.1.2 Visibilidade das etnias indígenas venezuelanas no corpo e nas imagens das matérias78

3.2 Os significados atribuídos aos imigrantes indígenas venezuelanos pela mídia amazonense.82

3.2.1 Significados da saída da Venezuela dos imigrantes indígenas e sua chegada a Manaus.85

3.2.2 Significados das Estratégias de Sobrevivência dos indígenas venezuelanos.89

3.2.3. O significado do processo migratório dos indígenas venezuelanos como expressão da Questão Social.95

3.3 A Imagem dos venezuelanos a partir da Difusão Midiática100

3.3.1. Imagem visual dos indígenas venezuelanos como Objetos da Caridade101

3.3.2 Imagem visual dos indígenas como objeto da Questão Social107

CONSIDERAÇÕES FINAIS114

REFERENCIAS117

INTRODUÇÃO

A imigração dos indígenas venezuelanos a cidade de Manaus/Brasil a partir do final do ano 2016 foi um acontecimento a que a imprensa da região amazonense deu cobertura informativa, passando à população local imagens e significados sobre os imigrantes indígenas da Venezuela, os quais contribuíram com a construção e reconstrução dos imaginários sociais que influenciaram nos pensamentos, falas e ações da população em torno do problema, o qual passou a fazer parte da questão social na cidade.

A emigração indígena venezuelana consegue nos fazer refletir sobre o profundo estado de dor das condições de vida e sobrevivência na Venezuela, numa crise que se iniciou nas esferas política e econômica até converter-se numa crise humanitária, afetando profundamente à sociedade que sem suportar o peso do desamparo do Estado, e já sem esperanças pelas condições precárias, decide ultrapassar suas fronteiras para sobreviver eles e seus filhos.

Além do Venezuelano comum, uma das etnias indígenas venezuelanas que decidiu deslocar-se desde o norte de seu país até o sul para emigrar sem nenhum plano ou propósitos além de conseguir sustento foram os Waraos, uma das populações indígenas mais antigas do território venezuelano. Assim cruzaram as fronteiras passando o estado de Roraima até chegar à capital amazonense a final do ano 2016.

O encontro entre duas culturas abarca inúmeros elementos produzidos pela dinâmica demográfica dos que chegam de outras terras, do conhecimento prévio de quem recebe. É de nosso interesse descrever o que determina o recebimento, acolhida e aceitação desse outro que vai se inserir numa sociedade para viver e compartilhar território, trabalho, e tudo o que um Estado e uma sociedade estão para oferecer àqueles que vão morar no mesmo espaço.

O poder da mídia sobre a sociedade tem sido tema de controvérsia desde sua aparição, estudado por grandes teóricos e profissionais da comunicação e da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). Na mídia cada tema político ou de interesse coletivo é analisado para levar um produto informativo alinhado à agenda do meio ou da linha política/econômica das diferentes editoriais que circulam, seja impresso, audiovisual (rádio e televisão) ou através das redes sociais as quais possuem maior feedback e impacto na opinião pública. As matrizes informativas construídas pela mídia não possuem diferenças quanto à

elaboração das mensagens, pois não são realizadas de forma ingênua ou sem ter uma posição específica sobre a temática abordada.

Estudar sobre estes fenômenos sociais constitui-se um fator importante para problematizá-lo e refletir sobre os processos migratórios e sua relação com a construção dos imaginários sociais, a partir da produção informativa dos meios de comunicação.

Partindo dessas reflexões a pesquisa teve como objetivo geral a análise da matéria jornalística veiculada pela mídia amazonense sobre os imigrantes indígenas venezuelanos desde o mês de fevereiro até agosto do ano 2017, desdobrando-se na verificação nos títulos das matérias da mídia amazonense os significados atribuídos aos imigrantes indígenas venezuelanos, a interpretação do que as imagens nas matérias da mídia amazonense estão comunicando e evidenciar o conteúdo das matérias na mídia amazonense dos imigrantes indígenas venezuelanos.

O presente estudo está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, com apoio financeiro por meio de bolsa conferida por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na pós-graduação *stricto sensu*; vinculada à promoção da cooperação científica internacional à que estudantes do continente americano acessam por meio da Organização de Estados Americanos (OEA).

A pesquisa delineou-se como um estudo de caráter qualitativo e explicativo, de tipo documental, pois os documentos a serem analisados são as matérias de jornais com as respectivas imagens fotográficas publicadas em jornais regionais *Acrítica* em sua versão impressa e *D24am* em sua versão online. Para a análise das matérias, se trabalhará com Análise de Conteúdo, Temática onde Minayo, (2010) descreve que é feita uma leitura de primeiro plano para atingir os níveis mais profundos. Nesse momento, deixa-se impregnar pelo conteúdo do material. Na segunda etapa, realiza-se uma exploração do material. Trata-se aqui da análise propriamente dita. Como etapa final, é elaborada uma síntese interpretativa através de uma redação que possa dialogar temas como objetivos, questões e pressupostos da pesquisa.

A dissertação divide-se em 03 (três) capítulos: a primeira etapa deste estudo abordasse uma discussão teórica sobre a migração, entendendo que os movimentos migratórios são um fenômeno social que faz parte da história do ser humano e da história de populações completas que tem se movimentado por razões diversas, faremos uma abordagem teórica das migrações

no primeiro capítulo da pesquisa, entendendo como emigrante a aquele que se retira de seu lugar de origem cruzando os limites das suas fronteiras, e ao imigrante como aquele que se insere em uma nova sociedade fazendo mudança na residência para viver nesse novo lugar (WELTI, 2000, p.16).

É importante compreender que a migração produz modificações em relação com a população que deixa seu lugar de origem, assim como aquela que recebe ao imigrante. Segundo apreciações de Welti (2000) fatores como sexo, idade, escolaridade, grupo étnico, vão ter um impacto específico na comunidade receptora, que poderá receber com qualificações positivas como: representa uma força de trabalho, tem um nível de qualificação ou recursos econômicos para empreender, ou pelo contrário, representa uma carga para o Estado, chegam em condições precárias sem a possibilidade de manter-se desde o momento que ingressar ao novo território.

No segundo capítulo serão apresentados os imaginários sociais como construtores da realidade a partir dos meios de comunicação, a partir duma breve discussão teórica sobre os imaginários sociais, seus principais expoentes e os conceitos apresentados por eles, onde destaca o conceito gerado por Juan Pintos (2014, p.7) quem assegura que os imaginários sociais são: “esquemas construídos socialmente que orientam nossa percepção, permitem nossa explicação e fazem possível nossa intervenção. No que em diferentes sistemas sociais seja tido como realidade”. Assim se explicaram as funções sociais e funcionalidade dos meios de comunicação e de que maneira os meios de comunicação contribuem com a construção dos imaginários sociais.

No terceiro capítulo será feita a análise das matérias jornalísticas e seus resultados, constatando no primeiro lugar se as etnias indígenas da Venezuela são visualizadas a partir da mídia, também serão verificados os significados atribuídos aos imigrantes indígenas corroborando se os significados variam conforme a publicação das matérias.

As fotografias também serão analisadas no contexto da imagem dos indígenas venezuelanos como objetos da caridade e como objetos da questão social. As imagens jornalísticas foram analisadas a partir de modelo de Laswell Harold, trata-se de um modelo basicamente descritivo cuja finalidade é estabelecer os âmbitos de análises dos atos comunicativos os quais poderiam ser descritos a partir de cinco interrogações: Quem diz? Que diz? Que canais? A quem? Com que efeito?

CAPITULO I

MIGRAÇÃO MASSIVA VENEZUELANA COMO FENÔMENO SOCIAL

NO INICIO DO SÉCULO XXI

A migração venezuelana é um fenômeno que surpreendeu o mundo e a seus próprios habitantes, sendo a Venezuela catalogada como uns dos países mais ricos da região, cheio de recursos naturais, o que faz dele um país muito atraente. Com abundantes reservas de petróleo e minerais como ouro e bauxita, além de inúmeras bondades geográficas como terras férteis e clima tropical, ninguém iria imaginar que poderia acontecer uma emigração massiva forçada por uma situação de precariedade econômica e convulsão social que ameaça a sobrevivência dentro da nação.

Com uma longa trajetória de muitos anos no recebimento de imigrantes de diversos países do mundo, o habitante da Venezuela não tinha experiência na emigração. A mobilização de emigrantes na Venezuela, contabilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em mais de três milhões de pessoas nos últimos três anos, é um precedente que ficará na história do país. Sobretudo porque desde o ano 2017 não somente cresce a quantidade de emigrantes venezuelanos como também a precarização deles, com o qual sair do país tem se tornado em uma experiência cada vez mais traumática. É muito diferente viajar para um destino incerto com os últimos recursos econômicos disponíveis, ou muitas vezes sem dinheiro, em comparação a viajar para um destino certo com planejamento e recursos suficientes para a manutenção por um período razoável.

Infelizmente o primeiro caso descrito corresponde a maioria dos emigrantes venezuelanos que conseguem apenas sair pelas fronteiras terrestres para ficarem na Colômbia e no Brasil.

1.1 Reflexões sobre a Categoria Teórica Migração: as cidades e seus migrantes

Conhecendo que esta categoria pertence a um ato inerente ao ser humano, que inclui a mobilidade em espaços adequados para o bom desenvolvimento da espécie humana, trazemos uma reflexão em torno a este fenômeno que é parte da história da humanidade, também tem desenvolvido certas modificações ao longo do tempo, dependendo do contexto temporal, geográfico, social, econômico e até cultural.

A migração é entendida como um fato natural no ser humano, através da qual se procura as condições apropriadas para se estabelecer num novo território, e que no início da humanidade a subsistência se dava a partir do deslocamento motivado pelas condições ambientais, particularmente do clima, o qual determinava a proliferação ou não de certas espécies que sustentavam uma comunidade.

O assentamento e conformação das comunidades iniciam com o trabalho agrícola e a construção das cidades e povos, com a respectiva divisão política territorial que deu origem aos países e suas fronteiras. Segundo Fantazzini, no trabalho sobre Políticas Públicas para as Migrações Internacionais, o século XX mostra algumas diferenças em relação aos direitos que atualmente possuem os migrantes em território internacional, onde seus direitos cidadãos se encontram restringidos por uma série de legislações e protocolos que devem ser viabilizados por meio de diferentes instituições no país receptor.

Muitos países no século XX não adotavam nenhum tipo de diferença em relação aos direitos dos nacionais e estrangeiros e a livre circulação entre os países era permitida. O Código Civil holandês (1839), o Código Civil chileno (1855), o Código Civil argentino (1869) e o Código Civil italiano (1865) foram exemplos de legislações que equiparavam direitos. O estrangeiro era um cidadão e podia se fixar onde as condições econômicas lhe fossem mais vantajosas. (FANTAZZINI, 2005, p. 5)

As regularizações do trânsito a nível internacional iniciam logo da segunda guerra mundial. Seria só até a metade do século XX que surgiria uma normativa com ordem internacional garantindo o livre trânsito a partir da Declaração Universal dos Direitos do Homem, da ONU, datada o dia 10 de dezembro de 1948, que foi precursora em afirmar o direito à liberdade de circulação internacional das pessoas, bem como seu reconhecimento como norma jurídica. Assim, no seu artigo 13, preceitua:

“1. TODO HOMEM TEM DIREITO À LIBERDADE DE LOCOMOÇÃO E RESIDÊNCIA DENTRO DAS FRONTEIRAS DE CADA ESTADO.”

“2. TODO HOMEM TEM DIREITO DE DEIXAR QUALQUER PAÍS, INCLUSIVE O PRÓPRIO, E A ESTE REGRESSAR.”

Outros instrumentos internacionais que sucederam a Declaração Universal também dispuseram sobre esse direito. A Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem, datado 2 de maio de 1948, em seu artigo 8º preceitua:

“Toda a pessoa tem o direito de fixar sua residência dentro do território do estado do qual é nacional, de transitar por ele livremente, e não deixá-lo, a menos que seja por sua própria vontade.”

O 16 de dezembro de 1966 se estabelece no Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos no artigo 12:

1. TODO INDIVÍDUO QUE SE ENCONTRE LEGALMENTE NO TERRITÓRIO DE UM ESTADO TERÁ O DIREITO DE CIRCULAR LIVREMENTE POR ELE E DE LIVREMENTE ESTABELECEER SUA RESIDÊNCIA DENTRO DELE.

2. TODO INDIVÍDUO TERÁ O DIREITO DE SAIR LIVREMENTE DE QUALQUER PAÍS, INCLUSIVE DO SEU PRÓPRIO.

3. OS DIREITOS ACIMA MENCIONADOS NÃO PODERÃO SER OBJETO DE RESTRIÇÕES, SALVO QUANDO ESTAS SE ENCONTRAREM ESTABELECIDAS EM LEI E FOREM NECESSÁRIAS PARA PROTEGER A SEGURANÇA NACIONAL, A ORDEM, A SAÚDE E A MORAL PÚBLICA, OU OS DIREITOS E LIBERDADES DOS OUTROS, E FOREM.

4. COMPATÍVEIS COM OS DEMAIS DIREITOS RECONHECIDOS NO PRESENTE PACTO.

5. “NINGUÉM PODERÁ SER ARBITRARIAMENTE PRIVADO DO DIREITO DE ENTRAR EM SEU PRÓPRIO PAÍS.”

Estes direitos e legislações internacionais serão os que demarcarem o princípio das leis migratórias dos países, direito ao livre trânsito e a sair de um país, sendo o próprio ou não, sem ser retido, direito a formar sua residência em um lugar onde esteja devidamente legalizado, sendo assim a vontade individual respeitada em um mundo onde ser migrante não é um delito

segundo as legislações, embora que muitos imigrantes sejam criminalizados por seu status socioeconômico e as concepções de certas sociedades.

No Brasil, a migração internacional era regulada por normas legais implementadas no período do Regime Militar, quando se criou o Conselho Nacional de Migração (CNIg), onde qualquer imigrante era visto como uma possível ameaça a “estabilidade e a coesão social” do país, predominando, portanto, o enfoque da Segurança Nacional prejudicando particularmente aos imigrantes não qualificados, priorizando assim aos qualificados. Sidney (2016, p.194).

Esta normativa aplicada no período ditatorial do Brasil descreve com o artigo 5º da Constituição Federal que declara - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade, direitos que muitas vezes são ameaçados quando o emigrante não tem as condições econômicas e sociais adequadas para estabelecer-se no lugar onde emigra.

Entre tanto o artigo 1 e 2 da lei 6.815, de 19 de agosto de 1980 afirmava:

Art. 1º Em tempo de paz, qualquer estrangeiro poderá, satisfeitas as condições desta Lei, entrar e permanecer no Brasil e dele sair, resguardados os interesses nacionais. Art. 2º Na aplicação desta Lei atender-se-á precipuamente à segurança nacional, à organização institucional, aos interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil, bem assim à defesa do trabalhador nacional. (BRASIL, 1980, spp.)

Este Estatuto do Estrangeiro n. 6.815/1980 assinado pelo presidente João Figueiredo, foi quem ditou as regras legais da política migratória do Brasil por quatro décadas, junto ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg), o qual manteve em prática, num cenário de baixa pressão imigratória, a política de mobilizar, selecionar e localizar, que desde sempre predominou nas políticas migratórias implementadas no país, seguindo a lógica de atender às demandas pela necessidade força de trabalho estrangeira qualificada.

Este estatuto migratório se dá pela necessidade que se apresenta, a partir dos anos 1980, quando a questão migratória voltou a ter relevância na agenda política e social brasileira, em que, entre outros aspectos, destacam-se: a emergência, naquela década, da emigração internacional, pois brasileiros passaram a viver no exterior em situação de vulnerabilidade e não vislumbravam as mínimas condições que favorecessem uma possível reinserção no país, como, por exemplo, aspectos relacionados a obtenção de trabalho e a cobertura da previdência

social; a entrada irregular de trabalhadores e suas famílias que vieram, sobretudo, da Bolívia e Paraguai.

Logo do Estatuto do Estrangeiro, outros projetos de lei foram propostos, entre eles estão o n. 5655 do ano 2009, o 288 de 2013 e o anteprojeto de lei de 2014, formulado por uma comissão de especialistas indicada pelo Ministério da Justiça. O primeiro projeto ainda incorporando garantias consagradas na Constituição Brasileira teve algumas contradições apontadas por Silva (2006 apud Sidney, 2016, p.194).

[...] no decorrer do texto estes princípios acabam ficando obscurecidos pela preocupação com a “Segurança Nacional”, limitando direitos e criando a possibilidade de criminalizar os imigrantes e suas redes, como por exemplo, através da “denúncia por interesse” proposta no artigo 138.

O projeto 288 de 2013 foi proposto e aprovado pelo Senado Federal em 02 de Junho de 2015, dando pé à nova Lei de Migração do Brasil.

Entretanto a referida lei era aprovada, a grande maioria dos venezuelanos e cidadãos de outros países (sem cidadania Mercosul e suas prerrogativas) que entravam com desejos de se estabelecer no Brasil, só tinham como opção fazer a solicitude de refúgio ante Conare, o qual permitia além de ter um status migratório legal no país, trabalhar e renovar anualmente a solicitação, ainda que eles não saíssem por causa de perseguição política ou religiosa.

Atendendo a grande demanda de imigrantes que procuraram se estabelecer legalmente no país e que contavam exclusivamente com a opção de solicitante de refúgio, o Conselho Nacional de Imigração do Brasil aprovou a Resolução Normativa CNIg Nº 126 DE 02/03/2017, a qual dispõe sobre a concessão de residência temporária nacional aos refugiados de país fronteiriço que ainda não fazem parte do acordo Mercosul. Em seu Art. 1 prevê a possibilidade de residência temporária até dois anos, ao estrangeiro nascido em país fronteiriço onde não esteja em vigor o Acordo de Residência para Nacionais dos estados partes do MERCOSUL e países associados.

O passado 24 de Maio de 2017 foi finalmente aprovado no Brasil a nova lei n. 13.445 de Migração que entrou em vigência o dia 21 de Novembro do mesmo ano, substituindo definitivamente ao Estatuto do Estrangeiro, procurando uma melhora nos direitos e as condições do imigrante como novo cidadão no Brasil.

Esta lei, que dispõe sobre os direitos e os deveres do imigrante e do visitante, regular a sua entrada e estadia no País, e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o imigrante. A mesma declara que devesse reger-se pelos Princípios de universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos; repúdio e prevenção a xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação; não criminalização da migração; não discriminação em razão dos critérios ou dos procedimentos pelos quais a pessoa foi admitida em território nacional; promoção de entrada regular e de regularização documental; acolhida humanitária; desenvolvimento econômico, turístico, social, cultural, esportivo, científico e tecnológico do Brasil; garantia do direito à reunião familiar; igualdade de tratamento e de oportunidade ao migrante e a seus familiares; inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas públicas entre outros que a posicionam como um suporte jurídico adequado às exigências em direitos do homem.

Embora, que ao mesmo tempo de sua entrada em vigor e com ela a esperança de melhoras significativas para os imigrantes que vivem no Brasil e esperam se integrar gradualmente na sociedade brasileira, também recebeu o veto de 20 artigos pelo presidente Michel Temer, onde destacam a suspensão da previsão de anistia e a possibilidade de exercer cargos, empregos e função pública, entre outros, que impedem o avanço na condição do imigrante no país e continua deixando vazios na regularização jurídica dos estrangeiros nesta nação do sul.

Se bem é verdade que a migração é um fato próprio da história do ser humano, procurando melhores espaços, terras, climas e condições para viver e se estabelecer em paz e com possibilidades de cobrir suas necessidades, também é certo que países e cidades tem tido que se adaptar a chegada dos imigrantes, que tem saído de seus países por guerra, fome ou outros motivos pessoais, e tem se deslocado para países e cidades que, pelas características de crescimento econômico, parecem poder oferecer uma melhor qualidade de vida que seus próprios lugares de origem.

No final do século XIX com a chegada da industrialização, a transformação de cidades em grandes centros industriais deu pé à chegada de muitos imigrantes. Alguns dos países com progressos espetaculares no início do século XX foram Japão e Alemanha. Em eles e principalmente nas suas capitais, a ingerência estrangeira trouxe consequências e xenofobia por parte dos nativos dessas cidades.

No Japão com seu grande crescimento nas cidades “restava, no entanto, um sentimento generalizado de que as idéias tradicionais e modos de vida mais nobres estavam sendo atacados por forças estrangeiras impessoais e perigosas” (KOTKIN, 2007, p.184).

No caso da Alemanha,

La próspera indústria de Berlin atrajo alemanes de las provincias rurales, así como a inmigrantes de las empobrecidas áreas metropolitanas de Polonia. Muchos de los recién llegados se sentían en parte inspirados y en parte horrorizados por una ciudad donde “la economía del dinero” anulaba los valores tradicionales (KOTKIN, 2007, p.188)¹.

Também se observou altos índices de xenofobia e que ainda aumentava muito mais com relação aos judeus, que cresceram e prosperavam tanto em Berlin como em outras cidades desse país. (KOTKIN, 2007, p.190).

Nesse mesmo contexto de crescimento e industrialização, a seguridade e a existência ativa da economia conformam elementos presentes nas cidades e países que recebem ao imigrante.

La sacralidad y la seguridad no bastan por sí solas para crear grandes ciudades...Esto requiere una economía activa integrada por artesanos, comerciantes, obreros, y por desgracia en muchos lugares a lo largo de la historia y hasta época reciente, también esclavos (KOTKIN, 2007, p.26)

E é nessa economia ativa onde se insere a população de imigrantes, que em sua maioria se deslocam para oferecer nova mão de obra a um país. Tal é o caso da imigração mexicana nos Estados Unidos, país que tem tido de maneira mais o menos constante demanda de mão de obra, mas pelo fato de a imigração não ter sido sempre definitiva, esse país se mantém como um destino muito apreciado tanto para imigrantes legais como ilegais.

A emigração Mexicana a Estados Unidos de América significou e ainda significa um aporte à economia mexicana e as famílias que recebem remessas de más de nove milhões de mexicanos que moram nesse país, segundo a fonte: Estimaciones de CONAPO com base em American Community Survey, 2005.

1A indústria próspera de Berlin atraiu alemães das províncias rurais, bem como imigrantes das áreas metropolitanas empobrecidas da Polónia. Muitos dos recém-chegados se sentiram parcialmente inspirados e parcialmente horrorizados por uma cidade onde "a economia do dinheiro" anulou os valores tradicionais (KOTKIN, 2007, p.26).

Desde el siglo pasado las remesas han adquirido creciente importancia, la cual va más allá de la importante captación de dólares, sino también en el sostenimiento económico de millones de familias. Las remesas se han convertido en las últimas décadas en un flujo de divisas de suma importancia para la economía mexicana. Este rubro constituye uno de los principales en el renglón de transferencias corrientes de la balanza de pagos y funge como una verdadera inyección de recursos en sectores específicos de la economía nacional (FRANCO, 2012, p.54)².

Mais atualmente essa imigração mexicana para os Estados Unidos veio a ser uma situação de conflito devido à quantidade de imigrantes irregulares dentro do país, com um impacto relevante na política migratória Norte Americana e que desencadeara uma das discussões mais intensas nas últimas eleições presidenciais nessa nação.

Desse modo, o candidato à presidência, hoje presidente, teve um discurso contra dos imigrantes, ofensivo, desqualificador que criminalizava aos imigrantes. Ele conseguiu a partir de seu discurso colocar ao eleitor nativo e branco especialmente, que também tem sido afetado pelo capitalismo, ver ao imigrante como o culpado da crise e da instabilidade que vem se pronunciando nessa nação, e criar além de seu apoio uma conduta xenofóbica nas políticas de governo que contrastam com as intenções de ajuda a outros países como a Venezuela, que também sofre uma crise migratória.

Durante su campaña Donald Trump inauguró un estilo discursivo que rompía con los estándares de lo políticamente correcto: insultaba a los mexicanos, después a los musulmanes, a las mujeres, a los asiáticos, y enarbolaba un discurso racista y antinmigrante. Luego atacaría a la prensa. Su campaña hacia la Casa Blanca tuvo entre sus ofertas la deportación de 11 millones de migrantes indocumentados y la construcción de un muro en la frontera sur de Estados Unidos. En los mítines electorales realizados en estadios deportivos, miles de personas aplaudían con fervor al escuchar sus mensajes y coreaban el estribillo «Buildthewall» ‘construyan el muro’. Y cuando él les preguntaba «¿quién va a pagar el muro?», las masas enardecidas respondían: «¡México, México, México!». (OEHMICHEN CRISTINA, 2018, p.4)³.

2Desde o século passado, as remessas se tornaram cada vez mais importantes, o que vai além do aumento significativo de dólares, mas também do apoio econômico de milhões de famílias. As remessas se tornaram nas últimas décadas um fluxo de moeda estrangeira de grande importância para a economia mexicana. Este item constitui um dos principais itens na linha de transferências correntes do balanço de pagamentos e serve como uma injeção real de recursos em setores específicos da economia nacional. (FRANCO, 2012, p.54)

3Durante sua campanha, Donald Trump inaugurou um estilo discursivo que rompeu com os padrões do politicamente correto: ele insultou os mexicanos, depois os muçulmanos, as mulheres, os asiáticos e ergueu um discurso racista e antiimigrante. Então ele atacaria a imprensa. Sua campanha à Casa Branca incluiu, entre suas ofertas, a deportação de 11 milhões de migrantes indocumentados e a construção de um muro na fronteira sul dos Estados Unidos. Nos comícios eleitorais realizados nos estádios esportivos, milhares de pessoas aplaudiram com fervor ao ouvir suas mensagens e cantaram o refrão «Construa o muro» para

Essa política migratória restritiva que contradiz os tratados humanitários cria um precedente e constitui um estímulo para os governos da direita em nosso continente e no mundo, num momento que acontece uma das maiores mobilizações migratórias a nível global, provocada por crises políticas (Venezuela), pobreza e altos índices de violência (Honduras) guerras (Síria) e desastres naturais (Haiti), entre outras situações conjunturais.

Neste contexto a Venezuela atravessa uma emigração nunca acontecida na sua história devido a uma intensa instabilidade política e socioeconômica que tem evoluído para uma crise humanitária sem precedentes no país.

Da mesma forma o Brasil teve um período onde sua emigração aos Estados Unidos de Norte América aumentou significativamente, assim como de todos os lugares do mundo se conseguiu observar pessoas e comunidades que tem emigrado a este país com diferentes motivações. O brasileiro também decidiu buscar superação pessoal, melhores oportunidades laborais e maior qualidade de vida. No período de 1980 a 1990, ao final da ditadura militar, a emigração de brasileiros para os Estados Unidos começou a crescer exponencialmente:

A partir de meados da década de 1980, foi detectado um boom migratório de valadarenses em direção aos Estados Unidos, quando nosso país enfrentava uma severa crise econômica. No entanto, apenas o fator econômico não é suficiente para justificar a opção pela imigração. (PINTO JULIANA, 2011, p. 45).

A população de Valadares do estado de Minas Gerais é um caso de referencial na emigração brasileira aos EEUU, mas que não foi limitada a essa região, tendo também grande concentração de mineiros, paulistas, cariocas, goianos e, mais recentemente, catarinenses, entre outros:

No censo norte-americano publicado em 2000, novos números indicam a dificuldade em precisar a quantidade de brasileiros imigrantes, mencionando-se no mínimo 160.000 e no máximo em 230.000 brasileiros legalizados nos EUA (MITCHELL, 2003, *apud* FAZITO DIMITRI E RIOS-NETO 2008, p.311).

“construir o muro”. E quando ele perguntou "Quem vai pagar pelo muro?", As massas enfurecidas responderam: "México, México, México!" (OEHMICHEN CRISTINA, 2018, p.4)

Certamente a emigração dessas décadas no Brasil apontava a países capitalizados e desenvolvidos que supunham a garantia de êxito e superação econômica, onde entraram países da Europa, Japão mais principalmente os Estados Unidos, tal como o destaca Fazito Dimitri e Rios-Neto (2008, p. 311): “Os fluxos mais significativos da emigração internacional contemporânea no Brasil são, de fato, aqueles destinados à América do Norte, especialmente aos Estados Unidos”.

Neste pequeno percurso por alguns dos cenários migratórios, a industrialização e com ela a demanda laboral que requer a força do trabalho, incidem de forma direta na questão social. Expressões como pobreza, exclusão, exploração do trabalhador, desigualdade, subalternidade, se criam através de uma disparidade e aproveitamento das estruturas econômicas com base no capital. Assim como refere-se Yazbek (2001, p.34): “Pobreza, exclusão, subalternidade, configuram-se, pois como indicadores de uma forma de inserção na vida social, de uma condição de classe e de outras condições reiteradoras da desigualdade, (como gênero, etnia, procedência etc.)”.

As cidades industrializadas ou com crescimento econômico se convertem em centros que atraem aos cidadãos vítimas dos desajustes e do descontrole econômico, político e social, e é assim como os movimentos populacionais se apresentam deslocando de territórios rurais onde não se oferece o apoio e as inversões são baixas em relação com as áreas urbanas, gerando segmentos atrasados em relação aos primeiros. É assim como as comunidades tendem a forçar a saída de seus habitantes. (MANZON, 2004, p.156).

[...] até os anos de 1950, os migrantes eram considerados temporários tanto na origem quanto no destino, sendo a migração algo benéfico para ambos. No país de origem, aliviava o desemprego e o excedente populacional; no destino os imigrantes ocupavam as lacunas deixadas pelos nativos no mercado de trabalho, exercendo tarefas desprezadas e suprimindo a falta de mão-de-obra. (SALES 1992, *apud* PINTO JULIANA, 2011, p.32).

A migração é vista como um fenômeno estrutural e histórico, pode ser explicado como uma sociedade assentada numa estrutura do capital que observa os processos de deslocamento como um resultado das diversas expressões da questão social.

Ao falar de uma deslocação forçada por causa das péssimas condições de vida e a suspensão dos direitos humanos e cidadãos que se apresentam em territórios em guerra e outros conflitos, como profundas crises econômicas e sociais, às vezes se fala também em parte de

uma luta de poderes entre os que dominam e os dominados, entre os patrões e os servos, remontando-nos assim a época do colonialismo.

Entendemos o processo migratório como um fenômeno social ligado a existência humana, cheio de incertezas e expectativas para seus protagonistas. Implica ficar longe da família e amigos, mas também uma complexa mudança cultural com consequências psicossociais importantes. E deve ficar claro que o fenômeno não é novo nem limitado a certas áreas geográficas no mundo, acrescentando-se conforme cresce a população mundial.

Para Aragon (2009) a migração internacional tornou-se um fenômeno de relevância mundial para os países de destino, de origem ou de trânsito. As migrações internacionais, atualmente, constituem um espelho das assimetrias das relações socioeconômicas vigentes em nível global. São termômetros que apontam as contradições das relações internacionais e da globalização neoliberal.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), nos 10 quinquênios-entre 1950 e 2000, um total de 16 países tiveram saldo migratório sempre negativo e sete países, no mesmo período tiveram saldo migratório positivo. A maioria dos países, todavia, intercala saldos negativos, positivos ou saldo zero.

Aragon (2009, p.23) afirma com base no relatório de desenvolvimento humano de 2009, que aproximadamente 195 milhões de pessoas moram fora de seus países de origem, o equivalente a 3% da população mundial, sendo que cerca de 60% desses imigrantes residem em países ricos e industrializados.

Na melhor das hipóteses as pessoas migram para melhorar suas condições de vida, seja na procura de oportunidades de emprego ou para cursar estudos avançados em países desenvolvidos. De acordo com os dados da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) contidos no "Panorama Social de América Latina 2004, a maioria da população migrante presente na região é oriunda da própria América Latina (58,7%), em 1990, era 48,8% e, em 1980, 36,9%".

Entre as razões apontadas para o crescimento da emigração inter-regional, sinalizam-se: a característica cultural, as raízes históricas comuns e a complementaridade dos mercados laborais subjacentes aos intercâmbios migratórios, além, claramente, da cessação das correntes imigratórias de ultramar. (MARINUCCI E MILESI, 2011, p.11)

E assim como a migração, estabelecida como um direito de todo cidadão do mundo, se confronta com o fato da perda de muitos dos direitos, que é percebida no momento de se reconhecer em outro cenário, político, social, econômico, que não adere ao imigrante como um cidadão de direitos, por enquanto ele não vai à procura de alguns dos direitos que oferece o país que recebe por meio de sua legislação.

Entre o início do século XIX e meados do século XX, América Latina e o Caribe foram cenários de intensa imigração desde a Europa. Porém, esse quadro tem se modificado em decorrência de fatores econômicos e sociopolíticos ocorridos no continente, bem como do processo de globalização. O Brasil e a Venezuela conviveram com diversas fases enquanto países receptores de migrantes. No caso do Brasil, esse processo deu-se até 1960. (PATARRA E BAENINGER, 1996).

A partir de 1990, o processo migratório inter-regional e transfronteiriça nos países latino-americanos aprofundou-se, com maior impacto para as cidades fronteiriças em função do custo baixo dessa migração em função da proximidade e a facilidade de acesso terrestre. Por ser um fenômeno social, esse processo migratório intensifica-se também em função do intercâmbio de moedas, que move a dinâmica econômica nas áreas fronteiriças. RODRIGUES (2014).

1.2. Emigração venezuelana como uma expressão da Questão Social

A questão social é um termo nascente no século XIX depois da industrialização na Europa, que levou o olhar da igreja e do Estado aos problemas apresentados na sociedade em geral e especificamente na classe trabalhadora, que além ajudou a superar o pensamento de que os problemas de cada indivíduo eram de sua absoluta responsabilidade, aceitando se a partir daí que questões ambientais, sociais e econômicas tinham impacto no desenvolvimento, impedindo, às vezes, que alguns grupos sociais ou populações saiam da pobreza.

O historiador chileno define a Questão Social como:

la totalidad de [...] consecuencias sociales, laborales e ideológicas de la industrialización y urbanización nacientes: una nueva forma dependiente del sistema de salarios, la aparición de problemas cada vez más complejos pertinentes a vivienda obrera, atención médica y salubridad; la constitución de organizaciones destinadas a defender los intereses del nuevo "proletariado"; huelgas y demostraciones callejeras, tal vez choques armados entre los trabajadores y la policía o los militares, y cierta popularidad de las ideas extremistas,

con una consiguiente influencia sobre los dirigentes de los amonestados trabajadores. (MORRIS1967, *apud* GREZ, 1995, p.79)⁴.

A partir desta definição da questão social, entendemos que em essa totalidade de consequências sociais se incluem todos os problemas que precisam receber a atenção ou a participação do Estado na procura de sua resolução. Diferentes expressões da questão social se apresentam no decorrer da história, e esse amplo número de situações vão a variar de acordo com o país, a população que habita nele y outros fatores que confluem em detrimento de uma comunidade.

Assim é como no processo de industrialização se produz a necessidade de modernizar a economia e o aparelho estatal, e ao mesmo tempo os problemas sociais e as conquistas políticas se revelam defasadas, como afirmara Ianni (1997, p.10). Nesse sentido a economia, o estado e sociedade não caminham da mão, senão que a sociedade fica por fora da equação, garantindo por meio das condições adversas dos trabalhadores o fortalecimento do sector financeiro, quem se vê servido por o Estado e a sociedade, esta última sofrendo a maior perda de direitos e benefícios que possam ter sido disponibilizados pelo Estado.

Uma das particularidades da questão social que sempre tem estado vigente em distintas épocas como fenômeno humano, é a migração. Neste sentido é de nosso interesse nos focar no caso do processo migratório desde Venezuela para o Brasil, que vem se apresentando recentemente.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) informou que para o ano 2015 tinham saído da Venezuela 606.281 pessoas, por sua parte o Banco Mundial situa a cifra em 655.400, outro dado importante é das cifras de migração venezuelana na Colômbia que no mês de Julho de 2017 segundo informação de Migração Colombiana, o ente que tem controle sobre a entrada de estrangeiros no país, 455.000 venezuelanos tinham tramitado o Cartão de

4A totalidade das conseqüências sociais, trabalhistas e ideológicas da industrialização e urbanização nascentes: uma nova forma dependente do sistema salarial, o aparecimento de problemas cada vez mais complexos relevantes para a moradia do trabalhador, assistência médica e saúde; a constituição de organizações destinadas a defender os interesses do novo "proletariado"; greves e manifestações de rua, talvez confrontos armados entre trabalhadores e a polícia ou os militares, e uma certa popularidade de idéias extremistas, com uma consequente influência sobre os líderes dos trabalhadores admoestados(MORRIS 1967, *apud* GREZ, 1995, p.79).

Mobilidade Fronteiriça. É importante assinalar que esta cifra não tem sido atualizada até o momento, porém se trata de uma realidade que aumenta diariamente.

Segundo estudo realizado pelo jornal Mexicano Forbes publicado em abril de 2018, os principais países aonde migram os venezuelanos são: no primeiro lugar Colômbia, seguido de Panamá, Espanha, Estados Unidos, Argentina, Brasil, Peru, Chile, Uruguai e México.

Do grande êxodo recente de venezuelanos ao exterior, 230.000 deles tem solicitado asilo em diferentes países do mundo. Segundo cifras oferecidas por Jose Samariego representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) na América Central, países como a Espanha é o primeiro que tem mais solicitações de asilo por parte de venezuelanos. Seguem na lista Estados Unidos, Itália e Canadá, no entanto Costa Rica, Panamá e México estão recebendo imigrantes em números crescentes.

Ter uma cifra precisa dos Venezuelanos no exterior tem sido complicado devido à dificuldade de regularização migratória, alguns dos venezuelanos que já emigraram, está em situação regular, Outros se encontram com a legalização em trâmite, alguma com petição de residência, dupla nacionalidade. Também tem quem está em condição irregular e outros como turistas.

No Brasil, segundo dados da Polícia Federal e publicados pela Rede Globo (Lei de Acesso à Informação) são mais de 33 mil os venezuelanos que solicitaram asilo na Polícia Federal entre 2017 e 2018, sem contabilizar ainda as solicitudes de Residência Temporária que tem sido disponibilizado pela nova Lei de Migração do Brasil.

Atravessar as fronteiras, neste caso a fronteira sul para os venezuelanos, é sinônimo de novas e melhores oportunidades, não só para eles senão também para seus familiares que ficaram em suas cidades de origem. Estes pensamentos se apresentam no imaginário de uma população que atravessa uma crise profunda a nível econômico, social e político, sem chegar a analisar que o país de destino, neste caso Brasil, não tem as melhores condições na atualidade como para receber e oferecer melhoras em sua qualidade de vida e direitos que garantam a superação de seus atuais conflitos.

Talvez o dito por Barroco (2003, *apud* Freire, 2006, p.26) serve para ilustrar o cenário atual de Brasil, um país que ainda na atualidade não parece ter as melhores condições para receber aos milhares de venezuelanos que tem chegado até agora, pois também seus próprios conflitos e fraquezas, encontrando-se “entre a desigualdade e a liberdade, entre a riqueza e a

pobreza, que atingem níveis nunca vistos: a miséria de milhares em favor da riqueza de poucos; logo, uma situação de perda relativa de conquistas no campo dos direitos humanos”.

E é que no contexto latino-americano o aumento da desigualdade e da extrema pobreza vem se incrementando e isso se acentua especialmente nos países de maior tamanho econômico e populacional como: Brasil, Argentina e México e Venezuela Tabares (2003, p. 36). Nesse sentido, a migração entre estes países, neste caso Brasil e Venezuela, que não se origina em um acordo entre países, senão na necessidade de fugir de uma realidade desumana, não contribui eficazmente na mudança da realidade atual desses migrantes.

Venezuela tem sido uma nação sem experiência migratória. Especificamente quando se fala de emigrar, sair do país não era muito atraente para o venezuelano comum. Acostumava-se receber migrantes más não exportar, e é por isso que a emigração venezuelana se produz por ondas e em três fases, segundo Luís Vicente León (diretor da empresa Datanálisis), especialista em pesquisas de opinião:

Primero lo hicieron muchos de los que más tenían. Llevaron sus familias y patrimonios lejos para protegerlos de lo que temían que pasaría y pasó: la pulverización del valor de sus inversiones en Venezuela. Después se fueron muchos de los más educados y formados. El país se les volvió hostil y cavernícola. Su desarrollo profesional estaba comprometido. Mientras la tecnología, la ciencia, la medicina, la educación avanzaba en el mundo a pasos agigantados, en un mundo globalizado, su país retrocedía hacia una primitivización inimaginable en el siglo XXI. En un focusgroup nos decían: “Venezuela es Macondo. Y Macondo es bello y sabroso, pero ahí no se puede vivir”. Se fueron entonces los doctores más preparados... y los más jóvenes. Los ingenieros más audaces... y los más jóvenes. Se fueron los economistas más internacionales... y los más jóvenes, los administradores, los periodistas, los músicos (incluyendo los cuatristas), siempre los más dispuestos a asumir riesgos... y los más jóvenes. Y entonces comenzó lo que tenía que comenzar. Se están yendo los demás. Los que no tienen patrimonio que perder, pero sí familias que mantener, en el medio de una hiperinflación espantosa que no saben cómo enfrentar ni entender. Es María sin compañía. Es Richard para Panamá. Es Linda para Madrid, Juan para Bogotá, Francisquito para Quito y Johnny para donde lo deje el autobús rumbo a Lima...”(LEON, 04 de fevereiro de 2018 p. 1)⁵.

5Primeiro, muitos daqueles que tiveram mais fizeram. Eles levaram suas famílias e propriedades para protegê-los do que eles temiam que acontecesse e acontecesse: a pulverização do valor de seus investimentos em Venezuela. Depois disso, muitos dos mais educados e treinados à esquerda. O país tornou-se hostil e homem das cavernas. Seu desenvolvimento profissional foi comprometido. Enquanto a tecnologia, a ciência, a medicina e a educação avançavam no mundo aos trancos e barrancos, em um mundo globalizado, seu país estava voltando para uma primitivização inimaginável no século XXI. Em um grupo focal, eles nos disseram: "A Venezuela é Macondo. E Macondo é lindo e gostoso, mas você não pode morar lá." Então os médicos mais preparados saíram ... e os mais jovens. Os engenheiros mais ousados ... e os mais novos. Os economistas mais internacionais foram ... e os mais jovens, os administradores, os jornalistas, os músicos (incluindo os cuatristas), sempre os mais dispostos a correr riscos ... e os mais novos. E então

E muitos outros para Colômbia e Brasil, dois dos três únicos países que fazem fronteira terrestre com a Venezuela. Essa terceira onda migratória de aqueles que no meio da desesperação fogem para tentar sobreviver, está constituída na maioria por pessoas com menos possibilidades econômicas, sem nenhum ou com pouco estudo formal, obreiros, indígenas, e todo mais das capas sócias mais baixas. Uns poucos são profissionais, que na maioria dos casos usam ao Brasil como ponte para viajar a outros países.

Quando a porcentagem de imigrantes é constituída na sua maioria por profissionais e estudantes, se considera como uma fuga de cérebros (Lares e Peralta). Esse tipo de migração pode deixar um país já em crise, com um déficit humano e intelectual que limitava ainda mais suas bases produtivas, entretanto o país que acolhe a esse tipo de imigrante pode ganhar pessoal qualificado sem investimento prévio nele.

Mas quando se trata de uma migração conformada pelas capas sociais mais baixas, a história é diferente, pelo risco dessas populações enfrentarem maiores dificuldades para sua integração a sociedade destino. Tendo a ideia que mudando do país poderiam dar fim a um problema que ameaça sua existência, milhares já tem cruzado essa divisa. Mas ao cruzar a linha percebem que não terminam os problemas, senão que às vezes se acrescentam com outros diferentes.

O fato de poder vir da Venezuela ao Brasil pela fronteira terrestre influi na eleição do destino, já que o povo venezuelano, em consequência de sua atual economia, tem muitas limitações que impossibilitam a compra de passagens de avião aos destinos internacionais mais atrativos para os venezuelanos como: Estados Unidos, Espanha, Colômbia, Argentina, Panamá e Chile. (Inojosa- Jornal El Nacional, 9 de Janeiro 2017, s/p).

A realidade na fronteira Venezuela-Brasil bate contra a dignidade de muitos que juntam o dinheiro para pelo menos chegar até uma fronteira, e depois de cruzá-la se encontram com uma realidade também difícil. Alguns pegam ônibus para chegar a seu próximo destino, Boa

começou o que tinha que começar. Os outros estão saindo. Aqueles que não têm ativos a perder, mas famílias a manter, no meio de uma hiperinflação assustadora que eles não sabem enfrentar ou entender. É Maria sem companhia. É Richard para o Panamá. É Linda para mamãe, Juan para Bogotá, Francisquito para Quito e Johnny para onde o ônibus sai para Lima (LEON, 04 de fevereiro de 2018 p. 1).

Vista ou Manaus. Alguns ficam e outros continuam a viagem de avião para diferentes países no sul.

Mas também existem aqueles que não têm opção senão caminhar os 180 km de trajeto que existe entre Pacaraima e Boa Vista, entre três e quatro dias demoram em chegar à capital de Roraima, onde iniciam uma nova etapa de dificuldades. Alguns são acolhidos por amigos e familiares, outros ficam em refúgios da cidade e quem fica na rua, dormindo na intempérie em praças e outros lugares públicos. Para subsistir a maioria recorre ao trabalho informal em vendas e se apresentam também casos de prostituição.

Em Boa Vista e Manaus tem dois lugares públicos que viraram refúgio temporário para os venezuelanos e que refletem a delicada situação que atravessam os venezuelanos do outro lado da fronteira: a Praça Simon Bolívar e a Rodoviária, respectivamente. Nesses lugares tem se estabelecidos numerosos grupos de venezuelanos. Na intempérie dormem em barracas doadas por diferentes instituições, Ong`s e alguns empresários. Esses grupos usam as áreas verdes ou os banheiros dos comércios que ficam derredor, e recebem comida de igrejas e outras organizações. Eles fugindo da fome e o desespero que causava permanecer na Venezuela, cruzaram a fronteira e agora padecem uma situação de rua que não padeciam em seu país e que a maioria espera superar o mais rápido possível.

São muitas as histórias que podem ser contadas sobre este processo migratório desde Venezuela, aonde o denominador comum é a vulnerabilidade com suas distintas manifestações: medo, incerteza, fome, violência, xenofobia, longas horas de caminhada. Riscos que ao ser assumido demonstram a desesperação traz a toma da decisão de fugir de uma realidade que não aguentam mais.

Um de tantos casos relatados na cidade de Manaus é o de Alejandra, de 26 anos de idade que juntando toda sua poupança conseguiu chegar de ônibus até a Rodoviária. Ao chegar a jovem tomou consciência que não conhecia nenhuma pessoa neste país e que já não contava com nada de dinheiro e que movida pelo desespero encontrava-se sozinha sem saber o que fazer. Outra venezuelana dos tantos que se encontram diariamente nesse terminal encontramos a Alejandra chorando, vulnerável, ofereceu sua ajuda, só que as duas estavam em condições muito similares e dias depois para não ficar em condição de rua tiveram que aceitar uma ajuda para voltar até Boa Vista e possivelmente até a Venezuela, sendo assim frustrado a sua viagem em procura de ajuda para sua sobrevivência e a de seus familiares.

Nos estados brasileiros fronteiriços com a Venezuela se observa falta de planejamento e possibilidade de afronto, que revela a inexperiência em quanto a este tipo de situações que pela primeira vez se vivencia em território brasileiro, receber milhares de imigrantes, em especial o estado de Roraima, em cuja capital já os recém-chegados somam mais de dez por cento de população, com uma entrada diária de aproximadamente 500 venezuelanos, segundo cifras da Polícia Federal. Devido à crise criada nessa capital, a governadora de Roraima Suely Campos (PP) introduziu uma solicitude a Supremo Tribunal Federal (STF) pedindo que a União seja obrigada a fechar, temporariamente, a fronteira com a Venezuela. Essa petição foi negada pelo STF segundo Repórter da Agência Brasil Brasília, mas denota a crise causada por esta migração massiva que desemboca ao norte do Brasil e a necessidade de maior apoio por parte do governo Federal.

A forte conjuntura política internacional que desatou a crise humanitária levou a que o dia 21 de fevereiro do ano 2019, as principais fronteiras terrestres da Venezuela que fazem fronteira com Colômbia e Brasil foram fechadas pelo governo de Nicolás Maduro com o argumento de não intromissão estrangeira no território venezuelano, justificativa que apresentara quando toneladas de alimentos e medicamentos, que correspondiam à ajuda humanitária obtida por alguns dos países do continente americano, principalmente os Estados Unidos, estiveram por entrar ao país para brindar ajuda à população mais vulnerável da nação, em especial os doentes com enfermidades crônicas.

Decidi, no sul da Venezuela, a partir das 20h deste 21 de fevereiro, que ficará fechada total e absolutamente, até novo aviso, a fronteira terrestre com o Brasil", afirmou Maduro em reunião com o alto comando militar. A medida foi tomada dois dias antes da data anunciada pela oposição venezuelana, liderada pelo presidente autoproclamado Juan Guaidó, para a entrega de ajuda humanitária armazenada em diversos pontos da fronteira da Venezuela com a Colômbia e o Brasil. (BBC News Brasil, 21 de fevereiro, 2019, s/p).

Este fenômeno migratório que pela primeira vez se observa na Venezuela e no Brasil com respeito ao fluxo migratório tão grande, que se aprofunda cada vez mais, se originou a partir da crise que se vivenciava no país, sendo uma das causas a caída nos preços do petróleo, lembrando que no período que governou o presidente Chávez teve uma renda petroleira muito lucrativa permitindo afrontar o gasto social do país, a partir da chegada do Chávez ao poder os preços do produto petroleiro ascendeu, cada barril de petróleo passou de nove dólares no ano 1999 a uma de seus maiores boom entre o 2004 e o 2008 por causa do conflito árabe-Israel sendo seu preço o pico mais alto no dia 11 de julho de 2008 quando o barril de petróleo chegou a 147,25 dólares,

ao respeito analistas venezuelanos reconheciam o risco que existia em que a economia venezuelana repouse no preço do petróleo.

Estamos todos conscientes de la importancia de los elevados precios del petróleo para el desempeño de la economía venezolana y para la capacidad financiera del Estado durante estos mismos años. De hecho, sin las divisas que proporcionaba Pdvsa, habría sido imposible cubrir los gastos de tantos alimentos importados. También permitió que el gobierno dedicara cuantiosos recursos financieros a fomentar la producción nacional (Parker 2008 *apud* Gutiérrez, 2007, p. 8).

Estes receios foram confirmados, uma vez que a partir de 2010 os preços do petróleo bruto estavam em queda, trazendo consigo a diminuição progressiva da produção de petróleo na Venezuela, tanto que a Venezuela deixou de ser um dos maiores produtores de petróleo do mundo, com um preço aproximado do petróleo bruto em meados de 2019 de 42 dólares o barril, enfraquecendo assim significativamente a renda econômica do país.

A reestruturação e planejamento político, social e econômico que começou sob o governo Hugo Chávez Frías, quem conseguiu o apoio popular necessário para obter o triunfo nas eleições do ano 1998, não gerou os resultados desejados, a pretendida consolidação dos ideais políticos, esquerdistas e socialistas, seguindo o modelo cubano e sendo monitorada a partir de Havana, levou ao desmantelamento da infraestrutura industrial e à aplicação de medidas econômicas improvisadas e marcadas por uma pronunciada corrupção no governo.

1.2.1. A Questão Social na Venezuela no período Chavista-Madurista (1999-2018)

O período presidencial de Hugo Chávez Frías foi de 14 anos no governo, continuado depois de seu falecimento no dia cinco de março de 2013 por Nicolás Maduro, quem nesse momento cumpria funções como vice-presidente executivo da Venezuela e que fora apresentado por Chávez como o candidato do partido oficial em caso de que a sua enfermidade do presidente tivesse um desenlace fatal, como finalmente ocorreu.

A nação nas últimas décadas do século XX tinha atravessado por uma desaceleração do seu crescimento econômico e seu desenvolvimento como um país influente na América Latina. A fuga de capitais, a falta de investimento, a corrupção e a diminuição nos preços do petróleo, deixaram ao país em uma crise que compromete as classes menos favorecidas. Já nas últimas décadas desse século começava a sociedade venezuelana a clamar uma mudança profunda, descrito da seguinte maneira.

Venezuela está en el inicio de un cambio importante y por largo tiempo esperado. Desde 1958, cuando se realizó el pacto de Punto Fijo, la democracia Venezolana ha atravesado dos etapas: una de satisfactoria consolidación hasta mediados de la década del 70 y otra de estancamiento y posterior involución, caracterizada por altos niveles de corrupción, el predominio de roscas en el seno de los partidos políticos, un liderazgo crecientemente mediocre y una sociedad indiferente, cuando no abiertamente cómplice de la progresiva prostitución de las instituciones. (CORONEL, 1990, p.197).

Nesse cenário convulsionado surgiu a opção de Chávez, um líder militar carismático e populista, aparentemente identificado com os problemas do povo. E a maioria eleitoral acreditou nele, confiando que iria produzir a mudança que o país necessitava para sair da crise. Assim é como iniciar um trabalho político focado na situação social da Venezuela e acompanhado desde seus primeiros anos de um crescente aumento da renda petroleira, o que permitiu a inversão social mais alta da história venezuelana.

En cuanto al comportamiento del gasto social, en medio de fluctuaciones, éste muestra un ascenso sustancial, especialmente expresado en su crecimiento entre el 2004 y hasta el 2007 cuando alcanza sus máximos registros. De hecho, entre el 2006 y el 2009 y luego entre el 2011 y el 2012, el gasto social real por habitante llega a su más alto nivel en toda la historia de las finanzas públicas venezolanas. (APONTE, 2012, p.4)

As Missões Sociais criadas a partir de 2003 se convertem no estandarte das políticas sociais do mandato de Chávez, proporcionando um novo cenário para a intervenção social do Estado. Diversas medidas de atenção foram massificadas nos setores populares e de pobreza, entre elas destaca “a alimentaria (Mercial y Pdval), aeducacional (Missõess Robinson, Ribas y Sucre) e na área de saúde (Missão Barrio Adentro)” (APONTE, 2012, p.5).

A primeira Missão anunciada pelo ex-presidente Chávez para o povo indígena foi a Missão Guaicaipuro, criada por Decreto Presidencial N° 3.040 na Gazeta Oficial N° 37.997 do nove de agosto do ano 2004, conhecendo as vulnerabilidades da população indígena, o objetivo desta missão foi a restituição dos direitos do povo indígena.

Entre seus objetivos principais se encontram propiciar o desenvolvimento harmônico e sustentável dos povos indígenas dentro de uma visão de etnodesenvolvimento, fortalecer a capacidade de gestão comunitária, impulsar o processo de demarcação do hábitat e terras, assim como o desenvolvimento integral dos povos originários para garantir o disfrute efetivo de seus direitos sociais (VENEZUELA, MINPI,2009).

Em seus projetos estava erradicar a pobreza extrema e a priorização de estas comunidades para um atendimento em área de saúde, alimentação, empreendedorismo, só que ao igual que as demais missões formadas pelo governo, a partir do mandato presidente Nicolás Maduro e o aumento da crise do país, elas foram diminuindo sua ação até deixar-lhes sem assistência alguma.

As missões foram construídas fora do marco institucional, com a criação duma estrutura separada das instituições do Estado, se intentava conseguir resultados mais rápidos e agilidade em processos administrativos, mas ao mesmo tempo representou maior falta de coordenação, duplicação de custos e debilidade no processo de avaliação para possibilitar a efetividade dentro da gestão. APONTE (2012, p.6).

É assim como na medida em que avança o funcionamento da maquinaria social se debilitam estas estruturas com fatos de corrupção e mostras de incapacidade no funcionamento da atenção da cidadania, que intenta ser coberta por mais de 40 missões ou programas criados nesses 14 anos de governo, o qual debilitou-se na medida em que a economia venezuelana decaía pela baixa nos preços petroleiros.

Altos níveis de inflação chegam com cifras extraoficiais a 2000% no ano 2017, fazendo impossível para grande parte da população o acesso aos alimentos da cesta básica e os medicamentos criando uma crise profunda acompanhada de desabastecimento e falta de insumos na área alimentícia e da saúde. O Estado não atualiza cifras oficiais em suas instituições o que causa desconfiança na gestão e negam que Venezuela atravesse por uma crise humanitária, colocando a responsabilidade da situação do país em forças externas e na atuação da oposição política dentro da nação. Para entender o mal-estar diário é importante mencionar que além da escassez para adquirir os produtos devem realizar-se filas enormes que podem durar horas e dias, sem saber se ao final da mesma ainda vai ficar do alimento ou a medicação requerida pelas pessoas.

Deficiência no transporte e debilidade na parte automotora por falta de divisas para a importação dos repostos e em todos os rubros afeta aos empresários e comerciantes em geral, criando uma modalidade que foi nomeada como *bachaqueo*⁶, que debilita o funcionamento da

⁶Pessoas vinculadas ou não ao governo que conseguem produtos a preços regulados o por baixo dos preços do dólar paralelo e revendem muito por encima do valor, criando uma disparidade nos preços e impedindo o acesso ao consumidor.

estrutura econômica e causa caos nas famílias à hora de adquirir qualquer produto ou bem de consumo.

Os níveis de violência no país aumentam na medida em que a crise se intensifica e que se acrescenta ainda com os índices de violência produto da repressão oficial. Segundo a ONG nomeada Observatório de Violência de Venezuela (VENEZUELA, OVV, 2018), se estima uma taxa de 89 mortes violentas por cada 100 mil habitantes e um total de 26.616 falecidos em todo o território nacional no ano 2017. Esta cifra inclui a suma dos homicídios legalmente aceitados como tais, que se estima em 16.046 casos; mais as vítimas dos atos classificados como resistência à autoridade, que alcançaram 5.535 mortos; e os 5.035 falecidos considerados como mortes violentas em investigação.

Os dados analisados pela OVV (2018) revelam que se incrementaram várias formas de violência, mas em particular a violência do Estado, expressada no incremento das pessoas vítimas que foram classificadas como falecidos por resistira autoridade. Na média, no ano 2017, cada semana faleceram 106 pessoas por ações de funcionários policiais ou militares e cada dia do ano morreram 15 pessoas por resistência a autoridade.

Na área de saúde o progressivo prejuízo tem sido notório também. Hospitais sem dotação de insumos médicos e com instalações sem a manutenção requerida, falta de medicamentos e o elevado preço das mesmas, alta porcentagem de médicos emigrando do país pelos baixos salários e a qualidade de vida, são manifestações da situação.

São muitos os pacientes que por deficiência no sistema de saúde morrem diariamente na Venezuela, em especial aqueles que padecem enfermidades mais comprometedoras como Câncer, VIH, Diabetes, Parkinson, Tuberculose, além de Difteria e a Malária, doenças que no passado tinham sido erradicadas a e que reapareceram segundo tem alertado a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas, 2018).

Fazer um exame de laboratório (desde o mais complexo até o mais simples) e subministrar um medicamento por via endovenosa, também representa um grande desafio, pois resulta muito caro pela falta de reativos e implementos, na maioria deles importados.

1.2.2 Conflitos sociais, suas manifestações e seus resultados

O ano 2017 foi marcado por manifestações nas ruas da Venezuela. Oponentes ao governo protestaram durante os meses de abril a julho com saldo de 109 pessoas falecidas e 1934

lesionadas, assim foi transmitido por meio de um informe do Ministério Público. O mundo inteiro observou a determinação de jovens e pessoas de todo o país que ativaram as ações de rua, cyber ativismo, cacerolazos⁷, guarimbas⁸, referendun cidadão, chamado a paro nacional, depois de que o governo decretara a convocação e posterior instauração de uma nova Assembleia Nacional Constituinte⁹, que finalmente foi instalada com o propósito de contrapor a Assembleia Nacional de maioria opositora.

O Observatório Venezuelano de Conflitividade Social (OVCS, 2018) registrou um aumento de 40% de protestas em comparação com o ano 2017. Um total de 594 manifestações aconteceu em fevereiro de 2018, o equivalente a uma média de 20 por dia que destacam um 73% de reclamo dos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais. O direito mais exigido nessas protesta foram de índole laboral devido á perda do poder aquisitivo do salário frente à superinflação no país, Os ajustes de salário mínimo aplicado pelo governo os meses de janeiro e março de 2018 não foram suficientes para que os trabalhadores possam cobrir suas necessidades de alimentação, transporte ou saúde.

Estes constantes aumentos do salário mínimo, junto à escassez de insumos e matéria prima, debilita a empresa privada, a capacidade de produção e geração de empregos, se agravando a situação. Outra motivação que leva a população a protestar é a insuficiência alimentícia caracterizada pelo desabastecimento, a escassez e carência de produtos. Segundo as estadísticas subministradas pela OVCS (2017) sumam 4 protestas diárias por alimentos. Outro motivo é o deterioro progressivo do sistema de saúde, com a atenção paralisada em postos de saúde por falta de insumos, equipamento e médicos, tanto clínicos gerais quanto especialistas.

As principais modalidades de protestas são as ruas fechadas, concentrações e paralizações, além de saqueou de lojas e caminhões que transportam alimentos, isto se produz em todo o território nacional.

Expertos econômicos da OVCS sinalam que a superação do problema vai, mas além de realizar ajustes salariais e deve passar por um plano macroeconômico que permita frear a voraz

7As pessoas opositoras ao governo e a gestão pública batem panelas em suas casas e nas ruas, manifestando pacificamente contra as decisões tomadas pelo governo.

8 Grupo de civis sai às ruas e impedem o livre trânsito de transporte em protesta ao governo.

9 Uma assembleia a convenção constituinte ou constitucional é uma reunião nacional de representantes populares que assumem o objetivo específico de ditar as regras que, no futuro, reagiram a relação entre governantes, governados, o funcionamento, distribuição do poder e fundamento de seu sistema político e social.

inflação, criando condições para a reativação do aparelho produtivo, do contrário só continuará se incrementando os conflitos, empobrecendo cada vez mais a classe trabalhadora do país e aumentando a fuga de pessoal capacitado nas diversas áreas técnicas e profissionais.

Por enquanto são mais as pessoas que se observam nas ruas buscando comida no lixo. O jornal New York Times realizou uma reportagem onde indicou que: “Durante cinco meses deram seguimento a vinte uns hospitais públicos onde os doutores disseram ver cifras recorde de crianças com desnutrição severa, centos dos quais morreram” (HERRERA, 2017). Um dos casos retratados na matéria do jornal foi o de Kenyerber Aquino Merchán, uma criança de 17 meses quem morreu por desnutrição. Parte dessa historia é transcrita a continuação:

Se podían ver claramente la espina dorsal y las costillas de Kenyerber mientras le inyectaban los químicos de embalsamar. Las tías intentaban mantener alejados a los primitos curiosos. Sus familiares llegaron con flores y reutilizaron cajas de alimentos que reparte el gobierno a través de los Comités Locales de Abastecimiento y Producción (CLAP), de las que dependen cada vez más los venezolanos ante la escasez de comida y los precios altísimos, para recortar dos pequeñas alas de cartón. Las pusieron cuidadosamente encima del ataúd de Kenyerber, una práctica común entre los venezolanos, para que su alma pueda alcanzar el cielo¹⁰. (HERRERA, 2017, p. s/p)

As situações de desnutrição se apresentam em todos os cenários da sociedade venezuelana, crianças como Jean Manuel Hernández de 9anos de idade, natural do estado Guárico, conta que alguns de seus companheiros da escola não levam comida e as professoras compartilham sua merenda com eles, já que alguns choram ou passam mal “os pais não tem para lhe comprarem comida, às vezes não vão porque não tem como chegar até a escola. Minha escola tinha um comedor pero tem tempo que não chega a comida, assim que ficamos sem comedor”.

As violações aos direitos humanos são outro elemento que se soma a uma onda de conflitos no país. Segundo o informe 2017/2018 de Anistia Internacional desde o 2016 são muitas as irregularidades acontecidas no país. A Fiscal Geral Luisa Ortega, quem outrora

10Você poderia ver claramente a espinha e as costelas de Kenyerber enquanto injetava os químicos de embalsamamento. As tias estavam tentando manter os primos curiosos longe. Seus parentes chegaram com flores e reutilizaram caixas de alimentos distribuídas pelo governo por meio dos Comitês Locais de Abastecimento e Produção (CLAP), que os venezuelanos dependem cada vez mais da escassez de alimentos e dos preços altíssimos, para cortar dois pequenas asas de papelão. Eles foram cuidadosamente colocados em cima do caixão de Kenyerber, uma prática comum entre os venezuelanos, para que sua alma possa alcançar o céu (Herrera, 2017).

acompanhava a gestão política do presidente Hugo Chávez, foi destituída em circunstâncias irregulares. As forças de segurança nacional têm continuado usando a força excessiva e indevida para dispersar a quem protestam. Muitas de pessoas têm sido presas arbitrariamente, e existem numerosas casos de torturas, maus tratos e inclusive violência sexual contra manifestantes. Defensores dos direitos humanos tem sido objeto de assédio, intimidação e redadas.

Políticos opositores têm sido levados presos a diferentes cadeias do país incluindo prisões militares. Um dos casos, talvez o mais conhecido, foi o arresto de Leopoldo Lopez, dirigente político que convocou e liderou protestos contra do governo de Chávez e Maduro e quem já leva cinco anos privado da sua liberdade. O diretor da ONG Foro Penal Venezolano, Gonzalo Himiob, atualizou e publicou ás cifras de presos políticos na nação venezuelana. Para o final do mês de janeiro de 2018 existia o total de 231 presos políticos, com o agravante de que 21 civis têm sido apresentados perante tribunais militares.

As denúncias incluíam uso indevido de força letal como atirar gás lacrimogêneo diretamente contra o corpo das pessoas, atirar distintos tipos de munição como balas de borracha, aplicar espancamentos nas pessoas e usar armas de fogo, o que colocava em risco as pessoas de sofrer graves danos e até a morte.

Outro desalentador sucesso na Venezuela foi o homicídio de Oscar Perez, ex-funcionário do Corpo de Investigações Penais e Criminalísticas (CICPC), quem se sublevou contra o governo venezuelano exigindo uma saída a crises profunda e a renúncia do presidente Maduro, motivo pelo qual foi perseguido e assediado, até o 15 de janeiro de 2018 quando as forças do governo deram com a localização dele e parte de sua equipe, sendo assassinados logo deles se render depois de ser cercados. O General a cargo da operação deu a ordem de matar aos sublevados. Cada uma das conversações e dos detalhes da operação foi gravada e postada nas redes sociais, situação que revela irregularidades na captura destes opositores e que agora são investigadas em instancias internacionais.

Da investigação que seguiu ao caso de Pérez, o advogado do Foro Penal Alonso Medina Roa afirmou que são 32 as pessoas apreendidas e involucradas das quais 19 são civis, 10 militares e três funcionários presumivelmente vinculados com os fatos. Cabe destacar que esta investigação foi realizada pela Assembleia Nacional, de maioria opositora, por meio de uma comissão especial liderada pela deputada Delsa Solórzano, antes que o mandatário Nacional impossibilitara a dita Assembleia de suas funções parlamentarias.

1.3. A Etnia indígena Warao se somaram ao êxodo venezuelano

As circunstâncias anteriormente descritas constituem o marco contextual do processo migratória dos venezuelanos nos últimos dois anos, sendo afetadas homes e mulheres de distintas idades, inclusive de diferentes etnias, uma delas os indígenas Warao. Mas quem são os Warao? Onde moravam? Qual é sua cultura? Seus costumes?... Para compreender como se produz a saída deste povo milenar do território venezuelano até o norte do Brasil vamos fazer um breve relato sobre esta população de emigrantes, para isso nos acompanharemos do Parecer Técnico 10/2017 do Ministério Público Federal realizado por um grupo de antropólogos que fizeram o levantamento no estado Amazonas.

Os Warao são uma das principais e mais antigas etnias indígenas da Venezuela estimando-se sua presença em seu hábitat ancestral, o Delta do Orinoco, desde faz uns 8.000 ó 9.000 anos com uma população aproximadamente de 49.000 pessoas, e estão localizados predominantemente na região caribenha do Delta do Orinoco, em centenas de comunidades nas áreas rurais, ribeirinhas e litorâneas, além de várias cidades do entorno, abarcando o estado do Delta Amacuro e regiões dos estados Monagas e Sucre. (BOTELHO, 2017)

Warao traduzido significa “Pueblo de canoa” (*povo do barco*) após a conexão íntima ao longo da vida dos Waraos com a água, devido a que as populações habitadas por eles são marcadas por uma vasta rede de rios e *canos* (igarapés) que desembocam nas correntes marítimas do Caribe, resultando em um ecossistema de grande biodiversidade e caracterizado por várias ilhas fluviais, regiões de mangue e solos inundáveis, diretamente afetados pelas cheias do rio Orinoco e pelos mares da costa (*ibid.*).

As casas construídas pelos Warao se comunicam umas com as outras por pontes e passarelas; cada uma delas tem seu acesso individual ao rio, através de uma ponte feito de madeiras. Normalmente são construídas com troncos de madeira de mangue e não possuem paredes, sendo protegidas ocasionalmente por alguma divisória de troncos de palmeira, com cujas folhas o telhado também é feito; ainda que hoje em dia seja frequente ver casas com paredes laterais de mesa ou folhas de palmeira. O piso e as passarelas elevadas entre as habitações são geralmente dos troncos da palmeira Manaca. (*ibid*)

Estes são alguns dos elementos que descrevem ao povo Warao, mas que seu modo de vida tem sido modificado com o passar do tempo. As mudanças políticas e decisões econômicas

dos governantes da Venezuela provocaram câmbios importantes tanto no deslocamento, como no modo de subsistência deles. Ao respeito disso:

A partir do século XX, alguns projetos governamentais passaram a ser aplicados na região do Delta Amacuro, acarretando impactos diretos sobre as dinâmicas sócio culturais dos Warao, bem como sobre sua mobilidade e territorialidade, jogando as famílias e as pessoas da etnia para fora da espacialidade do Delta e as obrigando a criarem alternativas que passam pelos contextos urbanos da Venezuela e, mais recentemente, também por outros países. (BOTELHO, 2017, p. 7).

A princípio do século XX as atividades de cultivo da terra foram introduzidas no modo de vida e subsistência dos Warao, produzindo-se devido a deslocamento de seu território de origem.

Entre as décadas entre 1920 e 1940 ocorreu a introdução de ocumo chino em algumas regiões do Delta onde havia a prática extrativa tradicional do Moriche (Buriti), retirando a exclusividade dos Warao sobre uso de seu território e forçando o deslocamento de vários indígenas em direção a outras regiões, como Guayo, Merehina e Curiaco, e o estabelecimento de muitos Warao em cidades como Barrancas e Tucupita (*Ibid*).

Diversos empreendimentos econômicos do país, como a construção do Dique-estrada que barrou o rio Manamo que permitiria o acesso por terra à cidade de Tucupita, afetaram negativamente às atividades produtivas e dinâmicas socioespaciais dos Warao: a salinização do rio na estação seca afeitando diretamente a atividade da pesca; a acidificação dos solos, impactando negativamente a prática agrícola: o aumento do nível da água, provocando alagamento além do desmatamento; poluição dos rios e surgimento de doenças nas regiões de água parada. (BOTELHO, 2017)

Os diferentes deslocamentos do povo indígena no passado nos faz perceber como a situação externa, do meio ambiente, econômica e política, incidiu nas suas decisões em quanto as mobilizações dentro de seu próprio território nacional. Assim é como o fenômeno atual da migração venezuelana não atinge somente aos venezuelanos *criollos*, como são chamados pelos indígenas da Venezuela, senão que a crise humanitária também tem afetado com muita crueldade ao povo indígena da Venezuela, lhe deixando totalmente vulnerável e sem saída aparente.

Mais recentemente a situação de crise econômica na Venezuela, marcada por queda nos preços no petróleo, baixa produção econômica, altos níveis de desemprego, desvalorização da moeda e hiperinflação, ocasionou perdas de programas sociais e redução de seus valores, bem como a escassez

de bens alimentícios e as dificuldades de acesso a eles, potencializando os fluxos migratórios dos Warao para as zonas urbanas de países vizinhos, como é o caso do Brasil. (*Ibid*)

A população indígena tinha uma aparente atenção importante por parte do governo do presidente Hugo Chávez. Durante seu mandato foi criado (o dia oito de janeiro do ano 2007) o Ministério do Poder Popular para os Povos Indígenas, convertendo-se assim no órgão reitor das políticas públicas em matéria indígena, tendo como missão veicular as políticas governamentais para o âmbito indígena, facilitar e impulsionar o fortalecimento ancestral comunal indígena, e assim dar respostas as maiores necessidades das comunidades e povos originários. (VENEZUELA, MINPI, 2009)

Esses planos de desenvolvimento a favor da população indígena venezuelana não melhoraram, progressivamente a crise aumentava no país, sendo que os direitos adquiridos por esses povos foram ignorados novamente, deixando-os desprovidos de toda a manutenção.

Dados do investigador Iván de la Vega, diretor do Laboratório Internacional de Migrações, indicam que até 1992 eram menos de 50.000 venezuelanos radicados em outras nações. Cifras de janeiro de 2017 mostram o aumento do número a 2.500.000 pessoas que emigraram do território nacional, o que representa 8,3% do total da população. Dados de 12 de janeiro de 2018, da empresa Consultores 21 S.A, asseguram que são mais de 4.000.000 venezuelanos que têm emigrado do país com tendência a incrementar o número de emigrantes, mas sem cifras oficiais ou atualizadas por outros organismos oficiais da Venezuela.

O Brasil e a Venezuela têm uma proximidade geográfica no marco da nomeada região Pan-Amazônia, que envolve todas as nações que abrangem a floresta amazônica: Brasil, Venezuela, Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa e Suriname, países unidos nos objetivos de resguardar a florestas e os centos de etnias indígenas que fazem vida nessa região.

Ao formar parte desta região, estes dois países que faz fronteira, tornam-se atrativos turísticos e de negócios para os nacionais de cada um deles. E na situação atual, os venezuelanos indígenas e não indígenas identificam ao Brasil como um destino próximo, por se tratar de um país vizinho. Tanto as características geográficas, como as características culturais similares dos outros povos nativos, assim como a proximidade, que resulta num deslocamento mais barato e possibilita um retorno mais fácil ao lugar de origem, são as principais causas que Brasil

tinha se tornado num destino predileto a partir de finais do ano 2016 das populações de distintas etnias venezuelanas, particularmente dos Waraos.

Na crise humanitária que atravessa Venezuela as populações indígenas não só estão em condição de vulnerabilidade senão que tem sido invisível ante a opinião pública, sumidas, desamparados por parte das autoridades do Estado, com ênfase na falta atendimento na área de saúde e alimentação, vendo-se desprovida de todo direito e auxílio.

Um primeiro e numeroso grupo de 674 pessoas da etnia Warao cruzaram a fronteira em 2016 (e até a data do levantamento dos dados que formam parte desta pesquisa) se estabeleceram inicialmente em Pacaraima, cidade aonde existe um Refúgio destinado a receber aos indígenas venezuelanos. Segundo a informação oferecida pela prefeitura da cidade, eles foram atendidos com comida, redes para dormir e produtos para higiene pessoal. Outro grupo continua a viagem até Boa Vista e outro até Manaus, sendo que nos últimos deslocamentos registrados no mês de janeiro de 2018, vários grupos foram trasladados via fluvial até Santarém e Belém do Pará.

Com a chegada dos índios, as cidades de Santarém e Boa Vista decretaram emergência social devido à falta de recursos para atender os venezuelanos nas áreas sociais, incluindo na assistência da saúde e a educação. Posteriormente alguns deles voltaram para Manaus e outros voltaram para Venezuela com o intuito de levar ajuda a seus familiares.

Os deslocamentos populacionais apresentam-se como consequência do desajuste e descontrole causado por problemas econômicos e seus efeitos nas populações, impossibilitando a geração de emprego nas comunidades com mais carências e tudo a mais as populações do interior nas regiões mais desassistidas e esquecidas pela gestão pública. Mozón (2014 p.65).

Las consecuencias de este proceso dan lugar a migraciones forzadas, en tanto los individuos no cambian su residencia por decisiones personales sino obligadas por las circunstancias generadas desde y por las estructuras ligadas al poder y la historia, ya que se encuentran dentro de un entramado histórico social, que los condicionan a tomar medidas emergentes que inciden en el presente y en el futuro de las comunidades, las familias y los individuos. Las expectativas de conseguir empleo no siempre se cumplen a pesar de que se trasladen hacia polos consolidados de desarrollo, situación que los ubica en la periferia laboral, el sub empleo o en las filas del ejército industrial de reserva¹¹.

11As conseqüências desse processo geram migrações forçadas, na medida em que os indivíduos não mudam de residência por decisões pessoais, mas são obrigados pelas circunstâncias geradas a partir de e pelas estruturas ligadas ao poder e à história, já que estão dentro de um marco. História social, que os

Em um relato de María Pérez, indígena Warao, a morte do ex-presidente Hugo Chávez em 2013, marcou o agravamento das condições econômicas na Venezuela, criando uma instabilidade econômica que diminuía os direitos da população. “Depois da morte de Chávez, acabou a comida e chegou à crise”, contou. “Não há nada para comprar, e quando há, é muito caro” (Marina Rossi- Jornal El País, 13 de março de 2013).

Além da mudança de idioma e da cultura, das exigências de viver em uma nova sociedade, de entender e ser entendido pelos outros, os venezuelanos indígenas e não indígenas tentam se integrar à sociedade Manauara com mão de obra junto ao mercado formal e informal de trabalho. (SOUZA- Jornal A Crítica, 26 de dezembro de 2016).

Em Manaus o número de solicitação de refúgio em 2016 foram 115 % maior que em 2015. E essa migratória da diáspora aprofundou-se ainda mais na cidade após os protestos de 2017 na Venezuela e ainda em 2018 seguem somando o número de migrantes. No mês de maio de 2017, já era considerável o número de indígenas venezuelanos da etnia Warao em Manaus, vivendo em condições subumanas nas ruas, viadutos e no entorno da Rodoviária, o que levou o governo municipal de Manaus a declarar estado de emergência, citando o governo federal no custeio complementar de políticas públicas voltadas para o atendimento das necessidades das famílias venezuelanas (G1 AM. 08 de Maio 2017).

Sob o prisma da grande pressão pública, a situação subumana dos indígenas venezuelanos na capital manauara sofreu intervenção, eles estavam expostos a situação de risco pessoal e social, em especial as crianças, adolescentes e idosos, a SEAS transferiu-os das ruas para o antigo prédio do “Prato Cidadão”, no bairro do Coroado, perto de 265 pessoas (SEAS, 2017).

Antes da chegada dos indígenas venezuelanos a Manaus, a presença da população venezuelana não indígena, era invisível socialmente ao governo, a população local e a mídia. A integração deles foi silenciosa e despercebida, até a chegada das etnias o que causou desconforto e preocupação.

condiciona a tomar medidas emergentes que afetam o presente e o futuro das comunidades, famílias e indivíduos. As expectativas de obtenção de emprego nem sempre são atendidas, apesar do fato de que elas se movem em direção a polos de desenvolvimento consolidados, uma situação que os coloca na periferia do trabalho, no subemprego ou nas fileiras do exército de reserva industrial.

A invisibilidade social é caracterizada como uma cegueira que deve a sua origem nas diferenças entre as classes, pois alguns se negam a ver, outros entendem que tal problemática não faz parte dos seus iguais. Outras formas claras de invisibilidade social são: econômica, racial, etária, sexual, entre outras. (COSTA, 2008).

A crise do sistema do capital é estrutural, pois o capital não é capaz de controlar sua lógica destrutiva, de dar solução aos crescentes problemas sociais e de evitar os impactos desestabilizadores das contradições de sua reprodução ampliada, propagados no interior da própria ordem capitalista. Assim também as ações do Estado para resolver as situações de risco das vítimas do sistema, não são suficientemente abrangentes para cobrir as necessidades básicas que permitam ter uma vida digna com acesso aos direitos que tem como cidadãos. Trata-se de uma decomposição social a partir da desestruturação dum sistema que se cai a pedaços.

Entendemos que os processos migratórios são complexos e incluem um conjunto de fatores que criam uma dinâmica própria em cada cenário onde se desenvolvem, principalmente no caso das migrações transnacionais, pois constituem problemas que envolvem não somente aspectos fronteiriços nacionais e de soberanias, mas também processos de transculturação e precariedade extrema como a que afronta o povo da Venezuela como consequência de vários fatores.

CAPITULO II

O IMAGINÁRIO SOCIAL COMO CONSTRUTOR DA REALIDADE

A PARTIR DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

A relevância dos imaginários construídos a partir dos meios de comunicação de massas é dada porque são estruturas de pensamento disseminadas a um número grande de pessoas, tendo a possibilidade de fazer colocações e transmiti-las repetidamente, construindo ou reformando uma imagem simbólica da realidade material, não só numa pessoa senão num coletivo (imaginários sociais), num processo dinâmico e constante.

Na verdade são muitos os autores que analisam e estudam esta categoria analítica desde diversas disciplinas do conhecimento. Neste capítulo vamos tentar colocar alguns dos principais autores e analisar as diferentes teorias que eles apresentam sobre o tema dos imaginários, visto desde perspectivas como a antropologia, filosofia, psicologia e as ciências sociais, observando seu impacto e utilidade no momento de estudar os comportamentos sociais em torno a um fenômeno social.

Teóricos e autores que promoveram a pesquisa e o estudo sobre os imaginários utilizados neste trabalho foram o historiador de arte Pierre Francastel, o filósofo e psicanalista francês Cornelius Castoriadis, Roger Bastide, Juan Luís Pintos, Eleimere Zolla, Laplantine François, Trindade Liana, entre outros, que deram as bases para a compreensão de esta categoria analítica e o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

2.1. Os Imaginários Sociais: uma discussão teórica

O imaginário como categoria teórica tem uma longa trajetória no campo da pesquisa, ainda que no começo ele fosse relegado a certas disciplinas como a arte e o pensamento comum, a sua aplicação ao campo científico não era aceita, incluso foi minimizada como elemento de fundação do conhecimento.

Na sua obra “Historía de la Imaginación Viciosa” Zolla (1968, apud Cegarra J. 2012 p.50) assinala a origem fantástico e irreal dos imaginários como estrutura envolvida na construção de realidades sociais.

Quaisquer que sejam os significados com os quais a imaginação foi concebida - como uma fantasia oposta ao julgamento maduro, ou como a veia fantástica dos pobres melancólicos - nunca houve qualquer dúvida sobre a sua natureza perniciosa e a educação procurou arrancá-la.

O termo básico para definir aos imaginários é algo que só existe na imaginação, onde se origina um processo que permite ao ser humano manipular informação intrinsecamente para criar uma representação na mente. Essa conceptualização anteriormente era mais individual, e tinha pouca influência no social ou coletivo.

Para alguns estudiosos os imaginários não tinham uma relação direta com a realidade, se tratava de um estímulo mental, definindo-o como “o conjunto de representações, de objetos, de acontecimentos que nunca foram vistos na realidade e que muitas vezes não apresentam nenhuma relação com ela”. (PEREIRA, 1993, p.9).

Segundo os primeiros teóricos os imaginários não teriam relação nenhuma com a realidade nem com a construção de um imaginário social ou coletivo, senão que seria fonte imaginativa e pessoal.

Teóricos da escola antropológica e filosófica substancialista, representada por Gilbert Durand, Paul Ricoeur, Mircea Eliade e também da psicologia analítica de C. G. Jung, diferem com os conceitos de imagens, imaginário, símbolos. Para eles o símbolo é característico na produção de todo fenômeno e imagens, por tanto os símbolos são recorrentes e redundantes, e o novo e o diverso adquirem sempre o mesmo sentido de eterno retorno às origens do pensamento único da espécie humana.

Segundo a teoria neoplatônica, as imagens e o imaginário são sinônimos do simbólico, pois as imagens são formas que contem significados afetivos universais ou arquetípicos, cujas explicações remetem a estruturas do inconsciente (Jung Campbell), ou mesmo as estruturas biopsíquicas e sociais da espécie humana (Durand). Embora considerem que o nível consciente emerge do inconsciente, as especificidades históricas e socioculturais estão relegadas a um segundo plano da análise. (LAPLANTINE; TRINDADE 1997, p.4).

Nesse sentido, a intervenção do homem no seu entorno fica condicionada a essas estruturas arquetípicas ou inconscientes, limitando as modificações que o histórico- social e psíquico possam imprimir aos fenômenos humanos.

Nesses teóricos a diferenciação conceitual entre imagens e símbolos encontra bloqueios analíticos que conduzem aos impedimentos no conhecimento das diferentes culturas que passam a ser reduzidas à universalidade de seus fenômenos sociais. Os agentes das construções míticas tornam-se impessoais e a-históricos. Esses teóricos relegam, portanto a um segundo plano a diversidade de sentido existente no imaginário das diferentes culturas. (LAPLANTINE; TRINDADE 1997, p.4)

Deste modo todo procederia de uma base de dados psíquica que se repete em diferentes formas desde a antiguidade, dando assim uma explicação das representações sociais na atualidade segundo os ocorridos milhares de anos atrás, assegurando que a informação de esses eventos ficou em nosso inconsciente, e voltando a apresentar-se em uma forma cíclica as gerações que seguem.

Os primeiros estudos neste campo da investigação social estão associados à obra do historiador de arte e sociólogo Frances Pierre Francastel (1900-1970). Ele explicava a arte como uma construção imaginária gerada a partir da psicologia do autor e a sociedade duma determinada época.

[...] para ele o imaginário era de ordem eminentemente criativa, a partir de uma função psíquica por meio da qual o espírito comporia sínteses originais, combinando imagens que poderiam ou não provir da experiência sensível, isto é que poderiam ou não corresponder a algo existente ou real. (PEREIRA, 1993, p. 9).

Por sua parte, Roger Bastide sociólogo francês que em 1938 veio ao Brasil com outros professores europeus à recém-criada Universidade de São Paulo para ocupar a Cátedra de Sociologia, iniciou a seus alunos numa sociologia do imaginário social por meio de criações artísticas originadas a partir das diversas perspectivas em que a realidade social nelas se mostrava como elemento de base para seu aparecimento, para Bastide a abordagem sociológica era indispensável ao momento de compreender qualquer obra artística.

E isso porque toda obra humana, todos os comportamentos, todas as opiniões estavam indelevelmente marcadas pelo meio social em que se havia originado, e se diferenciavam de acordo com a variedade dos grupos e das sociedades [...]. (PEREIRA M. 1993, p. 10).

Bastide inclui as influencias externa à criação do homem no que ele descreve “uma zona intermediaria entre o inconsciente e o consciente” Pereira (1993, p.11) colocando-o como uma luta interna do criador que é induzido pela realidade social que lhe atinge podendo ser a causa de uma denúncia da opressão, da injustiça, da insensatez, alcançando sua originalidade pelo encontro do “homem criador e, do outro lado, o peso dos determinismos socioeconômicos”. (BASTIDA,1974 *apud* PEREIRA, 1993, p. 11).

O sociólogo Bastide assinala um diferencial entre o inconsciente ao que se refere, que é o ponto de encontro do inconsciente e o consciente do qual se produz a criação, e aquele do que fala o psicanalista Sigmund Freud, que o explica como:

[...] o mecanismo da repressão como o censor que decide quais conteúdos são da ordem inconsciente e quais conteúdos podem se tornar da ordem da consciência. Além disso, a repressão é o conceito-chave que dá origem à psique humana. Em segundo lugar, afirma que tudo o que é reprimido inexoravelmente deve ser inconsciente, mas não necessariamente todo o conteúdo abrigado no inconsciente deve ser reprimido. Terceiro, ele argumenta que não há conhecimento direto do conteúdo do inconsciente, mas através de uma versão distorcida da consciência. Quarto, ele afirma que, através da técnica da psicanálise, o conteúdo inconsciente pode ser acessado, ainda que de forma transfigurada. (GALLEGOS M. 2012, p. 6).

É interessante como Bastide depara-se com a relevância que tem as características peculiares e sociais, tanto para un individuo como para uma colectividade à hora de produzir uma criação, daí a importancia no momento da interpretação de uma obra, colocar e compreender a questão das condições históricas e institucionais em que ela foi concebida e desenhada.

Delineavase assim o campo de uma sociologia da criatividade artistica, que poderia ser fácilmente aplicada a qualquer outro tipo de imaginário; mas ficavam de lado o valor da criação imaginaria, assim como a especificidade da intervenção do criador. Em outras palavras, nesta abordagem imperaria a coletividade, ficando em segundo plano tanto a obra imaginada quanto o proprio criador. (PEREIRA, 1993, p.13)

Esse foi um pulo importante na investigação do imaginário social, onde já a exclusividade deixa de estar no individuo ou na sua criação imaginaria, dando passo ao entorno social e ao coletivo, abrindo o campo da pesquisa para os imaginários sociais que outros teóricos fariam a partir de comunidades e épocas específicas.

A participação de Bastide no estudo do imaginário social foi adiantada a seu tempo, no entendimento deste fenômeno, ao aprofundar nos estudos na interseção das ramificações das Ciências Sociais, com a intenção de esclarecer um fenômeno até então tido como essencialmente pessoal, no sentido de pertencer propriamente a um indivíduo, a criação imaginária.

Ele mostrou constantemente que o homem não vivia num universo puramente material, e sim num universo em que, a partir da parte material e das regulamentações sociais, construía-se a trama de significados e de valores, a novas construções de imaginários em que realidades, significados e valores sempre se mesclavam (PEREIRA, 1993, p.14)

A exclusividade que tinham as áreas de estudo como a filosofia, psicologia e antropologia, para ilustrar e explicar o que são os imaginários, terminou com as indagações e formulações que as teorias que Bastide e Francastel aportavam aos estudos do imaginário, agregando elementos que davam profundidade e complexidade, além de ampliar as possibilidades de uso deste fenômeno nas Ciências Sociais.

Mais adiante, Cornelius Castoriadis, filósofo psicanalista Greco-Frances, coloca-se no estudo do imaginário social a partir do ano 1975 com a terminação de sua obra “A Instituição Imaginária da Sociedade”, que aportou significativamente também ao estudo dos imaginários sociais. Ele distanciava sua concepção do imaginário como a “imagem de” por considerá-lo uma mirada sobre o que é:

O imaginário de que eu falo não é a imagem de. É incessante e especialmente indeterminada (histórico-social e psíquico) a criação de figuras/formas/imagens, a partir do qual só pode ser "algo". O que chamamos de "realidade" e "racionalidade" são obras dele. (CASTORIADIS 2007, apud CEGARRA J. 2012p.12).

E inevitável que ao trabalhar com os imaginários, o simbólico ou o real não se apresente, tendo em conta que isso real que conhecemos é parte da construção dos significados que atribuímos aos objetos já existentes.

A realidade consiste no fato de que essa pessoa, os objetos sociais (outras pessoas) e o mundo da natureza existem em si mesmos, independentes da nossa presença e dos significados que atribuímos a todos eles. Os objetos existem no mundo da sociedade e da natureza com características físicas e

sociais específicas definidas pelas suas experiências históricas, pelas condições ecológicas e seus contextos socioculturais. (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 3)

Esta ideia fortalece a teoria de Castoriadis de que na realidade, mesmo que seja percebida em um espaço e tempo específico, os diversos objetos sociais vão ter a construção de o real ou racional a partir de seu contexto histórico- social e psíquico “o real é a interpretação que os homens atribuem à realidade, o real existe a partir da ideia, os signos e os símbolos que são atribuídos à realidade percebida” (LAPLANTINE F. TRINDADE L. 1997, p.3).

Ainda tendo uma ampla investigação nessa linha de estudo, pesquisadores sociais continuam debatendo e criando discussões acerca dos imaginários, ficando assim um longo caminho que andar na intensa busca da explicação e solução de fenômenos sociais que não podem ser explicados desde uma perspectiva determinista.

Nessa contínua investigação na área dos imaginários, outros pesquisadores contemporâneos deixam seus aportes significativos, como no caso do filósofo espanhol e coordenador do Grupo Compotela de Estudios sobre Imaginários Sociales, Juan Luís Pintos, quem inova nesta área de estudo ao propor uma teoria dos imaginários sociais que continua sua evolução em relação às já apresentadas por outros teóricos, definindo os imaginários sociais:

É um produto social para gerenciar os contextos bagunçados de alta complexidade: como os óculos de um míope corrigir o "defeito" do olho, o qual permite ver a sociedade e nos dota com imaginações sociais para simplificar a sociedade. Os sistemas sociais diferenciados constroem a realidade social com os imaginários, que são esquemas perceptuais socialmente construídos. (PINTOS, JUAN 1999, p. 11).

Os estudos de Pintos Juan trazem para a análise da sociedade como um todo dinâmico e complexo que não se constrói exclusivamente dos fatos acontecidos, sistemas únicos ou realidades únicas, senão das realidades construídas por diversos sistemas os quais são formados por representações simbólicas no ser humano de forma individual, mas também abarcando grupos sociais que respondem às construções feitas por ditos sistemas. Esta teoria dos sistemas é explicada por Pintos Juan (2005, p.44) da forma seguinte:

Os sistemas sociais operam através da comunicação; De forma semelhante e coevolutiva, os sistemas psíquicos operam através da consciência e dos sistemas biológicos através da vida. Isso significa que começamos a partir de uma teoria dos sistemas e não de uma teoria da ação. Estamos interessados em como os sistemas operam não nos elementos analíticos sujeitos a aleatoriedade e probabilidade. Não procuramos leis de supressão de contingência, mas modos de realização de improbabilidade através de operações comunicativas.

A importância desta categoria no campo social e especificamente na área das comunicações. Tem relação com a capacidade possível de ter um impacto ou orientação social sobre como construir as concepções ou ideais que tem uma determinada sociedade, sobre suas instituições, mas também sobre o seu funcionamento como um ente em constante evolução, entendendo que não é estático senão que responde às mudanças que afronta historicamente.

Manifestando uma marcada diferenciação com os conceitos e teorias estabelecidas no século XX, Pintos Juan (2014, p.7) explica algumas precisões sobre suas investigações respeito do conceito dos imaginários sociais, indicando que eles “são esquemas construídos socialmente que orientam nossa percepção, permitem nossa explicação e fazem possível nossa intervenção. No que em diferentes sistemas sociais seja tido como realidade”.

Esta concepção dos imaginários sociais faz refletir ainda mais sobre sua relevância em nível social e a possibilidade de intervenção através dos sistemas de comunicação em torno às realidades construídas pela sociedade e pelos grandes grupos comunicacionais à vez dirigidos pelos sistemas económicos e políticos.

[...] o esvaziamento sistemático ao que os discursos das ciências sociais estão sujeitos em relação aos cidadãos - evacuação produzida pela tecnologia comunicacional homogeneizante e banalizada dos acontecimentos ou pela renúncia dos intelectuais em seu papel histórico de mediadores do conhecimento de a realidade - tem contribuído para que os eventos que estão acontecendo tenham uma leitura única do discurso. (PINTOSJUAN, 1995, p.1)

E são precisamente esses discursos sem conteúdo ou com um conteúdo criado com premeditação para conseguir resultados homogeneizados, que permite uma imagem uniforme

da realidade sem criar um olhar crítico além do que é evidenciado por sistemas de poder incluindo os sistemas comunicacionais que repassam linhas editoriais preestabelecidas e vinculadas ao discurso dominante.

Bronislaw Baczko (1991), filósofo polonês citado por Riffo Ignacio (2016, p.31), faz referência a que os meios de comunicação e difusão jogam um papel determinante no impacto que podem ter os imaginários sociais que constroem para conseguir um espaço nas sociedades, Ele o explica da seguinte maneira:

O controle do imaginário social, de sua reprodução, sua difusão e seu manejo garantem, em diferentes níveis, um impacto nos comportamentos e atividades individuais e coletivos: permite canalizar energias, influenciando escolhas coletivas em situações cujos resultados são tão incertos como imprevisíveis.

Sistemas econômicos e políticos como, por exemplo, o capitalismo ou socialismo são reforçados nas sociedades a través dos meios de comunicação de massas, não exclusivamente nos jornais, senão toda a produção cultural áudio visual de um país ou uma região, pode cooperar ao reforço de certos imaginários, desde um desenho animado, uma revista, uma rede social, as publicidades ou propagandas, e outros.

O impacto dos imaginários sociais nas mentalidades depende em grande parte de sua difusão, dos circuitos e dos meios à sua disposição. Para alcançar a dominação simbólica, é fundamental controlar os meios que são outros instrumentos de persuasão, pressão, inculcação de valores e crenças. (BACZKO, 1991 apud Riffo, 2016, p.31)

Tendo em conta esta ferramenta de homogeneização e controle social, a importância de uma população inteligente, educada e documentada cobra maior valor na hora de escolher o

consumo das informações transmitidas a partir da mídia, a reeducação do ouvinte ou de quem assiste a um noticiário ou uma produção de Hollywood deve ser mais criteriosa.

Basta que los individuos asuman como verosímil la realidad presentada como real por los 'imaginarios sociales' para quedar fijados aquellos en una posición establecida en el marco de las relaciones sociales de producción (CARRETERO, 2010, *apud* RIFFO, 2016, p.170)

É tão sutil e dinâmico este exercício cotidiano da construção e reconstrução dos imaginários sociais, que acompanha sem problemas as transformações sociais, às hegemonias estabelecidas, às modificações culturais e de conduta que acompanha o desenvolvimento de uma comunidade imersa num mundo marcado pela globalização a partir dos meios de comunicação e da tecnologia da informação.

[...] día a día los individuos reciben directa o indirectamente una avalancha de imaginarios que se erigen en los medios masivos. Los imaginarios mediáticos circulan dinámicamente en diferentes estilos y formatos cada mañana al escuchar el noticiario camino al trabajo, en la publicidad instalada en las autopistas, en el periódico, en las historietas infantiles, en la música, en las películas, en un programa matinal de televisión, etc. Los individuos -atrapados por la cultura Midiática- nacen, se desarrollan y mueren en la autoconstrucción constante de un mundo imaginario que se manifiesta vigorosamente en las redes urdidas por los medios masivos de comunicación. (RIFFO, 2016, p.10)

De não determos a analisar os produtos midiáticos que consumimos, dificilmente estaremos cientes de quais são os discursos e linhas de pensamentos que são utilizadas para a construção destes imaginários em nossa sociedade e de que forma somos partícipes e respondemos com nossos próprios pensamentos, opiniões e condutas, induzidas por meio desses elementos comunicativos que recebemos a diário e se fazem parte de nossa rotina, de aí a importância da escolha das fontes informativas, literatura e toda a produção que chega a nós por meio dos diferentes meios de comunicação, informação e redes sociais que acompanham tão de perto o dia a dia do homem, tomando em conta que nossa participação na construção dos imaginários sociais está vigente como atores sociais na comunidade onde nós desenvolvemos para aportar de uma maneira consciente e responsável com a sociedade que nos circunde.

2.2. Os Meios de Comunicação sua Função Social e Operacionalidade

A comunicação como uma ação inerente ao ser humano tem acompanhado historicamente o desenvolvimento das sociedades, sendo um meio para transmitir as ideias, o que pensamos. Criando informações acerca de todo o que nos concerne. PáezUrdaneta, (1992), explica que:

A relação indissolúvel que se estabelece entre informação, conhecimento, pensamento e linguagem, é explicada pela compreensão de que a informação é o caminho para libertar o conhecimento que gera o pensamento humano. Esta versão é produzida pela linguagem (oral, escrita, gestual), um sistema de sinais e símbolos que se comunicam de alguma forma.

Sob esta premissa se define a informação como:

O significado que os dados adquirem como resultado de um processo consciente e intencional de adaptação de três elementos: os dados do ambiente, os propósitos e o contexto de aplicação, bem como a estrutura do conhecimento do assunto. (CAMPBELL, 1989, p.2).

A informação é catalogada como o significado que as pessoas dão às coisas. Os dados são percebidos através dos sentidos, estes são integrados e geram as informações necessárias para o conhecimento, o que permite que sejam tomadas decisões para realizar as ações diárias que asseguram a existência social.

Conforme expresso por Ivis Goñi Camejo (2000, p.1), afirma-se como o ser humano conseguiu simbolizar os dados de forma representativa, por exemplo, possibilitar o conhecimento de algo concreto e criar as formas de armazenar e utilizar o conhecimento representado. A informação em si, como a palavra, é ao mesmo tempo significado e significância, esta última é o suporte material ou simbologia que registra ou encerra o significado, o conteúdo.

A informação de uma ou outra forma sempre tem estado presente na vida do ser humano, num momento transmitido a partir da linguagem não verbal que evoluiu até representações verbais sofisticadas, e conteúdo que têm sido administrados pela liderança religiosa, política, militar e midiática, segundo a época e o lugar.

Desde papiros escondidos em catacumbas, passando por fragmentos e versões ilegíveis da Bíblia guardados nos mosteiros medievais e demais livros em bibliotecas inacessíveis,

até chegar até as delimitadas linhas editoriais da mídia e a atomização de informação na internet, assim foi evoluindo a gerencia e o tratamento da informação, sempre administrada de um reduzido número de pessoas.

Na evolução deste acesso a informação e à tecnologia veio a facilitar o tratamento, cuidado e difusão da mesma, a partir de uma sofisticada base de dados eletrônica que facilitaria sua ordem e que serviria para sua divulgação na atualidade através de redes, com capacidade inimaginável de armazenamento virtual/intangível, a qual pode estar ao alcance de qualquer pessoa em qualquer lugar e tempo.

Entre os elementos que caracterizam aos meios de comunicação e que tem emergido com o desenvolvimento deles, e que usam os profissionais da comunicação na manipulação dos meios para chegar às massas, é a utilização de códigos, um deles chamado por Juan Luís Pintos de relevância/opacidade, que se apresenta a partir de um conjunto de decisões seletivas, orientadas nas maiorias dos casos por linhas editoriais que ditam a orientação que devem seguir esses meios.

Esses códigos são claramente identificados nos jornais impressos, digitais, audiovisuais e até nas redes sociais. Eles são ressaltados a partir do maior espaço, fotografias maiores e em cor, lugar dentro da página do jornal; na televisão maior tempo e horários estelares com jornalistas reconhecidos e personalidades influentes; entre outros elementos que colocam um tema, problemática, situação ou tendência em maior relevância do que outros que são tão valorados como os primeiros.

Certamente a globalização e a extensa difusão da informação mediante das redes sociais têm popularizado seu uso, permitindo a contrainformação, diminuindo a hegemonia dos meios, os grandes conglomerados informativos mantêm agendas que são seguidas por diversas empresas de comunicação em nível mundial.

Quando os interesses políticos e econômicos são os que conduzem, as linhas editoriais a verdade nem sempre é o objetivo, mas por se tratar de um tema de relevância social que vai aumentar a audiência e as vendas dos jornais. Luhmann (2000 p.42): “É sabido que a comunicação e a informação viraram um negócio muito lucrativo a partir do aparecimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), lucro econômico, poder político, influência social, tudo em um mesmo produto, a informação”.

Para os Mass media a coisa real interessa nos limites muito restritos, e acima de tudo. Claramente distintos dos interesses da investigação científica que requer de uma rigorosidade metodológica e certificação dos fatos. O problema não está na verdade, mas na seletividade inescapável (embora haja sempre um desejo de regulá-lo) da mídia.

Não existe uma única realidade, que seria necessariamente identificada com uma verdade. As sociedades contemporâneas não são configuradas sob o modelo de sistemas originais e referências absolutas. Elas estão sujeitas a processos evolutivos de diferenciação sistêmica progressiva. Historicamente são modos de códigos de comunicação diferencial e programas pelos quais o sistema se torna funcional às demandas do ambiente, produzindo áreas específicas de operação (política, ciência, direito, economia, religião e outros).

Assim, em cada um desses subsistemas é possível tentar definir como únicas realidades que correspondem aos interesses conflitantes das organizações que operam no interior. O resultado são sociedades poli contextuais em que a construção só é possível pela emancipação de complexidade, não simplificação. (PINTOS JUAN, 2004).

[...] um coletivo interessado em informação útil, imediatamente aplicável para satisfazer suas necessidades sociais, incluindo entretenimento e cultura; necessidades mal atendidas por outras instâncias alternativas à mídia; coletivo consciente de que seu ambiente está mudando, que mudanças o afetam e que a comunicação social pode e deve ajudá-lo a entender onde as transformações e seus significados estão orientados. (MARTIN SERRANO, 1984, p.206).

Tendo em conta que a informação é a matéria prima dos meios de comunicação de massas e que os meios utilizam essa matéria como um produto que não só atende a necessidade de manter informada a uma sociedade senão que, além disso, cumpre com funções sociais que não somente tem que ver com as atividades que a mídia desenvolve diariamente, como informar, entreter, educar, senão, mas bem com os efeitos que são atribuídos aos meios de comunicação na sociedade.

Por meio de sua produção informativa, em primeiro lugar, e de sua produção de entretenimento, em segundo lugar, a mídia fornece recursos importantes para os sujeitos sociais quando se trata de configurar uma ideia geral do mundo social. [...] a abordagem dominante é aquela que aborda a mídia como uma espécie de "janela" privilegiada para o mundo social, ou como se fossem os "sentidos" através dos quais a sociedade pode observar a si mesma. (AGUADO,2004, p.234)

A abordagem que faz à mídia está fortemente ligada com a concepção predominantemente informativo dos meios de comunicação, com o conceito de mídia como serviço público, mas também é necessário observar que a grande maioria dos conteúdos de mídia não é informativa, mas persuasivo e de entretenimento, devido a que os meios de comunicação são empresas sujeitas à dinâmica do mercado de consumo de massa e cujo capital principal é o seu público (AGUADO, 2004).

A partir de distintas teorias e modelos de comunicação María Trinidad Bretones (1997), identificou e sistematizou as funções sociais dos meios de comunicação de massas e como se operacionalizam as mesmas. Ela afirma que: “Em termos gerais, as funções dos meios se fazem efetivas na atividade normal da comunicação de massas e se reconhecem pelos efeitos sociais que esta produz” (BRETONES, 1997, p. 3). O ponto de vista comum dos trabalhos de investigação e modelos teóricos que ela utilizou para sistematizar as funções sociais dos meios e seu objetivo, isto é, querem dar conta da relação que se estabelece entre comunicação de massas e sociedade.

As teorias que deram lugar à primeira função que apresenta Bretones são a Teoria Hipodérmica e Teoria Crítica, de onde se estabelece como primeira função social a de “manipulação” que satisfaz a necessidade de dirigir a conduta para alcançar os interesses da elite política y empresarial.

[...] mensagens específicas são produzidas a partir da mídia, sejam mensagens de propaganda ou mensagens publicitárias, que juntas constituem uma "função manipuladora" que satisfaz a necessidade de manipular o comportamento - como um meio - para alcançar os interesses - como fins - de a elite política e empresarial. (BRETONES 1997, p.8).

Essa capacidade dos meios de intervir ou manipular as condutas das pessoas é definido a partir da Teoria Hipodérmica, onde os efeitos da mídia podem ser de influência, mais ou menos negativa, dependendo da qualidade intrínseca de suas mensagens. “Mas o que não deixa margem para dúvidas e, portanto, não é aberto a nenhum grau, é que a mídia tem a capacidade de manipular o comportamento de seus destinatários” (BRETONES, 1997, p.9).

A imagem de uma sociedade onde esta função midiática se desenvolve e manifesta é, segundo Bretones (1997), numa sociedade de massas¹², onde opera uma elite já seja política ou

12Podemos descrevê-la como uma sociedade em que a grande maioria da população está envolvida na produção, na distribuição e no consumo de bens e serviços, além de seguirem um modelo de comportamento generalizado, participando do meio político e da vida cultural por meio do uso dos meios de comunicação de massa.

económica que controla o desenvolvimento das pautas informativas dos meios de comunicação, existindo assim uma hegemonia totalitária¹³. Também dita função tem como objetivo modificar a conduta dos indivíduos para que seja funcional aos interesses da elite industrial e capitalista.

Por sua parte a Teoria Crítica que aborda a superestrutura cultural e ideológica desenvolvida em forma duma "indústria cultural" ainda que, com marcadas diferenças da Hipodérmica, tem sua participação no estudo da função manipuladora dos meios de comunicação.

En la teoría crítica la función manipulativa se cumple automáticamente por el consumo del producto de los medios (o el consumo de productos culturales industrialmente producidos), y la manipulación la lleva a cabo el conjunto del sistema social en la forma en que se ha establecido contemporáneamente: industrial y capitalista. (BRETONES, 1997, p. 14).

Estes estudos focalizados a partir das teorias antes mencionadas se levam a cabo no século XX, não entanto muita das características analisadas nesta sociedade e na função social dos meios de comunicação tem uma similitude que ainda no século XXI não consegue deslastrar-se dessa carga hegemônica e capitalista mantendo-a, certamente com certas variações que aportam em certo sentido a atual disponibilidade das redes sociais que somam um elemento de análises social e comunicacional, que não é nosso objetivo aprofundarem nele na nossa pesquisa, mas é importante tomar em conta na hora da indagação destes conteúdos.

Outra das funções sociais dos meios identificadas no estudo das diversas teorias da Comunicação apresentadas por Bretones (1997) é a função “Mobilizadora” que surge de teorias e modelos de Comunicação. Afirma-se que nesta função Mobilizadora os meios não produzem algo novo senão que reproduzem o que a sociedade mostra ou necessita, a diferença da outra sociedade, esta sociedade opera com subsistemas sociais interdependentes e tem Pluralismo hegemônico que se observam na multiplicidade de centros de atividade social e de poder. O que estas teorias propõem como uma das funções sociais da mídia é ver aos meios de comunicação como um espelho onde se visualiza a sociedade:

O fato de focalizarmos nossa atenção em um ou outro tópico de debate público ou de escolhermos alguma forma de participação pública, evidentemente não surge da mídia, são necessidades socialmente produzidas, fora do território produtivo da mídia, mas elas são o veículo para que nossas

13 Em história política, hegemonia é a supremacia de um povo sobre outros, ou seja, através da introdução de sua cultura ou por meios militares.

necessidades sejam redirecionadas, assim como a janela de onde olhamos "quase tudo" que acontece socialmente. (BRETONES, 1997, p. 50).

Essas teorias sinalam que as questões de interesse comum na área social, política, econômica ou cultural, têm sua origem fora da mídia, com uma duração independente do tempo de informação de tais questões, e demandas que não produzem os meios senão formas de organização sociais diversas como: partidos políticos, grupos organizados (de doentes, pobres, países específicos, etc). No entanto, a maioria dessas questões começa sua existência quando aparecem na mídia, para aqueles que não são diretamente afetados, seu fim como uma "questão social" vem quando a mídia deixa de relatar por um tempo e, em alguns casos, não há "problema social" se a mídia não o reportar (BRETONES, 1997).

Outra das funções sociais identificada é a que cumpre o papel de "Controle Social" e este pode ser tanto o controle do processo da comunicação que é elaborado a partir do Modelo da Agenda Setting e a Teoría da Espiral do Silencio, e o controle do resultado que emerge, a partir do Modelo de Propaganda. Esta função dos meios está emergindo como a "função gerencial necessária para a organização social, e se concentra na "gestão da opinião pública" - entendendo a opinião pública como a expressão de interesses e ações coletivas tão diversas" (*Ibid*).

A Agenda setting tem que ver com a organização das informações que serão transmitidas a través dos Mass Media, sendo que a mídia não organiza a forma de como pensam ou opinam os membros de uma sociedade, mas simde como estabelecem a hierarquia dos assuntos que as pessoas pensam ou opinam. No trabalho diário de produzir e publicar notícias, estabelecem a ordem temporal e a prioridade que pode ser atribuída a tópicos em que pensamos e acreditamos.

No quadro dessas afirmações, as funções sociais da mídia são sintetizar em sua capacidade de "indicar" a direção de nossas preocupações, a direção na qual aplicar nossa capacidade discursiva e reflexiva, e as direções, pelo menos algumas, em que esperamos poder canalizar nossa atividade pública, porque a mídia estabelece a demanda. (*Ibid*)

Com esta agenda a sociedade está obrigada a ler e observar as informações que são relevantes e importantes para as elites políticas e econômicas, sem a opção de colocar

visibilidade em outros assuntos que não sejam tão atraentes para os interesses dos grupos dominantes.

A "teoria da espiral do silêncio", que também foi utilizada para atribuir aos meios de comunicação a função de controle é, ao mesmo tempo, atribuir-lhes a capacidade de organizar, gerenciar ou controlar processos sociais implícitos na formação da opinião pública, que é definida como:

[...] a posição expressa em uma questão ou questão - seja sob a forma de suposição expressão de símbolos, ações ou comunicações - e é também a opinião silenciada. A expressão ou silêncio da opinião é uma consequência da impressão individual de apoio ou rejeição - de comunidade ou isolamento sobre as próprias atitudes e posições que determinado fato - fenômeno social, informação ou expressão de atitudes de outros. (BRETONES, 1997, p.57)

Para esta teoria, a mídia controla a sociedade na medida em que eles controlam o processo de opinião e, portanto, a chave é mostrar em que medida e sentidos operam a mídia no processo de formação da opinião pública.

O Modelo de Propaganda que sustenta a função de Controle Social dos meios de comunicação “serve para a análise sociológica que pode ser realizada sobre a atividade da mídia sob as condições derivadas - comuns a um conjunto de países - do "mercado livre" e do sistema político democrático” Bretones (1997, p. 46). Este modelo elaborado por Noam Chomsky junto com Edward S. Herman em seu trabalho *Os Guardiões da Liberdade* “parte de uma hipótese central: os meios de comunicação de massa servem aos interesses da elite dominante - o Estado e a atividade privada das empresas”. Bretones (1997, p. 40).

Propõe, a partir disso, uma interpretação da mídia como instrumento de propaganda que, por motivos de autocensura (e não de conspiração), oferece uma visão tendenciosa da realidade: os jornalistas produzem mensagens de propaganda condicionadas pela organização em que trabalham; condicionados pelas rotinas produtivas em que realizam sua atividade; e condicionada pelas expectativas informativas que eles percebem - expressas a partir de instâncias sociais externas ao fato da produção de informação, ou expressas pelo grupo de profissionais do qual fazem parte. (BRETONES, 1997, p. 46).

As condições de submissão dos jornalistas às decisões dos diretores das empresas de Comunicação muitas vezes ameaçam a ética profissional, condicionados às exigências de uma pauta que tem que ser cumprida para atender às demandas do labor do meio, restringindo assim

a liberdade de expressão e de comunicação do jornalista, que por diversos motivos termina aceitando as condições da empresa ou instituição pública.

Por sua parte a Função Social de Reprodução Cultural tem sua origem na Teoria Culturológica e na Perspectiva Culturológica, que ainda tendo em comum seus nomes o único que é similar entre ambas é a função social que exercem a partir dos meios de comunicação.

A "teoria cultural" é o desenvolvimento da explicação do papel social do conjunto de atividades culturais - e, especificamente, das atividades culturais atribuídas à mídia - realizadas por E. Morin e A. Moles a partir de uma perspectiva essencialmente antropológica. A primeira enfatiza a caracterização da cultura de massa como produto industrial e como produto de consumo. O segundo produz reflexões sobre a mídia a partir da estrutura da chamada "cultura mosaica" (que é o resultado de uma civilização conquistadora orientada para a abundância e a tecnologia de mídia de massa) e enfatiza como elas operam nela, deixando nas mentes dos indivíduos um repositório de conhecimento adquirido passivamente - que eles usam ativamente em sua compreensão do mundo (*Ibid*, p.63).

A Perspectiva Culturológica tenta investigar as conexões entre a cultura de sociedade e cultura que produzem os meios: negociação, intercâmbios e as adaptações estabelecidas entre eles. Para isso, a cultura da nossa sociedade é uma, mas emerge destes dois pontos de conexão diferenciada. E reconhecer o processo que opera no nosso caminho cultural implica: conhecer as diferentes ideologias de grupos e classes, e redes sociais que operam em nossa sociedade e as condições estruturais que eles os perfilam; conhecer as ideologias que fundamentam as mensagens da mídia; e conhecer os reforços e as rupturas que se estabelecem entre o conjunto de ideologias que operam dando forma a uma "ideologia de domínio" -que organiza as inclusões e exclusões de temas de mídia - e que expressa na forma de um consenso e de um sistema cultural.

2.3. Imaginários Sociais sobre imigrantes construídos a partir dos Meios de Comunicação.

O Brasil tem desenvolvido uma história migratória importante que atravessando por diferentes etapas mostra sua evolução nesta matéria. Neste item iremos trabalhar um pouco como tem sido esse histórico migratório no Brasil e de que forma tem se acolhido aos imigrantes em diferentes épocas, de diferentes nacionalidades e com diversos graus de qualificação. Quais foram às motivações para receber certo tipo de imigração e se seu discurso em matéria

migratória tem acompanhado suas políticas, da mesma maneira iremos ver como os meios de comunicação e a comunidade em geral recebe aos diferentes migrantes que chegaram ao Brasil.

Como notaremos a continuação, a imigração ao Brasil tal como a conhecemos atualmente e a luta que tem dado no século XX na procura por garantir os direitos humanos dos imigrantes, passou por ter uma política migratória seletiva priorizando as necessidades de mão de obra qualificada, como também orientadas à segurança nacional, sobretudo no período da ditadura militar de 1964 até 1985, deixando na legislatura brasileira um legado migratório que dava ênfases à segurança sobre os tratados humanitários, também se observaram algumas contrariedades entre o discurso migratório e as normativas existentes nessa matéria.

Observaremos também que a narrativa comunicacional dos meios sobre a migração aumenta na medida em que a mídia vai tomando um papel preponderante na sociedade e dá maior espaço a temas que concernem ao coletivo.

2.3.1 A imigração histórica no Brasil

Na Primeira República, depois da abolição da escravidão se estabelece no Brasil uma estratégia migratória que respondia as necessidades de povoamento e mão de obra livre e branca que contribuísse com a tentativa de aproximar ao Brasil ao standard da Europa, este período foi de 1870 a 1930, quando chegaram ao país cerca de cinco milhões de imigrantes, é chamado de imigração histórica.

[...] contou com o apoio oficial que se deu por meio de políticas de direcionamento de imigrantes para o mercado de trabalho e para áreas de colonização, no sentido de promover uma europeização do Brasil visando a aproximar a população brasileira de padrões étnicos e culturais europeus, entendidos naquela época como desejáveis para constituição da população. (ASSIS; MAGALHAES, 2016, p. 212).

Esta migração foi planejada segundo as necessidades e os propósitos políticos que tinha a nação nesse tempo, a importância de trazer uma cultura que se impõe aos costumes e forma de vida dos nativos que habitavam o território com padrões de alto standard, segundo a sociedade dominante da época.

Pessoas com nacionalidade italiana, portuguesa e espanhola foram as que chegaram ao Brasil em maior quantidade, motivados por incentivos do governo brasileiro, batalhas e

situações de conjuntura política que aconteciam nos países da Europa. Os registros de como foram recebidos e tratados pela população nativa não são muitos, mas professores de história como Juliana Bezerra faz menção de alguns acontecimentos que faz imaginar como fora sua chegada e inserção no Brasil.

Desde o fim do tráfico de escravos, estimulava-se a vinda de italianos para o Brasil a fim de substituir aos africanos escravizados. O governo brasileiro pagava a passagem dos imigrantes em navios a vapor, lhes prometia salários e casas, algo que não era cumprido. (BEZERRA, 2017)

Uma das intenções dessa migração organizada pelo governo era o branqueamento da população brasileira, modificando assim a tez do nacional para imitar junto com seus costumes e padrões de vida ao cidadão europeu.

Os incentivos que recebiam estes imigrantes era desde uma passagem, a atribuição de terras para cultivo, promessas de salários e casas, entre outros, que em alguns casos foram cumpridos e em outros eles devieram modificar as atividades. No caso dos Sírios e Libaneses que eram pequenos agricultores em sua terra natal e que devido ao modelo de latifúndio encontrado no Brasil, eles não encontraram terras disponíveis para ocuparem, dedicaram-se, principalmente, ao comércio como vendedores ambulantes.

No caso dos imigrantes alemães, o governo imperial esperava que eles ajudassem a defender as fronteiras brasileiras e muitos eram forçados a se alistar no Exército assim que desembarcava, (BEZERRA, 2017) nessa época de povoamento do Brasil foi muito que se esperou e conseguiu-se da população de imigrantes.

As levas de imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX trouxeram uma importante contribuição demográfica, económica e cultural na formação da população brasileira. Esses fluxos migratórios de portugueses, espanhóis, italianos, alemães, sírio-libaneses, japoneses, dentre outros fluxos, contaram com políticas migratórias que favoreceram sua chegada e seu estabelecimento no Brasil (ASSIS; MAGALHAES, 2016, p.212).

Outra das demandas dessa imigração de grande importância para o Brasil foi como o mencionam diferentes autores: o livramento da herança escrava, de aí que a chegada dos brancos da Europa não só significou uma contribuição nos termos já ditos senão que também no branqueamento da população nativa, já Vainer (1995, *apud* ASSIS; MAGALHAES, 2016, p. 212) destaca que “da proclamação da independência os movimentos que sucederam a Republica, há nas políticas migratórias uma estratégia de branqueamento, na qual notasse uma clara opção de empregar gente *branca, livre e industriosa*”.

Tratou-se de uma política migratória para aproveitamento do país em diversas áreas que resultou com o povoamento e desenvolvimento da nação e o aumento de raças, línguas, culturas, costumes, gastronomia, que fizeram do Brasil o que atualmente é. Essa migração foi se reduzindo na terceira década do século XX.

Por fim, durante a segunda guerra mundial foram estabelecidas medidas restritivas para receber imigrantes, principalmente aqueles que fugiam das perseguições da guerra, e foram estabelecidas cotas de imigração para o Brasil. O volume de imigrantes no Brasil começa, então, a diminuir progressivamente. (ASSIS; MAGALHAES, 2016, p.212).

Vemos que este processo migratório organizado com um planejamento claro e progressivo produziu a médio e longo prazo os resultados desejados por aqueles que iniciaram toda essa mobilização humana, onde as populações localizadas no território brasileiro conseguiram se estabelecer, formando suas vidas, famílias, negócios, proporcionando assim um valor inestimável no desenvolvimento do extenso país sul-americano.

2.3.2 Brasil como destino econômico

Os anos seguintes a guerra mundial, segundo Povoas neto e Sprandel (2010) cessou-se a abertura ao imigrante e iniciou-se a chegada de imigrante qualificado para setores específicos da economia. Já em 1964 a ditadura militar ocupou-se de limitar a imigração internacional com uma política de segurança nacional, direcionada a proteger o espaço terrestre tendo absoluto controle na entrada de estrangeiro ao país, e tendo aos não nacionais como possíveis ameaças para a segurança do país.

A partir de 1990, se dá novamente abertura à imigração internacional no Brasil, já que inicia a época de estabilidade econômica e política no país, Brasil começa a ser visto como um destino econômico importante, ainda que existissem certas restrições para a entrada dos imigrantes e a imigração humanitária não tinha abertura legal.

Durante três décadas, a política migratória brasileira emitia um conjunto muito restrito de vistos (são eles: de trânsito, de indústria, temporário, permanente, de cortesia, oficial e diplomático), não permitindo com isto a possibilidade de imigrantes advindos de conjunturas de guerras, de desastre ambiental e de perseguições obterem vistos e neste sentido esta legislação chocasse frontalmente com a defesa dos direitos humanos do sujeito migrante. (ASSIS; MAGALHAES, 2016, p. 216).

O fluxo migratório a partir de 1990 incluiu coreanos, chineses, libaneses, imigrantes latino-americanos, especialmente bolivianos, chilenos, uruguaios, argentinos e colombianos, além dos africanos.

É importante lembrar que a atenção de muitos migrantes se centra no Brasil a raiz do boom econômico que ocorrera em parte do período da ditadura no Brasil, ainda que fosse por um curto período e deixará sequelas significativas na economia brasileira, a fama do desenvolvimento da economia no Brasil se fez conhecida e atraente para quem buscava novas oportunidades.

No período 1964-1967, as taxas de crescimento anuais médias em termos reais do M1 e do crédito foram de 4,8% e 4,9%, respectivamente. No período 1968-1973, essas taxas elevaram-se para 13,9% e 17,4%, respectivamente. Outro dado importante é que, enquanto no período 1964-1967 o crescimento médio anual real do crédito ao setor privado foi de 7,4%, essa taxa elevou-se para 25,4% no período 1968-1973, ao passo que a taxa de crescimento anual real do crédito ao setor público, de 1,1% em 1964-1967, foi de -16,2% em 1968-1973 (Hermann, 2005). Em resumo, o período 1968-1973 foi caracterizado por uma grande expansão real da moeda e do crédito, e esse último foi canalizado para o setor privado (VELOSO; VILLELA; GIAMBIAGI, 2008, p. 2).

Esses foram anos de muitos ajustes econômicos e políticos na nação brasileira, a abertura neoliberal ao mercado internacional, que ficaram conhecidas em todos os países, as oportunidades de trabalho em empresas transnacionais que se estabeleceriam no território brasileiro.

O período 1968-1973 é conhecido como "milagre" econômico brasileiro, em função das extraordinárias taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) então verificadas, de 11,1% ao ano (a.a.). Uma característica notável do "milagre" é que o rápido crescimento veio acompanhado de inflação declinante e relativamente baixa para os padrões brasileiros, além de superávits no balanço de pagamentos. (VELOSO; VILLELA; GIAMBIAGI, 2008, p. 2)

O estado Amazonas não foi a exceção na expansão econômica vivenciada nesses anos. Foram muitas as empresas que chegaram à cidade de Manaus atraída pelos incentivos fiscais. Assim lembra Torres (2009, p. 248):

Recorde-se que esse foi o momento histórico de abertura do mercado e da entrada intransigente do neoliberalismo no país. O número de empresas que passaram pela zona franca de Manaus nas décadas de 70 e 80, segundo as informações dos sindicatos dos trabalhadores metalúrgicos do Amazonas, atingiu um patamar de mais de 600 empresas com abertura de economia em 1979 e as transformações sociais que ocorreram no mundo do trabalho, sobretudo, a partir de esse momento, em todo Brasil, as empresas do distrito industrial de Manaus chegaram a um número de 399 em 1992, conforme indicadores socioeconômicos da Suframa.

Ainda recebendo imigrantes qualificados no Brasil para atender demandas laborais, teria sido registrada no período de 1900 ao ano 2000 uma baixa recepção de imigrantes em relação com os brasileiros que emigraram do país (CARVALHO 1996 *apud* CARVALHO; CAMPOS 2006, p. 1) chegou à conclusão de que o Brasil, entre 1980 e 1990:

[...] teria experimentado uma perda líquida de aproximadamente 1 milhão 800 mil pessoas por meio dos fluxos internacionais: 1 milhão 50 mil homens e 750 mil mulheres. Essas estimativas correspondem à média dos valores máximo e mínimo estimados pelo autor e nelas não estão incluídas as crianças nascidas durante o decênio. Portanto, referem-se a migrantes, em 1990, com dez ou mais anos de idade.

2.3.3 Imigração humanitária no Brasil

Já no século XXI iniciou-se uma revisão da política migratória no Brasil, tendo alguns desafios em quanto a sua legislação e ao tratamento humanitário das migrações forçadas ocorridas no Haiti e na Venezuela. Neste item vamos poder ver a opinião da população a partir da mídia, em quanto a estas imigrações ao Brasil, especificamente na cidade de Manaus.

No ano 2010 a partir das catástrofes que assolou ao Haiti, os haitianos fugindo da devastação e crise humanitária começaram a chegar às cidades fronteiriças do Brasil como Tabatinga e Brasileia, eram muitos os imigrantes que ingressavam ao país por diferentes cidades fronteiriças. Muitos dos haitianos que chegaram deviam esperar semanas e meses para ser atendidos pela Polícia Federal para regularizar sua situação legal no país. (ASSIS; MAGALHAES, 2016)

Dado que a maior entrada de imigrantes haitianos se produzia pelas fronteiras brasileiras devido à redução de custos que significava esta rota para eles, os departamentos da Polícia

Federal nesses pontos recebia grande quantidade de imigrantes que deviam esperar pelo processo de normalização de seus documentos no Brasil, situação que impedia sua mobilização dentro da nação e a possibilidade de acessar a outros documentos como a carteira de trabalho, isso desencadeou algumas tomadas de decisões para melhorar esta demanda de documentos.

É assim como foi emitida uma Resolução Normativa Específica do CNIg – Conselho Nacional de Migração que instituiu o visto humanitário e que regula a entrada de haitianos no país com uma validade por cinco anos no Brasil, esta resolução abriu a discussão sobre a política migratória brasileira. Seria esta a decisão acertada para brindar ajuda humanitária a um povo que fugia da devastação de seu país? Contudo, esta ação permitiu que chegassem ao Brasil com sua documentação completa e para o governo significava ter o controle sobre a entrada destes imigrantes no país.

[...] o governo brasileiro emitiu a Resolução n. 97, que determinava uma cota anual de 1.200 vistos humanitários, a serem emitidos na embaixada brasileira de Porto Príncipe. No entanto, tal medida foi recebida com pessimismo da parte dos imigrantes e com duras críticas de organizações não governamentais e de estudiosos da questão, sendo classificada como um retrocesso e uma forma de discriminar imigrantes, diferenciados por sua condição social ou classificação racial. (SIDNEY, 2017, p. 5).

É nesse contexto que se evidencia uma contradição na política migratória brasileira ao fazer seletiva a entrada a imigrantes, já que por um lado está aberta a imigrantes, pessoas más qualificados, com dinheiro e no caso dos haitianos, aqueles que tinham a possibilidade de tramitar o respectivo Visto Humanitário em Porto Príncipe, restringindo de este modo a entrada daqueles que fogem da crise e da instabilidade, agravadas pelo terremoto de 2010 no Haiti e pelos furacões Isaac e Sandy.

Outro fator a ser considerado e que delata também uma contradição é o reconhecimento na legislação brasileira a migração como um direito do homem e a importância da regularização migratória para inserção do migrante na sociedade e sua contribuição para o desenvolvimento do país, no entanto, mantém procedimentos burocráticos e mecanismos de expulsão contradizendo os pressupostos iniciais do documento. (VENTURA, 2012, p. 217)

Ao chegar ao Brasil muitos dos imigrantes haitianos foram acolhidos pela Pastoral do Migrante onde recebiam orientação e auxílio num primeiro momento, quando eles não tinham uma rede de apoio familiar ou de amigos, além das inexistentes políticas públicas que deram

um recebimento inicial. O labor ficou principalmente com a Pastoral do Migrante e outras ONGs que cooperaram neste primeiro momento.

Nessa perspectiva, a Pastoral do Migrante acabou assumindo uma dupla função: a de encaminhar para o trabalho, que deveria ser exercida por instituições públicas, como é o caso do Serviço Nacional de Emprego; e a de “regular” as relações de trabalho, tentando evitar possíveis abusos contra uma mão de obra tida como “vulnerável”, por ser imigrante. E quando seus direitos não são respeitados, resta-lhes recorrer à Pastoral para que tome alguma providência, já que outros canais são, às vezes, inacessíveis em razão da burocracia e/ou do alto custo ou, em alguns casos, insensíveis às suas demandas. Contudo, vale notar a atuação do Ministério Público do Trabalho em algumas cidades, seja fomentando a discussão da relação entre migração e trabalho, seja atuando diretamente na resolução de conflitos. (PRADO; COELHO 2015 *apud* SYDNEY 2017, p.6).

Desde o passado migratório brasileiro surgiu à imagem preconceituosa do que o imigrante deve modelar-se a o que a sociedade que lhe recebe exige, trazendo um valor agregado ao país, já no caso do europeu além de sua experiência de trabalho e/ou dinheiro para inverter poderia contribuir com o “branqueamento” da população. “E no caso do imigrante haitiano, ele representa sem dúvida, a imagem construída do imigrante indesejado, negro e principalmente pobre, pelo qual se tornou num elemento contrastante na realidade que Brasil possui”. (COUTO,2016, p.170).

Na pesquisa realizada por Katia (2016, p. 171) ela faz referência ao jornal A Crítica.com do 5 de março de 2012, onde foram publicadas matérias relacionadas à insatisfação da população local de Tabatinga expondo o lado de “uma relação que se caracteriza pela falta de acesso da população da cidade ao trabalho ou aos serviços públicos e sociais devido ao excesso de imigrantes que buscavam auxílio nos mesmos locais”.

Tomaremos alguns dos textos apresentados nessa investigação como referência para verificar certos elementos de como os imigrantes haitianos eram percebidos pela população e como eles se sentiam em torno a convivência com os nativos, que é o caso de Ernest Cassius, ex-estudante de Economia, que manifestava: “Nós sabemos que há diferenças culturais e que elas podem causar algum incômodo para a população daqui, mas não viemos para criar problemas” (COUTO, 2016, p.171)

Eles tentaram se adaptar ao novo espaço territorial, cientes de que a suas presenças trouxeram certos incômodos à população local. Mobilizaram-se em procura de trabalho e de

oportunidades para seu mantimento e de seus familiares e para sua inserção na sociedade, ainda quando muitos das “informações” e comentários publicados nos jornais incluíam um descontento da população pela situação laboral, incluindo palavras de xenofobia na época do próprio prefeito de Tabatinga, Saul Nunes:

Quando um caboclo vai para uma obra “ele chega lá e vê um monte de haitianos trabalhando”. Aí ele vai para o porto para ver si consegue descarregar um barco. Chega lá e já tem um monte de haitianos trabalhando. De uma forma ou de outra os haitianos estão tirando os empregos da população local (A CRÍTICA, 13 de fevereiro de 2012 *apud* COUTO, 2016, p. 173).

Uma declaração nesses termos por parte de um governante tem a possibilidade de induzir ou reforçar o pensamento e a opinião de uma população que vê aos imigrantes como invasores de seu espaço. Declarações publicadas nesse jornal por parte de algumas pessoas daquela população da conta do seu caráter xenofóbico e a imagem que tinham dos haitianos:

[...] eu não aguento mais esses haitianos na frente da oficina do meu pai. Eles urinam lá o tempo todo estão afastando os clientes de meu pai, que está até em depressão. Vou a Polícia saber si eu posso colocar uma placa dizendo: proibida a presença dos haitianos [...] (ACRÍTICA, 5 de março de 2012 *apud* COUTO 2016, p. 171).

A rejeição aos imigrantes passa pelo fato de acreditar que o problema que tem a sociedade é produzido pela presença deles. Na anterior declaração vemos um jovem desesperado por seu pai, que joga a responsabilidade da carência de trabalho e da doença de seu pai na presença dos imigrantes e acredita que se eles não estivessem por perto o problema acabaria.

Na última década, o discurso de ódio contra migrantes, mulheres, homossexuais e minorias étnicas e religiosas surgiu em diferentes partes do mundo. É um fenômeno que em alguns países já foi classificado como crime. O discurso do ódio pode ser entendido como aquelas formas de expressão que incitam, promovem ou justificam o ódio racial, a xenofobia, a misoginia, a homofobia, o antissemitismo e outras formas de ódio contra coletividades e grupos humanos que interagem como minorias. (OEHMICHEN, 2018, p.6)

E esse discurso de ódio vem direcionado à população por meio de líderes políticos como o caso mais recente nos Estados Unidos quando vemos o presidente Donald Trump falar com tanto ódio do povo mexicano e com uma política migratória que bem se observou durante seus primeiros 100 dias no poder.

Durante os primeiros 100 dias, ele confiou ao Departamento de Segurança Interna a contratação de 5.000 novos agentes da Patrulha da Fronteira; construir novas instalações de detenção perto da fronteira; dar prioridade à deportação de imigrantes indocumentados acusados de "qualquer crime" ou "de risco à segurança pública ou à segurança nacional", ou seja, todos eles. (OEHMICHEN, 2018, p.6)

Os imigrantes que são deslocados, por guerras, crises humanitárias, fome, pobreza, representam para muitos países um problema que é tomado como uma justificacao de situações não superadas pelos países, como a pobreza, o desemprego, a delinquência, a deficiência na saúde e na educação.

A construção de migrantes e mexicanos como um "bode expiatório" para desviar a raiva causada pela globalização neoliberal é um fato social que mobilizou as massas americanas e fortaleceu várias organizações da extrema direita. O ódio contra os migrantes aparece como uma forma discursiva usada por Trump desde o início de sua campanha presidencial, que proferiu uma série de afirmações que poderiam ser categorizadas como incitamentos ao ódio. Entre outras coisas, ele disse: "Quando o México envia seu povo, eles não nos enviam para o melhor. Eles nos mandam pessoas com muitos problemas, que trazem drogas, crime e são estupradores"; "Os mexicanos estão nos matando na fronteira"; "Nossos empregos estão deixando o país e indo para o México e muitos outros países".

As opiniões de líderes e representantes dos países, estados e municípios, demarcam o desenvolvimento das diversas políticas públicas que adotam um país ou uma região determinada e a sua vez é acompanhada pelas empresas de comunicação seguindo um discurso que é dirigido às massas. É aí quando lemos no jornal a opinião de uma pessoa que consegue uma justificção no comportamento do outro, habitante da cidade de Manaus identificado seu primeiro nome como Augusto dizendo "por que no Brasil pode fazer tudo? Se fosse nos Estados Unidos já tinham deportado (Sic) todos eles, fala sério! Envia eles de volta para lá". (ACRITICA 5 de janeiro de 2012 *apud* COUTO 2016, p. 174).

CAPÍTULO III

A MÍDIA AMAZONENSE E A IMAGEM DOS IMIGRANTES

INDÍGENAS VENEZUELANOS

Os meios de comunicação do Estado do Amazonas, como qualquer empresa, estão sujeitos a uma linha editorial que responde aos interesses econômicos, ideológicos e políticos dos sócios ou donos, tendo ao mesmo tempo um compromisso com a sociedade de passar os fatos ocorridos da forma mais equilibrada possível, ainda assim os olhos do jornal possuem vários filtros e transmitirão uma determinada imagem dos acontecimentos da cotidianidade.

Como parte dos estudos dos novos processos migratórios para o Brasil, nossa pesquisa tem por objetivo refletir como está sendo veiculada a informação da chegada dos imigrantes indígenas venezuelanos a Manaus, e qual é a imagem que construíram a partir das matérias produzidas no jornal impresso A Crítica e no jornal online D24 desde o mês de fevereiro até agosto de 2017.

A análise será estruturada em três momentos que a sua vez serão descompostos, no primeiro vamos mostrar como e com que frequência foi visibilizada as etnias indígenas venezuelanas, se o tratamento informativo das etnias foi homogêneo ou se mostraram as diferenças entre elas e com os chamados de “criollos”, que são os outros venezuelanos que não são indígenas, já no segundo momento extrairemos aqueles significados que se atribuem na imprensa amazonense aos imigrantes indígenas venezuelanos que chegaram a Manaus.

Na última parte do Capítulo três serão observadas as imagens que acompanham as matérias dos jornais, elas darão uma visão de como tem sido construída a imagem do indígena

venezuelano a partir das fotografias jornalísticas, o que quer mostrar cada imagem sobre estes imigrantes e se a fotografia coincide com a informação oferecida no texto da matéria.

3.1. Visibilidade Midiática das Etnias Indígenas Venezuelanas em Manaus Brasil.

Com a finalidade de conhecer a visibilidade midiática das etnias indígenas venezuelanas em Manaus, entre os meses de fevereiro e agosto de 2017, vamos observar por separado os títulos das matérias, seu conteúdo e suas imagens constatando assim com quanta frequência elas foram mencionadas e apresentadas informações referentes aos imigrantes indígenas da Venezuela, também se as imagens lograram transmitir suas características como grupo étnico.

Certamente para as questões sociais a visibilidade Midiática é de muita importância. Ela pode fazer que o Estado, junto a organizações sociais e sem fins de lucro, e a sociedade em geral, se voltem para criar soluções em favor das problemáticas existentes, abordando com mais presteza os conflitos sociais que precisam de uma intervenção urgente.

Para situações que continuamente se abordam na cidade como insegurança, alto custo da vida, atenção na área de saúde, entre outras, os jornais estão dispostos a oferecer as informações que são de interesse público e que coincidem com a agenda política e econômica da cidade e da região. Quando se produz um fenômeno novo do qual não se tem muita informação e se desconhece o alcance no nível social e econômico, torna-se preciso para a mídia aguardar o desenvolvimento da situação e aprofundar no conhecimento dela.

Como já falamos anteriormente a visibilidade midiática dada pelos meios de comunicação à questão dos imigrantes indígenas venezuelanos em Manaus se produz desde o mês de fevereiro, oferecendo-lhes um espaço nos jornais da cidade, mas neste item iremos a examinar se nas matérias analisadas nesta pesquisa as etnias venezuelanas na cidade recebem essa visibilidade, se se fala delas e se permite à comunidade geral conhecer realmente quem são os imigrantes que chegaram à cidade, seus costumes, as atividades habituais, ou se somente se apresenta a um grupo estrangeiro que escolheram a Manaus como seu novo lar.

3.1.1 Visibilidades das etnias indígenas venezuelanas nos títulos das matérias

Os títulos nas matérias podem determinar se o leitor tomará a decisão ou não de ler uma informação jornalística, os elementos que o conformam, palavras, tamanho da letra e tipo de fonte, além da composição da frase ajudará a captar a atenção e interessar-se pela informação que está desenvolvida no conteúdo. O leitor busca uma mensagem rápida e direta que diga o que contém o texto, nele se poderá apresentar a postura política que apoia a empresa de comunicação e a visão humana e social dos profissionais da comunicação e seus diretivos.

Elementos gráficos e linguísticos dentro de um jornal são imprescindíveis à hora de determinar a relevância ou não de uma matéria, a hierarquia que lhe corresponde definirá sua importância, em primeiro lugar, a informação que dá abertura a um corpo do jornal é a notícia do dia nessa área, a essa lhe seguirão o resto das informações de maior a menor importância, o lugar dentro da página se na parte superior ou inferior, esquerda, direita ou central, as fotografias e o tamanho delas, esse conjunto de fatores darão maior ou menor visibilidade a uma informação.

En lo referente al periódico, «el impreso y el electrónico», además del análisis del texto de la noticia, habrá que revisar el tamaño de los titulares, su extensión y la ubicación en la superficie impresa, si está en una página par o impar, si aparece arriba o abajo, si hay reiteración, énfasis u omisión de datos. Porque toda esta jerarquía selectiva de valores informativos es también lenguaje que pide ser decodificado. (MIRALLES 2001, p.137)

Nos títulos das matérias escolhidas foi percebido que as que correspondem ao jornal A Crítica sempre estiveram situadas no corpo de 'Cidades', corpo do jornal organizado com informação referente aos problemas e situações que se desenvolvem dentro da cidade. A primeira matéria referente ao tema dos imigrantes indígenas venezuelanos publicada o dia 08 de fevereiro deu abertura ao corpo 'C' com o título destacado dentro da fotografia principal, que ainda sem falar da origem ou grupo étnico da Venezuela, mostrou na imagem a fisionomia e características visuais dos imigrantes indígenas venezuelanos. O fato da notícia abrir o corpo 'C' a mostra como a notícia do dia, dando-lhe assim a relevância social e chamando a atenção da cidadania como uma informação destacada da qual possivelmente se continuará falando, e certamente, assim mesmo foi.

O segundo título, é o primeiro dos cinco que faz menção da etnia indígena desses imigrantes venezuelanos, sendo 21 títulos observados nas matérias selecionadas, denotando que menos da terceira parte da informação exposta nos títulos das informações deu visibilidade aos indígenas, e só um deles do dia 21 de maio de 2017 publicado por D24am menciona aos Warao

como grupo étnico que imigra ao Brasil e se estabelece na cidade de Manaus, destacando que: “*Waraos já são mais de 450 em Manaus*”. Este fato demonstra a mínima visibilidade das etnias indígenas venezuelanas nos títulos das matérias analisadas na imprensa regional, inclinando significativamente a informação subministrada a uma homogeneidade da população venezuelana indígena e não indígena.

As novas mídias estão produzindo uma enorme unidade no mundo. E mais do que nunca, essa unidade é mantida através da homogeneização técnica. Na verdade, não usamos mais tecnologia. Nós vivemos isso. A tecnologia torna-se o modo de vida, que é o foco quintessencial de nosso assunto nesta trilogia. Na ordem natural, que eu acho que agora está subsumida na ordem pós-natural, a unidade da ordem natural é mantida através do mistério ou da teia da diversidade. Essa diversidade está sendo eliminada em detrimento da homogeneização tecnológica. “Assim, o milagre que testemunhamos através da internet, através da globalização, através da informatização da linguagem, da cultura, de todos os aspectos de nossa existência, vem ao preço da diversidade global”. (HERMAN, 2015 *apud* GONÇALVES, 2017 p. 2).

A reflexão que faz este autor sobre a homogeneização das diferentes culturas a partir da tecnologia e a mídia, vista nas publicidades e produtos audiovisuais apagando a diversidade e padronizando em formatos únicos uma gama de tons que conforma a identidade dos povos, concentra a atenção no ‘que’ e não em ‘quem’, causando assim efeitos sociais a partir da interação que se produz entre a sociedade e os meios de comunicação de massa.

As notícias publicadas em A Crítica depois da primeira tomaram mais da metade da página nas suas publicações nas folhas internas no corpo ‘C’, e dessas seis matérias escolhidas desse jornal na pesquisa quatro foram localizadas na página esquerda, brindando maior atenção e importância, com títulos que abarcavam o total das colunas que possui a página do jornal.

Tendo em conta que o restante das matérias analisadas nesta pesquisa pertence ao jornal digital D24am, consideraremos a extensão das matérias no desenho da página para determinar a importância da informação publicada, isto devido a que o desenho das matérias é padronizado, tanto o tamanho da letra nos títulos e o tamanho das fotografias. As notícias que trataram a temática dos imigrantes indígenas venezuelanos contaram com duas e três páginas de conteúdo e uma ou duas fotografias, fato que demonstra a importância e desenvolvimento na temática das matérias ao comparar com outras informações referentes a diversos temas e datas observadas durante a pesquisa.

Jornal Impresso/online	Título	Data	Extensão e localização
A Crítica	“Vimos para Comer”	08/02/2017	90% da página de abertura do corpo.
A Crítica	Indígenas Venezuelanos no Centro de Manaus	06/03/2017	60% da página na parte superior
A Crítica	Rodoviária é abrigo para 30 famílias	06/03/2017	40% da página na parte inferior
A Crítica	Sem previsão de retorno	04/04/2017	60% da página na parte superior
D24am	Prefeitura vai pedir recursos do Governo Federal para dar assistência a venezuelanos	10/05/2017	Duas páginas mais duas fotografias.
D24am	Venezuelano diz que pagou R\$ 125 a ‘coiote’	12/05/2017	Três páginas mais uma fotografia
D24am	MPF/AM cobra ações de Saúde a imigrantes venezuelanos	16/05/2017	Duas páginas mais uma fotografia.
D24am	Resistência transforma atendimento a imigrantes em desafio	19/05/2017	Uma página mais uma fotografia.
D24am	Waraos já são mais de 450 em Manaus	21/05/2017	Duas páginas mais uma fotografia
D24am	Mais de 500 venezuelanos está em Manaus e número de famílias está sendo mapeado	25/05/2017	Duas páginas mais uma fotografia.
D24am	Famílias Venezuelanas com crianças de colo terão prioridade em abrigo	28/05/2017	Duas páginas mais uma fotografia.
A Crítica	Venezuelanos são abrigados	02/06/2017	60% da página na parte superior
A Crítica	Primeira noite digna e otimismo com o futuro	03/06/2017	60% da página na parte superior
A Crítica	Doações para produzir artesanato	07/06/2017	30% da página na parte inferior.
D24am	Refugiados buscam nova vida em Manaus	20/06/2017	Três páginas mais uma fotografia
D24am	MPF: repasse para atender índios venezuelanos chega em 5 dias	07/07/2017	Duas páginas mais uma fotografia
D24	Ministro da Justiça vem a Manaus e pauta inclui a migração de indígenas venezuelanos	7/07/2017	Duas páginas mais uma fotografia
D24am	União avalia medida de auxílio a imigrantes	10/07/2017	Duas páginas mais uma fotografia
D24am	Governo libera verba de R\$ 720 mil a índios venezuelanos abrigados em Manaus	20/07/2017	Três páginas mais uma fotografia
D24am	Crise na Venezuela também ameaça o Amazonas, diz OEA	05/08/2017	Quatro páginas mais uma fotografia

Quadro 1_

Título: Análise dos títulos das matérias sobre os imigrantes indígenas venezuelanos em Manaus.

Fonte: Jornal A Crítica e D24am.

Considerando que a Etnia Warao foi mencionada somente uma vez nos títulos das matérias jornalísticas analisadas, sua visibilidade como etnia indígena foi pouco destacada, contrário à menção da população de imigrantes como “venezuelanos” que se fez sete vezes, criando assim uma homogeneidade midiática e limitando a visibilidade de sua identidade e diferenças como população indígena pertencente a uma das etnias mais antigas da Venezuela.

Estes títulos informativos tendem a equiparar a condição do imigrante venezuelano à condição do imigrante indígena da Venezuela, numa situação que tem características totalmente diferenciadas e bem definidas para uns e para outros, sendo todos eles imigrantes, as condições sociais, psicológicas e culturais distinguem-se com precisão.

3.1.2 Visibilidade das etnias indígenas venezuelanas no corpo e nas imagens das matérias

Neste item identificaremos com quanta frequência foram mencionadas as etnias indígenas venezuelanas, quais foram identificadas nas matérias e que foi dito no momento em que se mencionaram, detalhando se teve informação que descreva e faça conhecer ao público leitor quem são os indígenas que chegaram à cidade de Manaus.

Os textos jornalísticos que conformam as matérias dos jornais refletem pouca informação em torno das etnias venezuelanas em geral, isso devido a que na cidade de Manaus foi identificada especialmente uma etnia venezuelana, a Warao, vinda do estado Delta Amacuro, ao norte da Venezuela.

A palavra Warao se encontrou 33 vezes nas 21 matérias analisadas, sempre acompanhadas das palavras etnias, indígenas e tribos, para referir-se aos imigrantes venezuelanos que chegaram a Manaus, nessas ocasiões só foram identificadas a menção deles mais frequentemente para fazer referência a um número de pessoas, em outras oportunidades para referir-se a uma cultura e também à atenção na área de saúde, moradia entre outras que eles precisavam.

As informações em quanto à cultura ou descrição desta população de indígenas foi feita de maneira muito precisa as quais colocamos a continuação, e que respondem a questões como

lugar de origem, algumas características físicas, as condições deles na cidade de Manaus e uma menção do Ministério Público Federal (MPF).

“Este é o caso dos índios Warao, um dos povos mais antigos do Delta do Orinoco, no nordeste da Venezuela” (SEIXAS, 8 de fevereiro de 2017, p.C)

“[...]outros usa a língua do povo Warao. Os vestidos usados pelas indígenas chamam bastante a atenção devido as cores de tons quentes” (SEIXAS, 8 de fevereiro de 2017, p.C)

“[...] etnia Warao, povos antigos do Delta do Orinoco no Nordeste da Venezuela”(Pereira, 6 de março de 2017, p. C4)

“[...] indígenas Waraos venezuelanos, sendo 17 crianças, chegaram a Manaus pela rodoviária. “As condições de vida deles, de higiene, de alimentação de abrigo são muito ruim. Isso todo tem agravado o quadro dessas crianças” (MEDEIROS, 19 de maio de 2017, p. 2)

“Ao estado de Amazonas e ao município de Manaus, o MPF recomendou que articulem entre si e com os órgãos competentes do governo federal as medidas de abrigo aos imigrantes venezuelanos, em especial aqueles que estão vivendo na rua e em situação de vulnerabilidade, em regime de urgência com local adequado à cultura indígena Warao” (REDAÇÃO, D24am... 12 de maio de 2017, p.3)

Essa foi a informação onde foi mencionada a etnia Warao registrada nas 21 matérias jornalísticas selecionadas nos jornais A Crítica e o jornal online D24am desde o dia 8 de fevereiro até o 5 de agosto do ano 2017, na cidade de Manaus. Podemos destacar que nesse tempo informações sobre as famílias indígenas, também da etnia Warao, abrigadas no centro da cidade não foram visíveis para a imprensa regional, mas aparecem registradas no Parecer Técnico do Ministério Público Federal entregue ao Procurador da República no Amazonas Fernando Merloto Soave, onde colocavam entre outras informações o aporte brindado pela Caritas Arquidiocesana.

Um grupo de aproximadamente 60 indígenas que estavam hospedados no centro compareceu a uma missa na Catedral Metropolitana de Manaus, no dia 02 de abril, onde conversaram com o padre Joaquim Hudson Ribeiro sobre a vindas das famílias à Manaus, as motivações de seu deslocamento e as dificuldades que enfrentavam na cidade. Desde então a Caritas passou a acompanhar de perto a situação dos Warao que estavam hospedados no centro, a poucos quarteirões de distância da sede da instituição. (PR-AM N° 10/17).

Referentes às imagens, as matérias sempre estiveram acompanhadas de fotografias que retratavam a fisionomia e características gestuais, de comportamento e vestuário próprios da etnia indígena venezuelana Warao, alguns foram retratados no chão, com os pés descalços, outros nas redes, carregando algumas de seus pertences, com os pés ou as mãos cruzadas, também foram retratados de costas e em outras ocasiões mostrando seu rosto, carregando a suas crianças, falando entre eles, sem dúvida que as imagens falaram muito mais sobre os Waraos suas características e forma de ser que os textos oferecidos a partir das matérias dos jornais.

Para mostra se selecionou as seguintes fotografias que ilustram algumas das características visuais y comportamentais dos indígenas venezuelanos da etnia Warao.



Figura: 1
Título: Doações para produzir artesanato
Fonte: Winnetou Almeida



Figura 2

Título: Primeira noite digna e otimismo com o futuro

Fonte: A CRITICA, Almeida.

De acordo com as informações apresentadas neste subitem podemos afirmar que ainda sendo mencionada nos conteúdos das matérias, a etnia indígena venezuelana que se deslocou até a cidade de Manaus para conseguir subsistir, a informação apresentada em torno a elas foi muito escassa e pouco frequente, limitando assim que foram conhecidos pela população de uma maneira um pouco mais ampla e empática, deixando-os em um lugar distante sem uma compreensão mais profunda de sua cultura e identidade. A problemática situação destes imigrantes na cidade teve maior destaque nas informações deixando em segundo plano aos imigrantes indígenas venezuelanos como sujeitos com raízes, identidade, culturas diferenciadas e valores dignos de ser conhecidos e compartilhado por meio da mídia.

As gráficas das matérias sempre estiveram acompanhadas de fotografias alusivas à etnia indígena venezuelana dos Warao, retratando seus rostos, expressões, fisionomia, gestualidades e o ambiente em que eles se desenvolvem dentro da cidade, a maioria das vezes de forma natural e espontânea, dando elementos da cultura a partir destas imagens gráficas que os diferenciam da população de venezuelanos não indígenas que mora em Manaus.

3.2 Os significados atribuídos aos imigrantes indígenas venezuelanos pela mídia amazonense.

O objetivo é evidenciar aqueles qualificativos e os significados atribuídos pela mídia amazonense aos imigrantes indígenas venezuelanos. Para isso foram selecionadas dezenove matérias dos jornais A Crítica e D24, das quais seis pertencem ao jornal impresso A Crítica e treze ao jornal digital D24, no período desde a chegada deles a Manaus em fevereiro de 2017 e até o mês de agosto do mesmo ano.

A seleção das publicações e o análise dos qualificativos e os significados atribuídos pela mídia foram feitos numa ordem cronológica. A secção foi dividida em três tempos. O primeiro item aborda os *Significados da saída da Venezuela dos imigrantes indígenas e sua chegada a Manaus*, caracterizada pela utilização de qualificativos tais como: “famintos” e “moradores de rua”.

O segundo item aborda os *Significados das Estratégias de Sobrevivência dos indígenas venezuelanos*, caracterizada por um aumento no uso de qualificativos pejorativos tais como: “família de pedintes” (que foi a ideia mais trabalhada nas matérias) e a qual gerou grande impacto como imaginário na comunidade. Também foram tratados na mídia como “coletores de doações para cobrir suas necessidades”, “ameaça” e como “vendedores de artesanato”, significado este último que não foi suficientemente reforçado no tratamento jornalístico.

O terceiro item aborda o *Significado do processo migratório dos indígenas venezuelanos como uma expressão da Questão Social*. Neles se identifica e analisa as informações onde a ação do Estado se faz mais presente, e o tratamento da mídia com a identificação dos respectivos significados. Nesta seção destaca o uso de qualificativos e expressões tais como: emergência social, população vulnerável, cidadãos de direito, resistentes e refugiados. Questões que serão abordadas no decurso de nossas análises.

Os imigrantes indígenas venezuelanos para a maioria dos locais são estranhos que chegaram a determinadas regiões do país pela crise venezuelana, e que agora convivem entre eles e necessitam conhecer-lhes, saber de quem se tratam, como se comportam, quais são seus costumes e ensinar-lhes a cultura e costumes locais, impondo em ocasiões a cultura de os que recebem. Já que os locais carecem de significados para essa comunidade recém-chegada, a mídia se encarrega de repassar nas suas matérias e diversas reportagens quais são esses significados que contribuem à reconstrução dos imaginários sociais. Ao respeito desse estranho devemos ter em conta:

É estranho, estrangeiro mais mesmo assim humano, que espera a hospitalidade incondicional e se depara com a hospitalidade condicionada obturada pelo performativo jurídico, do direito humanitário, do direito internacional, seus conceitos e instrumentos jurídicos e burocráticos dos estados. (PÉREZ; CASAGRANDE; CALDAS p. 22)

O exercício do Jornalismo como de outras profissões exige uma postura ética frente à atuação na área, ainda mais quando o ofício tem a ver diretamente com o ser humano, ao fim de tentar não criar uma matriz de opinião em quanto a um tema ou promover imaginários sociais que posam determinar ou influenciar na atuação ou comportamento de um grupo social em torno a um determinado assunto.

O artigo N ° 6 do Código de Ética do Jornalista do Brasil, estabelece como o seu dever:

Opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem; Defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito; Defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias; Combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.

Igualmente no exercício do jornalismo é importante manter uma postura ética em relação aos termos usados ao referirmos aos imigrantes, conhecer a diferença entre imigrante, refugiado, asilado, entre outros, e usar termos corretos em relação a sua condição dentro do país e sua origem. Não é igual falar de imigrantes venezuelanos ou de imigrantes indígenas

venezuelanos, existe uma diferenciação étnica e também cultural que distingue as duas raças, ainda que tenham a mesma nacionalidade venezuelana. Esse é um dos erros que logramos observar em quanto ao tratamento sobre a migração de alguns grupos indígenas venezuelanos no Brasil.

Para analisar o conteúdo das matérias jornalísticas da mídia escrita amazonense foi necessário um olhar detido e diligente, tendo como objetivo identificar os significados atribuídos aos imigrantes indígenas venezuelanos nos títulos das informações da imprensa, principalmente, e logo em todo o conteúdo e a estrutura delas, tentando descobrir a percepção dos autores e as linhas editoriais. O especialista em semiótica Charles Sanders Peirce entende ao significado como uma abstração ou imagem mental que se une ao significante (o suporte material captado pelos sentidos) para conformar o signo linguístico, que alude a um referente (objeto real), explicado também por Serra Paulo (1996 p.7) da seguinte maneira “O signo apresenta, assim, uma dupla face: significante (“imagem acústica”) e significado (“conceito”), excluindo-se claramente o referente (e, em consequência, pelo menos assim o pensava Saussure, a concepção da língua como nomenclatura, ligando palavra-coisa)”.

A seguir um resumo de alguns dos significados atribuídos aos imigrantes indígenas venezuelanos nas matérias encontradas na mídia e que são abordadas no percurso do trabalho:

Famintos: foi uma alusão feita no primeiro período logo da sua chegada, constatada por uns dos títulos do mês de fevereiro “Viemos para comer” (SEIXAS, 8 de fevereiro de 2017, p.C1)

Famílias de pedintes: Já foi uma qualificação outorgada a eles quando se colocam nos sinais das avenidas da cidade, descrito pelo jornal como “drama das famílias de pedintes” e “O que nos preocupa é que muitos se tornaram pedintes, nas ruas, nos semáforos” (VALOIS, 6 de março de 2017, p.C4).

Visitantes: Outro dos significados percebidos nas matérias elaboradas pela mídia a partir das declarações de funcionários públicos “eles estão com bastantes doações e arrecadações e gostariam de retornar à cidade de origem”(VALOIS, 4 de abril de 2017, p.C5).

Como expressão da Questão Social: a atenção por parte do estado a esta questão é mais evidente em seus esforços por participar na solução do problema “decreto número 3.589, que

decretou situação de emergência social em Manaus para solicitar recursos para ajudar na situação dos índios venezuelanos na cidade” (PAIVA, 10 de maio de 2017, p. 2).

Cidadão de direito: o reconhecimento de que eles como emigrantes tem direitos que devem ser respeitados é transmitido a partir de algumas declarações como a que segue: “O Ministério Público Federal destaca que a responsabilidade pelo atendimento aos imigrantes, cabe aos três entes federativos: União, Estado e Município, sendo necessário que os órgãos em cada esfera assumam suas responsabilidades” (Da redação, 16 de maio de 2017, p. 3).

Outros significados dados aos emigrantes indígenas venezuelanos como moradores de rua, coletores de doações, vendedores de artesanato, população vulnerável, refugiados, resistentes à cultura que os recebeu, irregulares na sua documentação e não cooperadores são os utilizados para refecer-se a este grupo étnico que veio à cidade para conseguir proteção e cobertura de suas necessidades básicas, e que são abordadas a continuação.

3.2.1 Significados da saída da Venezuela dos imigrantes indígenas e sua chegada a Manaus.

Desde a chegada dos imigrantes indígenas venezuelanos a Manaus teve uma cobertura jornalística que evoluiu na medida em que se apresentarem diversas situações que mostraram as necessidades destas comunidades grupais durante seu primeiro deslocamento na capital amazonense.

A primeira matéria publicada no jornal A Crítica no ano 2017 que faz a cobertura a este tema, colocou a fome como uma das motivações dos imigrantes indígenas venezuelanos para vir ao Brasil. O tema foi tratado com o título: “Viemos para comer” (SEIXA, 8 de fevereiro de 2017, p. C3) citando a expressão de uma indígena, mãe de onze filhos, que falou da carência de alimentos e a impossibilidade de alimentar a seus filhos no país com a mais alta inflação em nível mundial na atualidade.

Quando foi publicado aquele artigo de imprensa o dia 8 de fevereiro de 2017, já os indígenas venezuelanos tinham mais de uma semana dormindo na rodoviária de Manaus. Poderia se dizer que demorou a cobertura jornalística da situação por parte da mídia escrita amazonense, pois para o momento quando A Crítica aciona sua equipe jornalística para informar da presença dos índios venezuelanos nas ruas da cidade e do redor da Rodoviária de

Manaus, morando e dormindo no ar livre, vários meses antes (ao final do ano 2016) algumas famílias da etnia Warao já estavam morando em hotéis no centro da cidade, mas, não foi senão até que eles se mostrassem nas ruas com suas carências que foram visíveis para a mídia e em consequência para a sociedade que tinham chegado um grupo não nacional, famintos, com uma situação totalmente irregular e alheia a eles.

Nesse primeiro encontro pouco se conhecia sobre eles e da cultura desse grupo indígena, a informação passada era a evidente “grupo de índios Warao vive como moradores de Rua na Rodoviária de Manaus”, “sofrem com a escassez de alimentos e medicamentos”, “a fragilidade deles chama a atenção, mas também se faz evidente o fato de que pessoas imigrantes estavam precisando da ajuda não só do governo senão também da população”.

A invasão de um povo desconhecido e com uma conduta que não se entendia nem era aceita, já que não era familiar aos costumes dos moradores nativos, foi percebida pelos meios nos espaços públicos da cidade de Manaus, principalmente na Rodoviária e no centro da cidade.

Para conhecer um pouco mais sobre eles podemos dizer que estes sujeitos indígenas da etnia Warao “se constituem em uma unidade étnica diferenciada, verificável nos planos linguísticos e das relações sociais intra e inter-étnicas, formando uma unidade sociológica mais ampla” (Parecer Técnico Número 10/2017 *apud* BOTELHO; RAMOS; TARAGÓ, p.7). Tem praticas originarias que eles mantem. Pode-se encontrar certa heterogeneidade na etnia Warao ainda que compartilhem uma cultura. Dos que chegaram à cidade de Manaus muitos falavam a língua Warao, mas também falavam espanhol, isso devido a que a maioria tem tempo mobilizando-se dentro do território venezuelano, onde a língua oficial é o espanhol, conseguindo assim satisfazer suas necessidades básicas que já desde há muito tempo eles não conseguem suprir em seu território, a carência de trabalho e políticas públicas que aportem as ferramentas para eles desenvolverem atividades produtivas que contribuam à manutenção de suas famílias, por tal motivo eles já tinham tomado essa prática migratória dentro do território nacional que os identificava como nômades ou com uma movimentação pendular, que permitia irem às outras localidades da Venezuela a “coletar” com diferentes estratégias, o sustento para o mantimento deles.

A matéria do dia 8 de fevereiro da A Crítica citada anteriormente, no seus primeiros parágrafos o jornalista faz uma inferência a partir, possivelmente da timidez ou do bloqueio devido à diferença do idioma e a dificuldade de comunicar-se dos indígenas no momento da abordagem da equipe jornalístico “o grupo não quer conversar com a equipe, temendo

aparentemente, algum tipo de desaprovação por estarem usufruindo de uma cidade/país que não é o seu de origem” (SEIXA, 8 de fevereiro de 2017, p. C3).

A última afirmação nos permite refletir sobre o que o jornalista expressou no artigo do jornal publicado o 8 de fevereiro de 2017, onde não considerou aquela situação como um problema social, e esses significados foram promovidos na publicação do artigo, sem fazer a necessária diferenciação entre migração como fenômeno e questão social e o imigrante que é um cidadão de direito que não só precisa do acolhimento senão da restituição dos direitos que lhes correspondem.

Direitos que não lhe são respeitados dentro de seu território de onde eles são naturais, e onde esse elemento de não ter acesso a seus direitos básicos como a alimentação, um salário que cubra a cesta básica, a saúde, o transporte, a educação, os serviços básicos como energia, água e todos esses direitos que com o passo do tempo tem se deteriorado até desaparecer do cotidiano, é o que os imigrantes procuram e anseiam ao sair de seu país, esperando que nesses países onde eles se refugiam se cumpra a Carta dos Direitos Humanos fazendo a eles sentir como pessoas dignas, com direito a viver humanamente e a sonhar em ter de volta um lugar.

A informação emitida esse 8 de fevereiro também deixa claro que são organismos internacionais, Ong's e alguns órgãos governamentais como a Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos (Semmasdh), entre outros, que organizam ações para atender a emergência do momento, por quanto não existem políticas públicas criadas especificamente para o resguardo e atenção ao imigrante, senão que são organizadas de forma emergencial as ações por parte de diversos organismos municipais e regionais para atender esta demanda assistencial.

O quatro de abril de 2017, com o título: “Sem previsão de retorno” (VALOIS, 4 de abril de 2017, p. C5), o mesmo Diário anunciou que os 88 indígenas venezuelanos não voltariam para a Venezuela. É curioso que se esperava que estas pessoas que fugiram de uma crise humanitária num país onde não tinham nem tem ainda garantia de saúde, alimentação, transporte, entre outros, voltassem a seu lugar de origem. O título da matéria jornalística expressa falta conhecimento das razões por qual eles chegaram a Manaus. Obviamente não foi de visita, turismo ou negócios que eles se deslocaram para Manaus ou outras regiões fora da Venezuela, senão porque seu país está com uma crise econômica e social que ainda hoje não tem previsão de ser resolvida.

“Sejusc espera resposta da Presidência da República para o transporte dos emigrantes a suas terras de origem” (VALOIS, 04 de abril de 2017, p. C5). A citada frase antecede ao título da matéria colocando no Governo brasileiro a responsabilidade de fazer volver aos indígenas venezuelanos a suas terras.

A visão com que tem sido abordada a problemática da migração venezuelana em Manaus parece ter um caráter temporário ou assistencialista, sem perceber que o tempo de duração dos imigrantes venezuelanos nesta região pode ser indefinido, ou seja, sem data de volta. E sendo assim, as políticas deveriam ser um pouco mais de longo prazo para ter melhores resultados, entre eles a incorporação do imigrante na prática social em seu novo território.

É importante saber que no momento que um país recebe imigrantes que são forçados por distintos motivos a sair de seus respectivos países, a nação receptora deve brindar-lhes uma acolhida humanitária devido aos tratados humanitários assinados pelos Estados integrantes da Organização das Nações Unidas. Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos o imigrante tem os mesmos direitos às pessoas naturais, direito ao trabalho, à saúde, à educação e à habitação, que são algumas das garantias que devem ser oferecidas, considerando o princípio *do non-refoulement*, que é base de todo o direito internacional dos refugiados:

Tal princípio pode ser colhido a partir da convenção de 51, no seu artigo 33 que prevê a proibição de expulsar ou repelir aos imigrantes, de modo que nenhum Estado membro expulsara ou rechaçara, de maneira alguma, um refugiado para as fronteiras ou território em que a sua vida ou a sua liberdade seja ameaçada em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, grupo social a que pertença ou de suas opiniões políticas” (FRIEDRICH T. MORAIS A. p.72)

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) reafirmou esse princípio em 1977, independente do fato de terem ou não sido reconhecidas formalmente como refugiadas, ou seja, aplicando-se aos refugiados e aos solicitantes de refúgio.

Sintetizando, os significados da saída da Venezuela dos imigrantes indígenas e sua chegada a Manaus, corresponde primeiro a uma realidade que abala ao cidadão venezuelano em seu país e sua perda de direitos dentro de seu território, em segundo lugar na sua chegada à capital amazonense, significados como famintos, moradores de rua, invasores, visitantes, irregulares e carentes foram atribuídos pela mídia regional, significados que no primeiro momento representaram em modo geral para a população local os imigrantes indígenas venezuelanos na cidade de Manaus.

3.2.2 Significados das Estratégias de Sobrevivência¹⁴ dos indígenas venezuelanos.

O alvo da vinda dos imigrantes indígenas venezuelanos à cidade de Manaus era de sobreviver em meio de uma crise que ameaçava sua sobrevivência na Venezuela. Os planos migratórios destes indígenas foram improvisados. Chegaram em condições precárias, sem ter um lugar onde dormir, só com a esperança de poder dar de comer a seus filhos e conseguir reunir suplementos para mandar de volta para sua família na Venezuela.

Nessa luta por defender sua sobrevivência, os Warao fazem o que tem nas mãos para fazer, ou aquilo que tem aprendido em meio de seu deslocamento. Também adaptam os seus costumes e práticas ao novo território que habitam com a mesma intenção de resolver suas necessidades básicas.

Ao ser uma comunidade étnica, com práticas de trabalho próprias de sua cultura e origem, não era possível realiza-las nas cidades, sendo que na literatura antropológica, eles são normalmente descritos como praticantes da pesca, também como navegadores e construtores de canoas. Outras das práticas tradicionais são a caça e a coleta de vegetais-sobretudo do *Moriche* (Mauriti/buriti). Dentro da etnia também existem grupos que desenvolvem práticas agrícolas; alguns dos tubérculos cultivados por eles são: *oocumochino* (cará), *plátano* (banana) e *yuca* (mandioca). Dedicando-se também a criação de animais e a confecção de artesanato, sobretudo aquele feito a partir da fibra do buriti, atividade que cobra relevância quando eles se deslocam pelas cidades para conseguir manutenção. (BOTELHO; RAMOS; TARAGÓ, 2017).

A cobertura da imprensa aos indígenas venezuelanos continua no mês de março, lhes chamando diretamente de “famílias de pedintes” (VALOIS, 6 de março de 2017, p. C4). A partir dessa informação emitida pela matéria, aquele grupo de imigrantes com necessidades de proteção humanitária passaram a ser tratadas como “pessoas da rua e pedintes”. Foram julgados dessa forma e disseminando essa visão e modelando o imaginário social a partir da mídia.

14Sobrevivência: Luta para proteger a vida das pessoas, grupos e comunidades colocam em risco pela dinâmica dos processos direcionados externamente. Eles podem combinar ações de modo diversificado como: [...] A emigração nacional ou internacional (cujo fluxo de remessas mostra que não é uma saída individual, mas parte de uma estratégia familiar ou comunitária) e, possivelmente crescente, a transumância rural, ambas as formas de desenraizamento tributado traumáticamente e não como uma opção livre.

Neste sentido resulta apropriado mencionar que a ação de pedir dos indígenas Waraos em Manaus é uma estratégia adotada por estes grupos para sobreviver na cidade, assim como também a venda de artesanato, arrecadação de doações, entre outras.

Esta ação de pedir desenvolvida pelas mulheres indígenas com seus vestidos coloridos e algumas vezes acompanhada pelos seus filhos, pela necessidade de amamentá-los ou estar cuidando deles, nas principais ruas da cidade, não foi explicado como uma forma particular de adaptação ao contexto urbano nem como consequência de não poderem desenvolver suas práticas tradicionais de subsistência.

Ao respeito, o antropólogo García Castro (2000), descreve o mecanismo de sobrevivência desenvolvido pelos Warao no ambiente citadino:

[...] ainda que à primeira vista possa parecer extemporâneo, totalmente alheio a sua condição e valores culturais, não é, em minha opinião, mais que a aplicação das técnicas tradicionais de coleta, que levam a cabo, fundamentalmente, mulheres e crianças em seu habitat original, transportadas para um ambiente radicalmente distinto dos charcos deltaicos, dentro de um contexto, naturalmente, de um processo de mudança que os está deslocando de seu habitat tradicional para ocupar novos espaços. A partir deste ponto de vista, a coleta de esmolas dos transeuntes representaria analogamente a obtenção de excedentes recolhidos em um ambiente urbano, à semelhança do que seria a coleta de frutos e pequenos animais em seu habitat natural (GARCÍA CASTRO, 2000, p. 85).

Fica evidente a pouca compreensão da situação real de vulnerabilidade desse grupo, caracterizada pela dificuldade de comunicação, pela barreira idiomática, diferença cultural e as necessidades básicas na área da saúde e alimentação.

No Parecer Técnico N.10/2017-SP/MANAUS/SEAP, que trata acerca da situação dos indígenas da etnia Warao na cidade de Manaus, provenientes da região do Delta do Orinoco, na Venezuela, e desenvolvida pela Procuradoria da República no Amazonas, se faz uma abordagem sobre a ação de pedir dos indígenas Waraos, explicando detalhadamente a relação de esta prática à que eles nomeiam de trabalho, com a tradicional colheita que eles faziam em seu território. Também se enfatiza que o fato de pedir foi visto pelos indígenas como uma forma rápida de responder as suas necessidades, devido à dificuldade que tinham para encontrar outro tipo de trabalho.

Ainda tendo a documentação necessária, conseguir trabalho não era muito fácil para eles. O fato de não falar a língua portuguesa limitava eles. Mas ainda assim os imigrantes indígenas

da etnia Warao tinham esperanças na fabricação de seu artesanato. Eles fazem um chamado à comunidade por meio do jornal para recavar doações de matéria prima para eles elaborarem as peças e vendê-las. Aníbal Perez, identificado pelo jornal como membro da etnia, manifestou numa entrevista que: “Se alguém da comunidade quiser nos ajudar pode doar tecido e miçanga, porque assim vamos fazer e vender artesanato e não teremos a necessidade de pedir” (A CRITICA, 7 de Junho de 2017, p. C6).

A partir da declaração deste indígena da etnia Warao, podemos inferir que eles estavam cientes do incomodo tanto para eles como para a comunidade de ficar nas ruas pedindo, que eles deviam trabalhar, e devido a suas limitações pediam ajuda para produzir o que eles sabiam e estavam familiarizados em fazer, que eram seus artesanatos.

O apoio a essas comunidades indígenas precisava ser mais orientado para a ligação com o sistema produtivo e econômico da cidade de Manaus, não apenas para dar-lhes um teto e alimento, mas também para um plano mais abrangente onde pudessem gerar renda para sua sustentabilidade. É claro que esta não foi uma tarefa fácil, onde a experiência inexistente no pessoal era visível, embora o esforço tenha existido, a direção desta intenção das autoridades teve falhas em sua visão e planejamento do projeto

A cobertura da mídia a temática referida aos imigrantes indígenas venezuelanos continuava-se projetando na medida em que o grupo segue crescendo na capital do Amazonas. Até o final do mês de maio de 2018 mais de 520 indígenas venezuelanos tinham chegado a Manaus e as ajudas para brindar uma acolhida na cidade se intensificam por parte da União e do Governo Federal, quem para o dia 20 de Julho liberou verba de 720 mil reais para os índios venezuelanos abrigados em Manaus.

No segundo período identificado na pesquisa, eles foram vistos como objeto da caridade tanto da população, de que eles mesmos pedem ajuda como quanto do governo que solicita quantidades de dinheiro ao Governo Federal para acolher aos imigrantes indígenas que cada dia era mais.

Estes imigrantes indígenas da etnia Warao têm uma característica que foi identificada pelos órgãos do governo que trabalham para atender a questão social, que é a movimentação pendular entre os dois países. Culturalmente eles se deslocam para procurar meios de subsistência, da mesma forma que fizeram em suas regiões originárias quando não era possível o acesso aos alimentos. Já fossem impedidos pelos câmbios naturais ou pela inferência externa

em seus territórios, eles se mobilizavam as grandes cidades aonde a prática da colheita foi suplantada pela prática de pedir.

É importante sinalar que nessa pratica pendular devido às carências existentes, o extremo da situação chegou quando dentro de seu próprio país não tinham uma região que pudesse oferecer a cobertura das suas necessidades básicas, e é a partir de aí que observamos seus direitos humanos violentados e forçados, com a esperança de prover o sustento para seus filhos e familiares, a deslocar-se a territórios desconhecidos para eles, fora de seu espaço nacional.

Esta questão faz diferenciar às autoridades entre os migrantes permanentes e os transitórios, no cuidado e na acolhida, situação que o Ministro da Justiça e Segurança Pública, Torquato Jardim, pediu tratar com equilíbrio em sua visita o dia quatro de agosto ao Centro de Acolhimento no bairro do Coroadó de Manaus. (MEDEIROS, 5 de agosto de 2017).

Um dos títulos da imprensa que chamou a atenção no levantamento realizado nos jornais foi uma declaração feita pela Organização de Estados Americanos publicitada na matéria: “Crise na Venezuela também ameaça o Amazonas, diz OEA” (MEDEIROS, 5 de agosto de 2019) e continua dizendo o jornal “Documentos da OEA mostra como a crise pode contaminar toda a região, criando instabilidade e dificuldades sociais fora do país caribenho” (MEDEIROS, 5 de agosto de 2019).

Certamente que a estabilidade ou não de um país que faz fronteira ou fica na mesma região que outro, poderia ter influência nos vizinhos, mas falar de ameaça ou usar a palavra “contaminar” sem que exista uma situação real e evidente de guerra ou de uma pandemia a causa de uma doença, constitui uma exageração e gera medos na população.

O fluxo contínuo ou abundante, em si mesmo, de pessoas que migram não é uma ameaça. Essa palavra sugere uma ação que antecipa a intenção de danar, caso que a pessoa ameaçada não cumpra com certas exigências. Neste caso as exigências conveniadas entre os países em situações que incluem estes grandes fluxos migratórios são de resguardar os direitos humanos de pessoas que circulam a maioria de forma precária. Somente o entendimento dos direitos humanos “poderá ajudar a migração gerar sua potencialidade como promotor do desenvolvimento, tanto para os migrantes como para os Estados”. (GUCHTENEIRE, 2013 p.87).

Também o uso da palavra ameaça em um meio de comunicação coloca em alerta e enche de medos a população que acredita na palavra de estes organismos internacionais e no

responsável por repassar a informação, devido a que pode ter interpretações várias relacionadas com o que eles observam ao seu redor.

Quando continuamos lendo o conteúdo da notícia, que faz referência a Roraima e Amazonas como “portas de entrada”. De quem? Perguntamo-nos: da ameaça? Mas em diante na redação da notícia enfatiza “Somente em Manaus, a Pastoral do imigrante da Arquidiocese da capital, estima que haja dois mil venezuelanos” (MEDEIROS, 5 de agosto de 2019).

Na expressão “pode contaminar toda a região, criando instabilidade e dificuldade social fora do país caribenho” (MEDEIROS, 5 de agosto de 2019) faz perceber que se refere às pessoas que emigram, já que, não falam de instabilidade e dificuldade econômica, senão social, que involucra especificamente aos seres humanos. Aqui voltamos a perguntar, contaminar a toda a região de que? Porque quando aludimos à palavra contaminar fazemos referência a gerar uma infecção de forma rápida e fácil, ou disseminar uma doença. O termo tem a conotação também de sujar e não é apropriado na linguagem jornalística para se referir a uma população, menos ainda quando sabemos que as notícias têm um impacto ou influencia na população que consome a informação.

Nos parágrafos seguintes da referida matéria também se fala sobre o impacto econômico, referindo-se aos imigrantes que chegam legalizando seus documentos e aprendendo a língua para serem empregados, colocando a necessidade de emprego dos imigrantes num país com uma taxa de desemprego de 12,3% segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o mês de julho de 2018, mas sem considerar também que esses imigrantes também vão a alugar casa, comprar comida, roupa, material escolar, medicamentos, pagar impostos. É dizer, o movimento econômico também pode ter um impacto positivo associado ao fenômeno migratório.

Citando documentos da OEA, no artigo jornalístico já no ano 2002 “dois milhões de venezuelanos abandonaram o país” (*ibid*), destacando que países como Colômbia e Brasil já sentem o impacto desse fluxo: “Os hospitais perto das fronteiras estão lotados de pacientes venezuelanos que querem atenção médica de emergência” (*Ibid*). Não deixa de ser certa a informação e nesta análise reconhecemos e concordamos com o tratamento objetivo e veraz dos acontecimentos, mas também é verdade que a linguagem utilizada reforça os preconceitos negativos e não explicam que o impacto na área da saúde nas fronteiras é devido em muitas ocasiões deficiências já existentes nos serviços públicos de saúde e o despreparo para enfrentar situações de contingência e aumento da demanda.

Por exemplo, a incapacidade para atender a explosiva demanda de atenção poderia se explicar também a partir do fato da não existência de políticas públicas para os migrantes e o aumento progressivo, e às vezes vertiginoso, de este fenômeno em nível mundial, causado pelos efeitos de um mundo em processo de globalização. Se estima que existem na atualidade mais de 215 milhões de migrantes, e com o crescimento das desigualdades sociais no mundo, se faz imperativo uma maior consciência da necessidade de abordar questões relativas à migração para fazer eficiente a governabilidade e o manejo da migração internacional.

Sendo a migração um fenômeno que transcende a existência das fronteiras em um planeta globalizado onde a migração atingiu a todos os países, se faz necessária a discussão e promoção de planos entre os governos para lograr o desenvolvimento de políticas públicas que garantam os direitos humanos de quem por diferentes motivos sai de seu território de origem. A promoção, difusão e sensibilização dos povos sobre a migração ajudam a criar consciência sobre os motivos, causas e condições de vulnerabilidade que sofrem os imigrantes num território e numa cultura diferente, ficando em muitos dos casos sem um resguardo real de seus direitos.

Na mesma matéria podemos observar como o chamado de alerta se faz em diversos parágrafos, ao referirem-se ao estado Amazonas onde “os impactos tendem ser maiores com uma migração em massa” (*ibid*). Certamente o número de migrantes venezuelanos em estes últimos anos tem sido o maior da história de este país, ainda assim o Brasil não é, segundo cifras oferecidas pelos organismos internacionais, uns dos primeiros destinos para estes imigrantes.

A diferença da linguagem é uma das causas porque não decidem ficarem nesta nação. Alguns outros países que já temos nomeado no primeiro capítulo do trabalho de pesquisa encontram-se nos primeiros lugares da escolha: Colômbia, Peru, Equador, Estados Unidos de América, Argentina, Chile, Espanha, e depois seria o Brasil. Isso está certificado pelas cifras oferecidas pelas instituições nacionais que cuidam da entrada migratória em cada um desses países e de organizações internacionais como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os imigrantes (Acnur).

Continuando com a leitura da matéria é interessante ver que ao final da notícia se faz citações do jornal A Crítica nas colocações em torno a este fluxo migratório, dito pelo Procurador da República Fernando Soave “os impactos social, ambiental e econômico da migração de venezuelanos pelos Estados da Região Norte brasileira é resultado da ausência de

políticas públicas de migração em nível nacional, estaduais e municipais no Brasil” (*ibid*). Menção que chega um pouco tarde na notícia, mas em hora boa, para tentar ter uma panorâmica mais equilibrada do acontecimento.

Na exposição dos significados das estratégias de sobrevivência utilizadas em território brasileiro pelos imigrantes indígenas venezuelanos pode-se resumir em uma população de famílias pedintes, devido a que é uma atividade que realizaram desde o momento de sua chegada a fim de suprir suas necessidades mais urgentes, igualmente foram identificados como coletores de doações e vendedores de artesanato ainda que esta última fosse pouco explorada essa pratica comercial, também foram mencionados como uma ameaça à Amazonas sem esclarecer que não eles como seres humanos, mas se possivelmente a crise que afeta ao país vizinho, entre outro dos significados que foram atribuídos aos Warao foi objetos da caridade de que eles mesmos pedem ajuda como quanto do governo que solicita quantidades de dinheiro ao Governo Federal para acolher aos imigrantes indígenas que cada dia era mais.

Esta colocação midiática dos imigrantes ante a comunidade de Manaus abre a possibilidade de uma predisposição e rejeição desta população, além de incentivar a sentimentos xenofóbicos que podem ser prejudiciais para a convivência dentro da cidade.

3.2.3. O significado do processo migratório dos indígenas venezuelanos como expressão da Questão Social.

Os imigrantes indígenas venezuelanos que chegaram a Manaus são vítimas das desigualdades sociais, ao não ter muitas oportunidades de inserir-se por sua condição de imigrantes pertencentes a um grupo minoritário na sociedade, não encontrando vender sua força de trabalho em um sistema em crise que não oferece oportunidades, a não ser como dependentes de um sistema assistencialista e governamental que também não responde as necessidades deles.

“Questão Social apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade”. (IAMAMOTO, 2007, p.27).

O governo se vê na obrigação de assistir aos imigrantes, sendo que estes fazem parte da questão social à que eles devem dar atenção, assim foi que no mês de maio de 2017, já 350

indígenas venezuelanos da etnia Warao estavam vivendo na Rodoviária, no centro e na zona leste de Manaus, declarando-se assim estado de emergência social através do decreto n 3.689¹⁵, de 04 de maio de 2017, feito pelo prefeito da cidade, Arthur Neto, documento que serviu para pedir recursos ao Governo Federal ao fim de dar assistência aos imigrantes indígenas venezuelanos.

Obrigação que está na Constitui o Federal nos artigos:

Art. 1  A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

III - a dignidade da pessoa humana;

Art. 4  A República Federativa do Brasil rege-se nas suas rela es internacionais pelos seguintes princípios:

II - prevalência dos direitos humanos;

Na sequência de nosso análise de conteúdo, em maio e por meio da matéria publicada em outro jornal D24/AM, ordenou-se a investiga o sobre a participa o de coiotes vinculados   vinda dos indígenas venezuelanos ao estado Amazonas, sendo expressa a preocupa o da viola o dos direitos humanos destes indígenas venezuelanos que imigraram ao Brasil. O chamado foi feito pelo prefeito Artur Neto   Polícia Federal, a fim de investigar a situa o que infringe a legalidade dos indígenas venezuelanos no Brasil, além da vulnerabilidade e os riscos aos que estão expostas estas pessoas.

Depois da morte de vários indígenas Waraos, entre eles uma criança de 9 meses o dia 14 de maio de 2017 por pneumonia; um adulto por causa não definida; e um bebe por uma infec o generalizada iniciada a partir de uma catapora, o Ministério Público Federal (MPF) emitiu um chamado aos três entes Federativos, União, Estado e Município para fazer um chamado de aten o a fim de brindar prote o e assistência aos imigrantes indígenas, reconhecendo-lhes como uma popula o vulnerável e como cidadãos com direito ao abrigo, alimenta o adequada, água potável, assistência medica e vestuário.

15DECLARA situa o de emergência social no Município de Manaus, devido ao intenso processo de imigra o dos indígenas da etnia Warao, oriundos da Venezuela, acampados em área pública, submetidos   situa o de risco pessoal e social, em especial, crianças adolescentes e idosos.

O Plano emergencial integrado entre os diversos órgãos públicos para o atendimento à saúde dos indígenas precisava ser disponibilizado com a adoção de medidas consistentes para esta população a fim de atender a demanda na matéria, devido a que mais de 400 indígenas se encontravam morando próximo na Rodoviária de Manaus e em quartos alugados no centro da cidade em condições precárias de salubridade.

Depois do chamado do MPF de atender a saúde dos imigrantes indígenas venezuelanos, foi publicada pelo jornal online D24am uma matéria intitulada: “Resistencia transforma atendimento de imigrantes em desafio” (MEDEIROS, 19 de maio de 2017). Certamente a cultura e o modo de vida destes indígenas têm muita diferença com a população que acostuma atender o pessoal da saúde. Eles esperavam maior cooperação por parte dos indígenas, que não estavam acostumados ao atendimento, mais ainda com pouca comunicação devido à linguagem.

A palavra resistência, que destaca na matéria antes mencionada, para quem oferece atenção na área da saúde a uma população de migrantes indígenas não são apropriadas para identificar o choque de tentar de oferecer um atendimento humanizado a população descrita, respeitando e compreendendo as diferenças culturais implícitas, Entender a diferença do outro e mostrar empatia, permite estar em condições de igualdade e não de superioridade, situação que impossibilita uma melhor acessibilidade à outra pessoa.

A queixa pela falta de histórico vacinal, de documentação é o que o pessoal da saúde chamou de resistência cultural, e o que eles disserem não contribuiu a melhorar seu trabalho. O significado atribuído a estes imigrantes indígenas é de pessoas que se resistem a receber uma atenção ou cuidado por médio dos órgãos competentes, que reagem contra ou se opõem. Repassar essa mensagem pela mídia, sem compreender a situação deles, é reforçar o preconceito. O reagir deles não significa que não queiram ser atendidos senão que para eles é um ato de intromissão no seu espaço e à forma deles cuidar da sua saúde.

Esse tipo de informação, sem esforço na compreensão do problema, constitui sim um desafio para os órgãos competentes e para os indígenas que precisam formas de comunicação mais efetivas para se abrirem e aceitarem o jeito de agir do outro. Modificar uma estrutura de pensar, para passar a permitir que se toque ou avalie o seu corpo de uma maneira diferente a aquela que eles já estão acostumados, pode deixar no senso comum a impressão que não merecem nada, ainda tendo eles o direito a receber atenção por parte do pessoal da saúde.

O dia 21 de maio do ano 2017 já eram mais de 450 imigrantes indígenas venezuelanos da etnia Warao em Manaus, então o governo desenvolveu um plano de política de migração e refúgio para “lidar com esses indígenas, que migram para a capital” (MEDEIROS, 21 de maio de 2017) com palavras textuais da imprensa regional. Ao buscar o significado da palavra lidar, pode parecer muito sutil, mas indica suportar, batalhar com algo ou com alguém, quando o dever do governo é proteger e cuidar que se garantam os direitos que lhes correspondem como cidadãos.

O termo refugiado é outro dos significados atribuído aos indígenas venezuelanos em diversas matérias, quando nenhum deles é formalmente um refugiado no Brasil. A maioria deles sim fizeram uma solicitude de refúgio perante o Comité Nacional para os Refugiados (CONARE) na respectiva sede da Polícia Federal, casos que se encontram em aberto, mas sem ter ainda a condição legal de refugiados no Brasil, devido a que essa condição é só emitida depois que o Comité analisarem a solicitação.

No ano 2017, o Coordenador do Conare, Fernando Laferté, informou que são 86 mil estrangeiros aguardando resposta sobre refúgio e a instituição somente tem 14 funcionários para avaliar os pedidos. (FRANCO, 2018).

A abordagem de certas informações na imprensa precisa de ter conhecimento amplo sobre o tema a ser transmitido, de não ser assim cometem-se erros que podem induzir o preconceito a opinião pública e construir de maneira enviesada os imaginários sociais de uma população determinada.

A Organização não Governamental Conectas, junto ao Alto Comissariado para as Nações Unidas (Acnur), cientes do impacto da imprensa sobre a sociedade na adaptação da população que imigra como a que recebe ao imigrante, iniciou um trabalho de formação e adestramento aos jornalistas dos diferentes meios de comunicação em alguns dos estados do Brasil, tendo nos primeiros lugares Boa Vista, capital de Roraima; e Manaus, capital do Amazonas, por serem as cidades que atualmente recebem o maior fluxo de imigrantes venezuelanos e onde é necessário um redirecionamento do papel que devem cumprir os distintos meios de comunicação, sua função e responsabilidade social.

No seminário *Imprensa no combate à xenofobia contra refugiados e migrantes* realizado em Manaus o dia 17 de setembro de 2018, os profissionais da comunicação receberam

informação sobre os erros que podem ser cometidos ao tratar o tema da migração. Entre os pontos tratados podemos mencionar:

- Confusão com termos: migrantes, refugiados, exilados políticos:
- Uso de termos pejorativos
- Tomar o indivíduo pelo grupo
- Sempre pautas negativas
- Uso de dados de forma enviesada
- Identificação de refugiado
- Pouca ou nenhuma variação de fontes consultadas
- Dados imprecisos

Esse tipo de iniciativa ajuda diminuir a linguagem agressiva, pejorativa e enviesada usado na mídia no tratamento do tema migratório, mas ainda precisam-se maiores esforços neste sentido, ao fim de continuar trabalhando para que os meios de comunicação cumpram a função de serem mediadores de paz na sociedade. Não somente nesta matéria senão também na divulgação dos conflitos por ideologias, doutrinas políticas e econômicas, além da má administração e corrupção, entre outras.

Resumindo o presente subitem, o significado do processo migratório dos indígenas venezuelanos como expressão da Questão Social se atribuem a eles a partir de que o governo federal, regional e municipal assume a situação dos imigrantes indígenas venezuelanos como uma emergência social, reconhecendo que se trata de uma população vulnerável, mas que também se constituem como cidadãos de direito, além destes significados reconhecidos na escrita da mídia também destacaram alusões como resistentes à atenção médica e como refugiados, condição legal que não corresponde a seu status migratório atual, já que ainda sejam solicitantes de refúgio no Brasil a condição de Refugiados o Comité Nacional para os Refugiados (CONARE) demora anos em conceder.

3.3 A Imagem dos venezuelanos a partir da Difusão Midiática

No propósito de verificar qual foi o imaginário criado sobre os imigrantes indígenas venezuelanos por meio das fotografias que acompanharam as 19 matérias dos jornais A Crítica e D24 desde o mês de fevereiro até agosto do ano 2017, se decidiu fazer uma análise a partir de modelo de Laswell Harold, que tem concepções condutivistas ou behavioristas, dominadas pelo panorama científico da época nas quais pretendiam explicar o comportamento das massas perante distintos estímulos.

Trata-se de um modelo basicamente descritivo cuja finalidade é estabelecer os âmbitos da análise dos atos comunicativos os quais poderiam ser descritos a partir de responder cinco interrogantes: Quem diz? Que diz? Que canais? A quem? Com que efeito?

Nesta sequência de perguntas, resumimos: um, os centros de atenção- que desde então, não foram mais abandonados - na pesquisa sobre os efeitos das mensagens de mídia, isto é, respectivamente, a análise de profissionais-comunicadores da mídia, do conteúdo da mensagem, o tipo de meio, do público e dos efeitos; e dois, se resumem os diferentes frentes nos que deve encontrar-se a causa ou causas dos efeitos das mensagens da mídia. Seu modelo coloca a mídia trabalhando no meio de diversas condições e alguns estranhos aos mesmos meios. (BRETONES, 1997 p.25)

Lasswell associa, na interpretação das funções da mídia, as três tarefas básicas exigidas para a manutenção do sistema social que a mídia realiza:

"(...) a) vigilância do meio ambiente, revelando ameaças e oportunidades que afetam a posição de valor da comunidade e seus componentes, b) correlação dos componentes da sociedade para responder ao meio ambiente: c) transmissão do legado social".

Nas análises serão determinadas sim as imagens tem relação com as mensagens do título e do conteúdo da matéria, além de ver si ela reforça o título, seu conteúdo e os significados que foram atribuídos neles, ou em cambio reforça-o outras ideias já tratadas noutras matérias, reforçando assim significados específicos para fixação na mente do receptor da imagem.

Também serão identificados em dois subitens os significados atribuídos aos indígenas a partir das imagens de seis fotos que foram escolhidas a partir dos distintos momentos que viveram os imigrantes indígenas venezuelanos no período já mencionado anteriormente, sendo verificado se coincidem ou não com os significados já encontrados no título como no conteúdo das matérias. Os subitens serão o Objeto da Caridade e Objeto da Questão Social.

Nas perguntas feitas por Laswell para a análises das imagens se tomarão em conta especialmente Que diz? E Com que efeitos? Devido que as primeiras perguntas: Quem diz? Que canais? E, A Quem? Já tem sido respondida, conhecendo que quem diz são os meios de comunicação regionais A Crítica ou D24 por meio de seus jornalistas e fotógrafos identificados em cada uma das citações apresentadas. Os canais que foram utilizados são o jornal impresso no caso da A Crítica e o canal online correspondente ao jornal digital D24. O A Quem? Refere-se aos leitores destes meios de comunicação que moram na cidade de Manaus que consomem a informação que produz a mídia e são atingidos pelas ideias passadas por ela.

3.3.1. Imagem visual dos indígenas venezuelanos como Objetos da Caridade

Neste subitem se abordará como os emigrantes indígenas venezuelanos foram registrados desde o ponto de vista gráfico visual, como objetos da Caridade, sendo alvo de pessoas, ONG's e algumas instituições nos três primeiros meses desde que a mídia iniciara sua cobertura jornalística sobre estes estrangeiros. Para isso se escolheram três fotografias correspondentes a três matérias dos meses de fevereiro, março e abril do ano 2017. Nelas se observou o que diziam ou transmitiam ditas imagens, e quais são os possíveis efeitos que poderiam ter criado na população e no imaginário social, além de constatar si as imagens refletem os significados atribuídos no texto da matéria.

A imagem visual sempre foi importante na vida dos seres humanos, desde os primeiros registros históricos nós podemos ver sua participação tanto na comunicação como no registro dos acontecimentos. Desde o momento que é capturada a imagem a traves da fotografia se identificou a importância de inclui-la nos jornais junto às notícias, constatando ou ratificando a partir das imagens visuais o que já foi dito, e isso aconteceu pela primeira vez em 1.880 no Daily Graphic de New York, a partir desse momento a fotografia respalda as notícias publicitadas nos jornais impressos e também em formatos digitais, tomando relevância na medida em que registrava os acontecimentos mais importantes da nossa história.

A fotografia ao igual que a matéria escrita também conta a sua história com elementos visuais que passam uma informação além das palavras, a qual há evoluído tecnologicamente desde sua aparição, junto a essa melhora na imagem, na sua impressão e os meios de transmissão a partir da internet tem feito indispensável na hora de produzir e divulgar algum fato confirmando e reafirmando o que já foi dito com as palavras.

O impacto cultural da fotografia nos últimos cento e cinquenta anos, tanto em si como na forma de imagens visuais em movimento, derivou dela, foi imenso e alterou completamente o ambiente visual e os meios de troca e informação de uma grande parte da população do mundo (...). Quase todos nós a usamos diariamente na forma de ilustrações, recursos mnemônicos ou substitutos para os objetos representados por seu meio. (GASKELL, 1996, p. 212)

A imagem visual (neste caso a fotografia) ao igual que o texto tem um autor, alguém que quer transmitir através dela uma mensagem, um conteúdo que vai estar orientado segundo a visão, critério, técnicas e outros elementos visuais que construam uma mensagem conforme com quem elabora a fotografia. Essa imagem que acompanha as matérias jornalísticas deve possuir atributos e estar carregada de atualidade, veracidade, coerência, interesse social, estética, assim como planos fotográficos que se adequem ao que se quer transmitir. A fotografia que é uma representação da realidade deverá ser interpretada por um público que julgará segundo a sua interpretação a ideia que quis ser comunicada pelo autor.

A verdade está nas ideias, e não no mundo visível e dos sentidos. A fotografia é verdade ou falsidade, só na medida em que representa uma ideia, verdadeira ou falsa, segundo a interpretação de quem ou quem a veiam (CAPISTRAN).

O fotógrafo que faz jornalismo deve ter uma sensibilidade social e uma formação que permita identificar os elementos culturais de uma sociedade, a fim de transmitir uma mensagem visual que tenha um valor para essa comunidade, que consiga transmitir as realidades de forma eficiente e com um discurso visual que reconheça a sua idiosincrasia por meio da fotografia.

[...] los fotógrafos latinoamericanos se encuentran en la necesidad de ser también etnógrafos, sociólogos y antropólogos culturales más a menudo que los fotógrafos europeos o norteamericanos, los cuales trabajan en ambientes culturales aparentemente más homogéneos.” (ZAMORA 2017, p. 298).

O que Zamora quer expressar é que em nossa geografia latino-americana existe uma variedade cultural e étnica que nos exige uma maior compreensão das diferenças e características próprias, as quais não se podem homogeneizar porque isso seria não reconhecer-lhes e aceitar que cada uma tem qualidades e formas próprias de expressar sua identidade.

A terceira figura, e primeira imagem a analisar corresponde à primeira matéria publicada o dia 8 de fevereiro do ano 2017, que tem por título “Vimos para comer”, esta informação foi colocada na portada do Corpo C, que corresponde a CIDADES do Diário A Crítica. Este corpo traz para a população toda a informação referente aos problemas e situações que podem

interessar ou afetar ao cidadão e à cidade como o lugar onde ocorrem as relações de vida e ação social de todos os que a habitam.

Esta notícia abarcou um 90% da página, o espaço e lugar reservado para as matérias e suas fotografias mostram sua importância e relevância informativa. A matéria foi acompanhada de três fotografias. Uma delas tem principal destaque e ocupa o 50% do espaço da matéria com o título imerso nela. A fotografia mostra um plano geral da Rodoviária de Manaus, com uma imagem em primeiro plano que corresponde a uma mulher, a mesma que declara que “viemos para cá porque não temos o que comer na Venezuela” (SEIXAS, 8 de fevereiro de 2017, p. C).

Ela é uma indígena com as características fisionômicas próprias da sua raça, ao fundo da imagem se apreciam, não nitidamente, outras pessoas que acompanham ela, uma sentada no chão e o outro deitado, sendo que o grupo de emigrantes indígenas venezuelanos que ocupavam as adjacências da Rodoviária era de 20 pessoas incluindo crianças, homens e mulheres. Eles se encontravam ao redor dos poucos pertences que tinham e uma lona para resguardar-se de possíveis chuvas e exposição a tudo o que os rodeia. Esta fotografia pode confirmar alguns dos significados atribuídos a eles que foram encontrados no análise de conteúdo, como Moradores de Ruas, pelo fato de não ter um lugar onde morar.

Outro significado transmitido a partir da imagem fotográfica é de População Vulnerável, exposta a qualquer perigo e a condições climáticas como chuva ou calor intenso que caracteriza a cidade, sem as condições básicas para viver, condicionados à ajuda que possam receber sendo assim objeto de caridade e benevolência.

O que diz a notícia sobre estas pessoas é que estão necessitadas dos suplementos básicos para sobreviver e que não tem nenhuma proteção ou plano social que até o momento os estejam atendendo. Também comunica que a situação do país vizinho é tão crítica que comunidades originárias protegidas faz muitos anos pelos governos tem se visto na necessidade de se deslocarem a outros países para conseguir subsistir, sensibilizando assim à comunidade geral, a centros religiosos e ONG's, e cita o caso do movimento Mais Amor, que segundo o jornal surpreendeu aos indígenas ao levar para eles roupas, medicamentos e alimentos.

O efeito também produzido pela matéria alude a um grupo de desconhecidos que tomam a cidade como refúgio. Isso gera incertezas na população local em quanto a como será a evolução da incorporação dos novos habitantes da cidade, já que eles vieram com muitas carências e necessidades.



Figura 3:
Título: “Viemos a comer”
Fonte: A Crítica, Evandro Seixas

A quarta figura da matéria escolhida foi publicada no jornal A Crítica o dia 6 de março de 2017, e leva como título “Indígenas Venezuelanos no Centro de Manaus”, ela foi publicada no corpo C, na página quatro (C4) do jornal abarcando 60% da página no lado superior, fato que sinala o destaque da informação. A matéria conta com duas fotografias muito similares que retratam a duas mulheres indígenas venezuelanas sentadas no chão. A primeira foto no lado esquerdo mostra a uma mulher jovem sentada no chão, com os pés descalços, sozinha com uma criança recém-nascida no colo.

O plano geral da fotografia mostra o espaço onde está situada a mulher sinalada pelo jornal como Maritza del Valle. Ela se encontrava na Rua José Clemente do centro de Manaus, no conteúdo do jornal relata como ela “aparentava preocupação e medo” (VALOIS, 6 de março de 2017, p. C4). Por sua parte a imagem logra captar esse sentimento da moça de 21 anos, que segundo sua declaração ao meio não soube dizer sobre o paradeiro do pai da criança afirmando que chegou sozinha a Manaus devido à forte situação que se vive na Venezuela.

Na informação se usa pela primeira vez a frase “família de pedintes” atribuindo o significado para os indígenas, em sua maioria mulheres que junto com seus filhos pediam dinheiro nas ruas do centro da capital amazonense, onde outra das entrevistadas assegurou que

com a colheita desse dinheiro garantia uma noite de hotel para ela e seus filhos além da comida, já que eles não contavam com nenhum apoio.

A vulnerabilidade volta a ser um significado transmitido a partir das imagens e do conteúdo da matéria, devido a que mulheres com crianças pequenas (população vulnerável) são as protagonistas desta informação. Assim é como essa informação comunica a população e autoridades governamentais a situação precária e de risco que padecem estes indígenas da Venezuela nas ruas de Manaus.

A impressão ou efeitos causados a partir desta matéria e imagens na população poderiam ser várias, uma delas tem a ver com a sensibilização das pessoas ante o grupo desprotegido, volvendo eles um objeto de caridade a causa de sua desventura. Por outra parte o fato de ver esse “drama das famílias pedintes” (VALOIS, 6 de março de 2017, p. C4) como uma ação de bagunçar a cidade, pode produzir uma percepção de miséria a partir da chegada de estranhos gerando rejeição do grupo. Surge também a comparação com os anteriores imigrantes haitianos, diminuindo assim aos indígenas venezuelanos, por quanto não foi comum o ato de pedir nos imigrantes haitianos. Sendo assim que não se produz um entendimento das condições migratórias de cada país, assim como de suas diferencias culturais.



Figura: 4

Título: Indígenas Venezuelanos no Centro de Manaus

Fonte: A Crítica, Eurivaldo Queiroz

A quinta fotografia selecionada neste subitem corresponde a uma matéria publicada o dia 4 de abril de 2017 e tem como título “Sem previsão de retorno”, localizada no corpo C, pagina

5 e abarcando o 60% da folha encontramos uma matéria publicada três meses depois da primeira visualização. Nela se informa da chegada dos imigrantes indígenas venezuelanos, destacando na parte central da notícia duas fotografias a grande escala, onde é identificada a primeira imagem duas indígenas da etnia Warao sentadas no chão da rodoviária. Esta fotografia seguramente foi feita para a primeira matéria que abordou a temática dos imigrantes indígenas venezuelanos o dia 8 de fevereiro do ano 2017, sendo que foi tomada no mesmo lugar, aparecendo à mesma mulher com a mesma roupa, só que em uma postura diferente e acompanhada de outra.

O título da matéria fala da permanência dos imigrantes indígenas venezuelanos em Manaus, mas não de uma forma positiva, é como o anúncio da possibilidade frustrada do retorno a “suas terras de origem” como assinala o ante título. O conteúdo da notícia se baseia nas declarações da Secretária da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania (Sejusc) Graça Prola, quem afirma que a decisão de não liberação dos ônibus que levariam aos indígenas foi do Ministério Público Federal (MPF), e que era preciso esperar resposta da Presidência da República para o transporte dos imigrantes.

É importante mencionar que depois de três meses da chegada dos imigrantes indígenas venezuelanos, a situação na cidade para eles e para o governo se complicava com a possível chegada de mais venezuelanos. A inexperiência e o despreparo no trato com estes imigrantes indígenas foram, e são ainda, um desafio para as instituições do governo, e dado ao interesse dos indígenas de voltar a suas terras o governo local e regional tinha a intensão de apoiar o desejo deles, sem tomar em consideração as implicações de segurança e direitos humanos que poderiam ser atingidas com uma viagem de retorno, o tempo tem dado a razão ao MPF, a causa da não melhora e critica a situação atual do país vizinho.

O significado de população vulnerável se reafirma nesta matéria, já que eles mesmos não logram uma cobertura das necessidades básicas como comida, hospedagem, roupa, saúde, educação. A instabilidade e insegurança de estas famílias obrigam ao governo a tomar decisões e criar políticas públicas em função da restituição de seus direitos humanos.

O jornal teve a intenção de enviar uma mensagem específica ao público leitor, destacando que a oportunidade dos indígenas regressar e já não ser parte da problemática social da cidade não foi alcançada devido a uma decisão Federal, mas ainda deixou a situação como expectativa nas mãos da Presidência da República ao dizer que “Sejusc espera resposta da Presidência da

República para o transporte aos imigrantes a suas terras de origem” (VALOIS, 4 de abril de 2017, p. C5).

Um dos possíveis efeitos que poderia ter gerado a matéria, principalmente seu título, é a sensação de que o problema social que pertence a outro país vai permanecer ainda na cidade. O título por si só não explica que o frustrado retorno dos indígenas só ia ser possível para um grupo deles, criando a falsa expectativa que com esse retorno a situação dos imigrantes indígenas venezuelanos nesse momento acabaria. Também poderia ter causado na população a impressão de que o governo regional quis solucionar a situação para a população local, mas que o Governo Federal não o permitiu.



Figura: 5
Título: Sem previsão de retorno
Fonte: A Crítica, Evandro Seixas

Em sínteses a imagem visual dos indígenas venezuelanos como objetos da caridade se evidencia ao ver as imagens de seres humanos despojados de suas terras, em uma sociedade que não é a sua e desprotegidos, morando na rua, contando com a disposição de instituições religiosas, Ong's, sociedade em geral e do governo que presta auxílio ajudando a suprir necessidades de alimentação, vestuário, entre outras.

3.3.2 Imagem visual dos indígenas como objeto da Questão Social

Neste subitem observaremos três fotografias que acompanham as matérias do jornal digital D24 que correspondem aos meses de maio, julho e agosto, nelas a permanência dos imigrantes indígenas venezuelanos na cidade se converte em objeto da Questão Social, e assim é abordada pelas instituições do governo, que fazem esforços por conter a problemática social, alguns acertos e outros desacertos serão avaliados seguramente em futuras pesquisas, por em quanto veremos se os significados atribuídos aos primeiros meses de sua presença na cidade se mantem ou não e se os jornalistas e repórteres gráficos acompanham o conteúdo das matérias com imagens próprias que falem ou transmita de alguma forma a evolução desta situação acontecida com a chegada dos imigrantes.

A chegada dos primeiros imigrantes indígenas venezuelanos a Manaus se originou o dia 5 de dezembro de 2017 segundo as declarações da Secretaria da Sejusc, Graça Prola, “A assistência e o levantamento de dados e análises de documentação iniciaram em janeiro” (VALOIS, 4 de abril de 2017, p. C5). No mês de fevereiro quando o jornal A Crítica e D24 entre outros meios de comunicação, incluindo as redes sociais, inicia sua cobertura a esta temática, esta situação começa a tomar força entre a opinião pública da região. O fato de ser publicitado repetidamente na mídia concreta seu espaço dentro da questão social tal como afirma Bretones (1997 p.50).

A maioria dessas questões começa a existir - para aqueles que não são diretamente afetados - porque aparecem na mídia; seu fim como uma "questão social" vem quando a mídia deixa de relatar por um tempoe, em alguns casos, não há "problema social" se a mídia não les relatam isso.

A sexta figura publicada o dia 28 de maio de 2017 leva por título “Famílias venezuelanas com criança no colo terão prioridade em abrigo”, devido a que se trata de um jornal online o espaço, ainda importante pela informação que abarca a matéria e como é desenvolvida, não tem muita limitação como no caso do jornal impresso.

Esta matéria foi publicada dias antes do traslado dos imigrantes indígenas venezuelanos ao abrigo localizado no bairro Coroado da cidade de Manaus. No conteúdo se percebe a ação desenvolvida pelos órgãos responsáveis de dar acolhida aos imigrantes questões como o acondicionamento do espaço e a dotação da mobília foram informadas na matéria, a Secretaria da Sejusc, Graça Prola, é novamente a porta-voz na notícia. Ela afirmou que “Não é só do prédio que precisamos. Temos que dotar o local de condições adequadas para que seja, realmente, considerado um abrigo e para que possa atender, de maneira digna, as necessidades das famílias (...)”.

A organização das famílias para seu traslado ao abrigo é o relevante na informação, já que informa que terão prioridade aqueles que tenham crianças recém-nascidas o que tem direta relação com o título da matéria. A fotografia que acompanha a informação retrata as condições como os indígenas estão morando antes de seu traslado ao abrigo, principalmente as mulheres e as crianças. É muito chamativo que o plano fotográfico escolhido pelo repórter gráfico esta por embaixo do nível dos adultos, ele desceu ao nível das crianças, onde se pode observar as coberturas que utilizavam para cobrir os colchões onde dormiam as crianças, a imagem dos pequenos ressalta fazendo assim sintonia com a informação oferecida.

Nesta matéria tanto o título, conteúdo e imagem comunica a vulnerabilidade desta população, insistindo como um significado atribuído a eles. Aqui já é evidente a participação ativa a participação do estado no atendimento a este grupo social ficando evidente seu significado como parte da questão social que assume e cuida as instituições do governo, também é expresso na matéria que se trata de cidadãos que possuem direitos à alimentação, moradia, saúde, e que devido a sua vulnerabilidade o governo tenta restabelecer esses direitos básicos para sua subsistência.

A citada notícia em geral comunica ao leitor que o estado está assumindo sua responsabilidade no tratamento dos imigrantes indígenas venezuelanos, que estão oferecendo uma acolhida digna, e coloca um prazo de 12 meses para oferecer sustento a este grupo de pessoas. Ainda que a informação não brinde detalhe do número de imigrantes que terão acesso ao abrigo, pela cifra oferecida do número que estão na cidade “mais de 520 venezuelanos chegaram à capital até o momento” junto com a organização da movimentação a partir dos grupos priorizados, se infere que muitos ficarão ainda sem abrigo.

A fotografia por sua parte comunica a necessidade das crianças a terem uma maior proteção e cuidado devido a que suas condições não são conforme aos direitos que elas possuem, o perigo de viver na intempérie em condições mínimas de salubridade faz urgente a intervenção que o governo está procurando por meio do abrigo.

Os possíveis efeitos que pode ter esta informação podem variar de acordo ao imaginário construído em torno a esta situação. O leitor pode apreciar o atendimento oferecido por meio do governo a esta população necessitada, ou pelo contrário se não concorda com a chegada dos imigrantes na cidade e tem pouca compreensão de sua cultura e vulnerabilidade. A crítica aos cuidados e gastos econômicos, a sensação de descuido de outros problemas por atender aos estrangeiros, também poderia ser um efeito criado pela notícia.



Figura: 6

Título: Famílias venezuelanas com criança no colo terão prioridade em abrigo

Fonte: D24am, Sandro Pereira.

A sétima figura corresponde a uma matéria publicada o dia 19 de maio do ano 2017 intitulado: “Resistencia transforma atendimento a imigrantes em desafio”. A informação se realiza a partir de um atendimento feito pela equipe técnica da Secretaria Municipal de Saúde (Semsu). O título da matéria alude à dificuldade por parte dos profissionais da saúde no momento de brindar atendimento aos imigrantes.

Na matéria são atribuídos significados como Resistencia Cultural, o que denota a inexperiência no atendimento a outras culturas e a limitada compressão de seus rasgos culturais. Isso, junto à situação traumática e de câmbios que eles vêm vivendo, cria desconfiança no desconhecido. A palavra “Resistencia” refere que os indígenas são uma comunidade que não coopera ou não se sujeita às normas e aos tratamentos de saúde que se realizam na cidade.

Além da dificuldade apresentada na atenção médica aos indígenas, o serviço médico e a responsabilidade adquirida pela Secretaria da Saúde, a matéria mostra o compromisso com a questão social que neste momento se manifesta com a situação vulnerável dos imigrantes. Esta atenção medica se realizou 10 dias antes da mudança de local para o abrigo preparado para eles no bairro Coroado de Manaus, aonde foram levados e atendidos.

A informação tem o propósito de comunicar o cumprimento ao chamado de atenção que fizera dias atrás o Ministério Público Federal, órgão que cobrou da Secretaria da Saúde o atendimento dessa população. Dita demanda foi feita pública dia 16 de maio de 2017, onde por

este mesmo meio de comunicação foi publicada uma notícia intitulada “MPF/AM cobra ações de saúde a imigrantes venezuelanos”.

A referida notícia poderia refletir incompreensão à atitude dos indígenas. A imagem em um plano médio mostra as três funcionárias da equipe de Saúde, provavelmente enfermeiras, tentando colocar uma vacina em uma das indígenas venezuelanas, mas a fotografia não mostra resistência nenhuma da paciente.



Figura: 7

Título: Resistência transforma atendimento a imigrantes em desafio

Fonte: D24am, Girlene Medeiros

A oitava figura analisada neste item foi publicada o dia 10 de julho do ano 2017, e leva como título: “União avalia medida de auxílio a imigrantes”. Essa matéria deu cobertura à visita do Ministro de Justiça e Segurança Pública, Torquato Jardim, ao abrigo acondicionado para os imigrantes indígenas venezuelanos em Manaus.

A diferença das outras matérias, um significado identificado foi que os imigrantes já não somente são observados como uma questão social, senão como uma questão humanitária, que levou ao ministro a enfatizar que se trata de um caso especial que precisa da União para ser atendido de forma adequada a situação que descreveu como “muito crítica”.

Outro dos significados atribuídos é o de refugiado. O fato dos imigrantes estarem num abrigo não da condição legal de refugiados, é um termo que não tem sido bem utilizado para referir-se a estes imigrantes, como já se tem explicado anteriormente no trabalho.

O título não expressa diretamente a visita do ministro ao abrigo dos imigrantes, mas o conteúdo do mesmo quanto à imagem que acompanha, faz menção da visita feita pelo ministro Torquato Jardim o dia oito de julho de 2017, e do dito pelo representante do Ministério de Justiça e Segurança Pública. Fala também sobre a inversão feita para atender esta questão, também reconhece o trabalho do estado de Amazonas e da prefeitura no atendimento aos imigrantes, além disso, assegurou que o governo avalia medidas para solucionar a situação.



Figura: 8

Título: União avalia medida de auxílio a imigrantes

Fonte: D24am, Valdo Leão/ Secom

Ainda que o primeiro plano da figura selecionada esteja destacado a imagem do ministro em sua visita ao abrigo, conforme pelo trabalho feito no estado Amazonas, a imagem de fundo transmite a partir dos semblantes dos imigrantes a incerteza de um amanhã e a consciência de estar abrigados por um tempo que acabará e ao qual deverão fazer frente longe de suas terras.

Em resumo a Imagem visual dos indígenas como objetos da Questão Social se constrói e a partir da relação do governo como garante dos direitos desta comunidade, se bem certamente na figura seis, os imigrantes indígenas ainda estão na Rodoviária, o momento do click fotográfico é prévio à mudança ao abrigo do Barrio Coroadó, tendo ademais a imagem uma relação direta com o Título da matéria, onde se assegura que pessoas com criança de colo terão prioridade no abrigo, reforçando assim a informação subministrada no conteúdo de dita matéria.

Na figura sete e oito se verifica a atenção do Estado em relação aos imigrantes indígenas venezuelanos constatando-os como objetos dessa expressão da questão social. Sendo que na figura sete o conteúdo ou alguns dos significados atribuídos aos indígenas foram negativos,

identificando-os como resistentes a atenção da saúde, a imagem por sua parte mostra ao pessoal da saúde cumprindo seu labor e a indígena recebendo a atenção oferecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Venezuela, dona de recursos naturais abundantes, com a maior reserva de petróleo do mundo, responsável por 96% das exportações, tem diminuída sua receita com a exportação de petróleo desde 2015 e aprofundando a já intensa crise humanitária nunca vivenciada em sua história, desdobrando-se em outros índices alarmantes: desemprego, incremento do trabalho informal, fuga de capitais, numa economia ‘tratada’ ao compasso do controle cambial.

Assim, a escassez e o alto custo dos produtos de primeira necessidade como alimentos, higiene pessoal, medicamentos etc. Passam a ser uma constante no dia a dia do povo venezuelano, aunado ao deterioro do sistema de saúde, educação e serviços básicos como água, transporte e energia elétrica, tudo como consequência inevitável de uma economia maquiada, mas nunca curada, que com outros elementos de decomposição política, social e econômica tem resultado numa crise humanitária que ameaça a vida de seus habitantes.

E é assim como neste processo de crise destaca, nestes últimos quatro anos o maior êxodo observado na Venezuela, com múltiplos fatores que fazem dele um fenômeno social característico do decaimento dos vinte uns anos do governo revolucionário de Hugo Chávez e seu sucessor Nicolas Maduro.

Por sua parte a emigração Venezuelana ao norte de Brasil, especialmente aos estados de Roraima e Amazonas tem tido traços chamativos e diferenciais, se trata da emigração de povoações antigas como comunidades indígenas, especificamente, à cidade de Manaus, que é onde se desenvolveu nossa pesquisa, a etnia Warao uma população oriunda do Delta do Orinoco que se deslocou a fim de buscar soluções a deterioração da saúde e alimentação, principalmente, que sofriam na Venezuela.

No análise das matérias jornalísticas veiculadas pela mídia amazonense sobre os imigrantes indígenas, comprovou-se que menos da terceira parte da informação exposta nos títulos deu visibilidade aos imigrantes como grupo indígena, e só um dos títulos, do dia 21 de maio de 2017 publicado por D24am, menciona aos Warao como grupo étnico que imigra ao Brasil, demonstrando a mínima visibilidade das etnias indígenas venezuelanas, inclinando significativamente a informação subministrada a uma homogeneização da população venezuelana indígena e não indígena.

Por sua parte, a informação apresentada no conteúdo das matérias em torno aos imigrantes indígenas venezuelanos da etnia Warao foi muito escassa e pouco frequente, evitando assim que foram conhecidos pela população de uma maneira mais ampla, permitindo assim maior empatia e aceitação.

Referentes às imagens, as matérias sempre estiveram acompanhadas de fotografias que retratavam a fisionomia e características gestuais, de comportamento e vestuário próprios da etnia indígena venezuelana Warao, alguns foram retratados no chão, com os pés descalços, outros nas redes, carregando alguns de seus pertences, com os pés ou as mãos cruzadas, outros de costas e em ocasiões mostrando seu rosto, carregando a suas crianças, falando entre eles, sem dúvida que as imagens falaram muito mais sobre os Waraos suas características e forma de ser que os textos oferecidos a partir das matérias dos jornais.

A mídia amazonense conseguiu repassar alguns significados atribuídos aos imigrantes indígenas venezuelanos da etnia Warao, em três tempos identificados na análise, o primeiro de sua saída e chegada a Manaus quando foram percebidos como pessoas famintas e moradores de rua.

No segundo tempo eles se viram na necessidade de aplicar estratégias de sobrevivência na cidade, ganhando outros significados divulgados pela mídia como famílias de pedintes, coletores de doações, ameaça e como vendedores de artesanato, significado este último que não foi suficientemente reforçado no tratamento jornalístico.

Já no terceiro tempo a imigração como expressão da questão social foi abraçada pela estrutura governamental, abarcando o governo Federal, Regional e Municipal, para atender e garantir os direitos básicos consagrados na Constituição do Brasil, determinando a dignidade Humana e prevalência dos direitos humanos. Os significados identificados nas matérias foram os imigrantes indígenas venezuelanos como emergência social, população vulnerável, cidadãos de direito, resistentes à atenção médica e refugiados.

Esta divisão apresentada em três momentos, desde as publicações informativas recolhidas, mostra uma iniciação no tratamento social, político e informativo a uma imigração com características próprias e muito definidas que a diferenciam do resto das migrações que a precederam nesta região, imprimindo assim uma necessidade de aprendizagem, planificação e execução de projetos específicos para atender a esta questão social apresentada na raiz da crise de um país.

A pesquisa apresenta uma mostra da importância do tratamento que a mídia repassa à população conseguindo criar a partir de suas informações e visão da sociedade uma imagem mental, que contribui à formação dos imaginários sociais a partir dessas realidades apresentadas no cotidiano.

As ideias que produzem sentimentos de rejeição, predisposição, xenofobia ou pelo contrário aceitação, empatia, tolerância, respeito pelo outro, em uma comunidade que recebem emigrantes podem ser reforçadas ou desconstruídas constantemente a partir desses imaginários sociais dos quais a mídia representa uma das instituições sociais que colabora na formação deles.

REFERENCIAS

- AGUADO J. Introducción a las Teorías de la Comunicación y la Información bloque III teorías y modelos de la comunicación colectiva. Sociedad de masas, cultura de masas y comunicación de masa. 2004, p.234
- APONTE C. La Situación Social de Venezuela: Balances y Desafíos. Caracas- Venezuela. ILDIS. 2012 p.20.
- ARAGON, L. E. A. (2009). *Aproximação ao estudo da migração internacional na Pan-Amazonia*. p. 11-37. In. *Migração internacional na Pan-Amazônia* /Luis E. Aragón (organizador). – Belém: NAEA/UFPA.
- BRETONES, M. Funciones y efectos de los medios de comunicación de masas: los modelos de análisis. Universidad de Barcelona, 1997.
- CAMPBELL, J.,(1989). “*El hombre gramatical. Información, entropía, lenguaje y vida*”. México D.F.: Editorial Fondo de Cultura Económica.
- CEGARRA J. (2012) *Fundamentos Teórico Epistemológicos de los Imaginarios Sociales*. Núcleo de Investigación de Estudios y Crítica Cultural de América Latina y el Caribe, Universidad Pedagógica Experimental Libertador (Táchira, Venezuela).
- COSTA, Fernando Braga da. Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. São Paulo. 2008.
- CORONEL G. Venezuela la agonía del subdesarrollo. Caracas- Venezuela. Litografía Melvin, 1990, p.202.
- DOUCET, A. V. Análisis de contenido de fotografías científicas de la naturaleza. *Revista General de Información y Documentación* 141 Vol. 24-1 (2014) 135-1.
- DORFMAN A; PACHECO C; FERNÁNDEZ S. (2014). *Plano Geoestratégicos, Migrações e Deslocamentos Forçados no Continente Americano*. Brasil. MOZÓN FLORES M. Prácticas Racistas a Grupos Indígenas Inmigrantes. 2014 p.156.
- FRANCO SANCHEZ L. Migración y Remesas en la ciudad de Ixmiquilpan. 2012. Facultad de Ciencias Sociales y Humanidades, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, Ixmiquilpan, 2012.
- GONÇALVES, A. A diversidade e os media na obra de Godfrey Reggio. *Media & Jornalismo*. Lisboa, vol.17 no.31. Dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14195/21835462_31_10>. Acesso em: 2019.
- IANNI, O. A Questão Social. IN: BOGUS, I, YASBEK, M.C, BELFIORI, W (Orgs). *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo: EDUC, 1997.

Informe Observatório de Violencia Venezolana (OVV) 2017. Disponible em: <https://observatoriodeviolencia.org.ve/informe-ovv-de-violencia-2017/>>. Acesso em: 10 de Novembro 2017.

KOHUT M. HERRERA I. Photographs by MERIDITH KOHUT. Disponible em: <https://www.nytimes.com/es/interactive/venezuela-hambre-desnutricion-ninos-maduro/>>. Acesso em: 2017.

KOTKIN J. La Ciudad Una Historia Global. 2.ed. Caracas-Venezuela. Editora RandomHouse-Mondadori, 2007. p.295.

LARES C. PERALTA R. Diáspora Del Talento Migración y educación en Venezuela: Análisis y Propuestas. Carabobo- Venezuela. Talven, 2015.

MATAMOROS, N. Más de 50% de los inmigrantes venezolanos se fueron por la inseguridad. Disponible em: http://www.el-nacional.com/noticias/sucesos/mas-los-inmigrantes-venezolanos-fueron-por-inseguridad_76852>. Acesso em: 2017.

MAYORA E. MP: 112 fallecidos y 1.934 lesionados durante cuatro meses de protestas en Venezuela. 27 julio, 2017. Disponible ><http://efectococuyo.com/principales/mp-112-fallecidos-y-1-934-lesionados-durante-cuatro-meses-de-protestas-en-venezuela>>. Acesso em 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

MIRALLES, R. La prensa escrita ante el desafío de los nuevos medios. Reflexiones Apuntes para una alfabetización necesaria. COMUNICAR 16, 2001; pp. 131-139.

OEHMICHEN, C. Los imaginarios de la alteridad y la construcción del chivo expiatorio: Trump y el racismo antimigrante. Revista pueblos y fronteras digital, vol.13 San Cristóbal de Las Casas, Disponible <<http://dx.doi.org/10.22201/cimsur.18704115e.2018.v13.344>> Acesso em: 2019.

PÁEZ URDANETA I. (1992). *Gestión de la inteligencia, aprendizaje tecnológico y modernización del trabajo informacional. Retos y oportunidades*. Caracas, Venezuela: Editorial Universidad Simón Bolívar.

PARKER DICK, (2008). Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales v.14 n.3 Caracas. *Chávez y la búsqueda de una seguridad y soberanía alimentarias*. Disponible em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-64112008000300007&lang=pt . Acesso em: 2019

QUEIROZ, M. I. P. (1993) *O Imaginário em Terra Conquistada* Centros de Estudos Rurais e Urbanos, textos Ceru, p.20.

PÉREZ J; MERINO M. *Definición de símbolo* Publicado: 2011. Actualizado: 2012. Disponible em: (<https://definicion.de/simbolo/>)>Acesso em: 01/02/2017.

PINTOS J. L. (2005) *Comunicación, construcción de la realidad e imaginarios sociales Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 10, núm. 29, abril-junio, 2005, pp. 37-65 Universidad del Zulia Maracaibo, Venezuela. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/279/27910293.pdf>> Acesso em:31/01/2018

SIDNEY A. DA SILVA. GLAUCIA O. (2016) *Em busca do Eldorado: O Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais*. Assis. Artigo: Intelectuais na Mata Atlântica Reflexões sobre migrações e mudança social. Alex Vailatt. Amazonas-Brasil.

TYLOR EDWARD B. (1871) Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Cultura>>Acesso em: 28/01/2018.

VENEZUELA. Ministerio del Poder Popular para los Pueblos Indígenas. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20140528104119/http://www.minpi.gob.ve/minpi/es/quienes-somos/mision-y-vision>> Acesso em: 2018

YASBEK C. (2001) *Pobreza e Exclusão Social: Expressões da Questão Social no Brasil*. Temporalis/Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. ABEPSS. Brasília-Brasil.

Roraima pede ao STF fechamento da fronteira com a Venezuela. Publicado em 13/04/2018 - 16:50 Por Alex Rodrigues - Repórter da Agência Brasil Brasília. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/roraima-pede-ao-stf-que-determine-fechamento-da-fronteira-com-venezuela>> Acesso em: 2019

Quien se queda aquí? Luís Vicente León. <http://www.el-nacional.com/noticias/politica/luis-vicente-leon-estamos-una-crisis-inducida-por-ideologia_221802> Acesso em: abril de 2018.

Informe 2017/2018 de Amnistia Internacional em Venezuela <http://www.amnesty.org/es/countries/americas/venezuela/report-venezuela>. Acesso em: maio de 2018.

El Foro Penal Venezolano cifró en 231 los presos políticos de la dictadura de Nicolás Maduro. Disponível em: <<http://www.infobae.com/america/venezuela /2018/02/01> > Acesso em: 2018